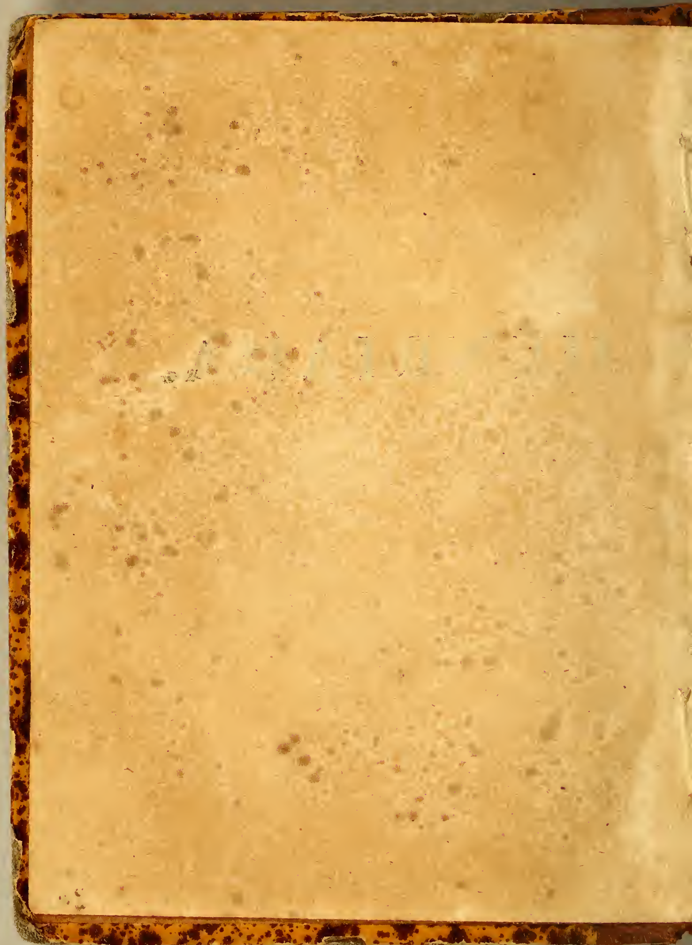



GAUDEO

12

HENRIADA.



HENRIADA

POEMA EPICO,

COMPOSTO NA LINGUA FRANCEZA

POR

Mr. DE VOLTAIRE,

Traduzido, e illustrado com varias notas na Lingua Portugueza

POR

THOMAZ DE AQUINO
BELLO E FREITAS,
MEDICO FORMADO
PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

TOMO I.

NOVA EDIÇÃO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO M. DCCC. XII.
Com licença.

. . . . . Incedo per ignes
Suppositos cineri doloso.

Eu caminho por cima do fogo escondido
debaixo da enganadora cinza.



PREFAÇÃO

DO EDITOR.

HUm dos primeiros Poemas Epicos, que se conhece na Europa, he sem contradicção a Henriada de Monsieur de Voltaire.

Este grande homem, nascido para elevar todos os generos de Poezia ao maior auge da perfeição, soube com dexteridade moderar n'este Chefe d'obra o fogo do seu enthusiasmo, e sujeitallo escrupulosamente ás mais exactas regras da Epopéa, sem prejuiso algum da parte dos ornamentos, e daquellas riquezas de imaginação, qua concilião successivamena a admiração, o amor, e todos os mais sentimentos, de que são capazes as almas sensiveis. N'huma palavra; tudo he grande, maravilhoso, e interessante n'este Poema, o unico, de que se gloría a Nação Franceza. A grandeza do Heróe, e da acção assás memoraveis na historia, fórma a do assumpto; A vivacidade das imagens, a nobreza dos pen-

samentos, e a rapidez de hum estylo sempre elegante, e harmonioso, fórma a grandeza, e o caracter do Poeta.

A preciosidade de huma obra similhante, que n'este ramo de litteratura a todos serve de instrucção, e a muitos tem servido de modelo, fez emprehender a Bello a presente raducção como amante da Poezia Nacional, só a fim de aperfeiçoar o bom gosto das Musas Portuguezas, e de inspirar pelo menos á mocidade estudiosa, por via das primeitas noções d'ella na propria lingua, a importancia, e fecundidade das suas bellezas originaes.

Como porém no contexto do mesmo Poema se encontrão algumas censuras, que á primeira vista parecem temerarias, he preciso prevenir o Leitor menos intelligente, com os motivos, que formarão o seu objecto.

A Corte de Roma, que no decurso de muitos seculos velou unicamente pelo bem espiritual do Christianismo, passando depois a estender as suas vistas politicas sobre os interesses temporaes da Europa, e a tomar parte nos negocios della, irritou de maneira

os Soberannos, de quem se quiz fazer arbitra, que daqui se originarão os infinitos males, e desordens, que nos refere a historia.

He verdade, que alguns Papas mais aclarados, e pacificos, seguindo systema diverso, mantiverão no seu Pontificado as coisas em socego, porém Sixto V., cujo caracter turbulento he bem conhecido, teve tal influencia nos calamitosos Reinados de Henrique III., e Henrique IV.; que os Francezes lhe attribuem huma grande parte das funestas desgraças, que experimentarão durante as guerras da Liga. Sobre as suas maximas, e intrigas, he pois que recahe a censura do A., o qual se escrevesse dos successos no nosso tempo, não deixaria de louvar a circunspecção, e conduta dos ultimos Pontifices, que cheios de luzes, e inteireza tem feito reviver o desiteresse, e a virtude dos seculos primitivos.

Declama tambem o A. contra o pernicioso systema, que seguirão então alguns Ecclesiasticos, e Regulares em seduzir, e manter os Povos na rebelião ao seu legitimo Soberano, sobre tudo contra a monstruosa dou-

**

trina, que espalhavão a favor do Regicidio; mas estas opiniões absurdas, que só grassarão nos seculos da ignorancia, e barbaridade, estão hoje condemnadas severamente pela Igreja, conforme com o auctoridade do Apostolo, que tanto nos recommenda a obediencia, e fidelidade para com os Principes, e superiores. (1)

Ora he certo, que assim como a virtude da parte se não communica ao todo, igualmente o vicio não póde contaminallo. A Jerarquia Ecclesiastica, por que em fim he de homens, vio muitas vezes sahir do seu seio alguns individuos, que, afastando-se dos solidos principios do Envangelho, se precipitarão, e a outros comsigo em erros enormes: Mas v. g. porque os Heresiarcas Luthero, e Calvino sahirão do Sacerdocio, e forão os corruptores de grande parte da Europa, deixaremos nós de ter em menos respeito, e veneração, hum Estado, e corporações, de que tem emanado tantos bens á Igreja? Este seria hum absurdo indigno da racionalidade do hommem!

---

(1) Ep. ad Rom. cap. 13, v. 1. 2. 3.

Finalmente em todas aquellas passagens, onde o A. discorre com liberdade (sem embargo de ser isto hum Poema) se acharáõ as notas competentes ; assim como sobre a imputação, que elle, e quasi todos os Estrangeiros fazem ao supremo Tribunal do Santo Officio, nas quaes se manifestão os erroneos sentimentos da maior parte dos Escriptores, que fallão n'esta materia.

HISTORIA ABBREVIADA

Dos accontecimentos, em que se funda a Fabula do Poema da Henriada.

O Fogo das guerras Civis, que ateou as primeiras faiscas no governo de Francisco II., e abrazou a França na menoridade de Carlos IX., supposto entre os Povos tivesse por fundamento a Religião, ella com tudo não era mais, que hum mero pretexto, de que se servião os Grandes. Catharina de Medicis, Rainha Mãi, aventurou mais de huma vez a conservação do Reino por manter a sua auctoridade; armando o partido Catholico contra o Protestante, e os Guizes contra os Bourbons, só a fim de opprimir huns pelos outros.

França tinha então por desgraça sua, muitos Senhores poderosissimos, e por consequencia sediciosos: os Povos se havião tornado fanaticos, e barbaros por esse furor de partido, que inspira o falso zelo dos Reis ainda meninos, em nome dos quaes se assolava o Estado: e o infeliz Reinado de Carlos IX.

se fez notavel pelas sanguinosas batalhas de Dreux, de S. Deniz, de Jarnac, e de Montcontour. As Cidades mais opulentas erão tomadas, reconquistadas, e saqueadas alternativamente peles partidos oppostos: fazião-se morrer os prisioneiros de guerra nos mais exquisitos, e inventados supplicios: humas, e outras Igrejas se reduzirão a cinzas pelos Reformados, e pelos Catholicos; e se olhavão os envenenamentos, e assassinatos, como vingança de inimigos habeis, e astutos.

A funesta noite de S. Bartholumeu poz o cumulo a tantos horrores. Henrique o grande então Rei de Navarra, no flor da sua mocidade, e Chefe do Partido Reformado, em que tinha nascido, foi alliciado á Corte com os maiores Senhores da sua facção, onde o cazarão com a Princeza Margarida, irmã de Carlos IX. Entre o regosijo d'estas nupcias, no meio da mais profunda paz quebrantando a fé dos juramentos mais solemnes, dispoz Catharina de Medicis essa horrivel carniçaria, de que se deve perpetuar a memoria (por mais afrontosa que seja para o nome Francez) a fim de que os ho-

mens propensos sempre a enredar-se nas disputas da Religião, vejão a que excessos os póde conduzir o espirito de parcialidade.

Vio-se então n'huma Corte, que se jactava de polida, huma mulher celebre pelos seus attractivos, e descrição, e hum Monarcha de 23 annos ordenarem muito a sangue frio a mortandade demais de hum milhão de seus Vassallos; e esta mesma Nação, que hoje não póde sem tremer de horror lembrase d'este crime, o commetteu então com transporte, e zelo, tanto assim, que mais de cem mil homens forão assassinados pelos seus compatriotas; e sem as prudentes precauções de algumas virtuosas personagens como o Presidente Jeannino, o Marquez de Saint Herem, e outros; ametade dos Francezes degolava a outra ametade.

Como Carlos IX. não viveu muito tempo depois de S. Bertholumeu; seu irmão Henrique III. abandonou o Throno da Polonia, para vir reabysmar a França em novas desgràças, das quaes só a livrou Henrique IV., tão justamente denominado o Grande pela posteridade, que he quem unicamente póde dar este titulo.

Voltado Henrique III. á França achou nella dois partidos dominantes: hum era o dos Reformados, renascendo das suas cinzas mais violento que nunca, e tendo á frente o mesmo Henrique o Grande, a esse tempo Rei de Navarra; o outro era o da Liga, facção poderosa, e formada lentamente pelos Guizas, bafejada pelos Papas, fomentada pela Hespanha, augmentondo-se todos os dias pelo artificio dos Ecclesiasticos, e consagrada na apparencia pelo zelo da Religião Catholica, mas tendendo efficazmente para a rebelião: era seu Chefe o Duque de Guiza, chamado o Balabré, Principe de huma reputação brilhante, cujas qualidades erão maiores, que boas, e que parecia ter nascido para mudar a face do Estado n'estes tempos de perturbação, e desordem.

Henrique III. em vez de suffocar estes dois partidos debaixo do pezo da auctoridade Real, lhes deixou criar forças pela sua fraqueza, e julgou dar hum passo muito politico em se declarar Chefe da Liga, da qual nunca foi senão hum escravo. Elle se vio compellido a fazer a guerra pelos interesses

do Duque de Guiza, que intentava destronizallo, contra o Rei de Navarra seu cunhado, e seu herdeiro presumptivo, o qual só cuidava em estabelecer a auctoridade Regia, conhecendo muito bem, que obrando assim para com Henrique III., a quem devia succeder na Coroa, trabalhava ao mesmo tempo pela sua propria utilidade.

O Exercito, que Henrique III. enviou contra o Rei seu cunhado, foi batido em Coutras, em cuja batalha morreu Joyeuse seu privado; porém o Navarrez não quiz tirar outra vantagem da victoria, que a de reconsiliar-se com o Rei, e por isso ainda que vencedor pedio a paz, a qual o Rei vencido se não atreveu a acceitar com medo do Duque de Guiza, e da Liga. N'este mesmo tempo desbaratou Guiza hum Exercito de Allemaens, e estes successos do Balabré, humilharão ainda mais o Rei de França, que então se julgou vencido pelos da Liga, e pelos Reformados.

O Duque de Guiza deslumbrado pela sua gloria, e forte pela fraqueza do Soberano, veio a Pariz a pezar das ordens em contra-

rio e foi então o famoso dia das Barricadas em que o Povo expulsou as guardas do Rei e o Monarcha se vio obrigado a fugir da sua Capital.

Ainda fez mais Guiza. Obrigou o Rei a celebrar os Estados geraes em Blois, e tomou tão bem as suas medidas, que estava a ponto de se senhorear da auctoridade Real, por consentimento dos que representavão a Nação, inda que debaixo da apparencia das mais respeitaveis formalidades. A urgencia do perigo despertou em fim Henrique III., o qual mandou matar no Castello de Blois este inimigo pernicioso, e seu irmão o Cardeal, mais violento, e mais ambocioso ainda que o mesmo Duque.

Accontecen então á Liga o mesmo, que tinha succedido ao partido Protestante depois do S. Bartholomeu; isto he, que a morte dos Chefes reanimou o partido. Os Ligados tirarão a mascara; Pariz fechou as suas portas; não cuidou senão em vinganças, olhando todos para Henrique III. como para hum assassino dos defensores da Religião, e não como para hum Rei, que tinha punido Vassallos rebeldes.

Vendo-se então Henrique III. acossado de todos os lados, foi-lhe finalmente forçoso reconsiliar-se com o Navarrez: Unidos estes dois Principes, vierão acampar-se diante de Pariz, e aqui he que começa a Henriada.

O Duque de Guiza deixava ainda hum irmão, que era o Duque de Mayenne, homem intrepido, porém mais habil que cativo, o qual se vio de repente á testa de huma facção, que conhecia as suas forças, e estava animada pala vingança, pelo fanatismo.

Quasi toda a Europa entrou n'esta guerra. A celebre Isabel Rainha de Inglaterra, que professava a mais alta estima ao Rei de Navarra, e que teve sempre huma extremosa paixão de o ver, o soccoreu muitas vezes com gente, dinheiro, e Navios; e foi Duplessis Mornay, o que passou a Londres a solicitar estes soccorros.

Da outra parte o ramo Austriaco, que reinava na Hespanha, favorecia a Liga, na esperança de recolher alguns despojos de hum Reino dislacerado pelas guerras civis: Os Papas combatião o Rei de Navarra não só pelas excommunhões, mas por todos ar-

tificios da politica, e pelos limitados soccorros de homens, e dinheiro, que a Corte de Roma póde fornecer.

Com tudo Henrique III. hia a senhorear-se de Pariz, quando foi assassinado em S. Cloud por Jacques Clemente, o qual commeteu este parricidio na apprehensão, de que obedecia Deos, e obtinha a Lauréola de Martyr: esta morte não foi só o crime d'este Religioso fanatico, mas o de todo o seu partido, cuja opinião publica, e a crença dos Ligados era, que se devia matar o Rei, se elle estivesse mal com a Corte de Roma. Assim o clamavão os Pregadores nos seus sermoens; assim se impmeeria em odos esses livros miseraveis, que então inundavão a França, e que apenas se descobrem hoje em algumas livrarias, como monumentos curiosos de hum seculo igualmente barbaro nas letras que nos costumes.

Depois da morte de Henrique III., o Rei de Navarra, Henrique o Grande reconhecido, e acclamado Rei pelo Exercito, teve a suster todas as forças da Liga, de Roma, da Hespanha, e o seu proprio Reino para

conquistar. Elle bloqueou, e sitiou Pariz em differentes occasiões. Entre os grandes homens que lhe forão uteis n'esta guerra, e de que se faz menção n'este Poema, se contão os Marechaes d'Aumont, e de Biron: o Duque de Bouillon &c. Duplessis Mornay teve a intima confiança d'este Principe até que este mudou de Religião. Elle o servia com o sua pessoa nos Exercitos, com a sua pena contra as Excommunhões dos Papas, e com a sua grande arte de negociar, buscando-lhe soccorros de todos os Principes Protestantes.

O principal Chefe da Liga, era o Duque de Mayenne; tendo depois d'elle a primeira reputação o Cavalheiro d'Aumale, moço Principe, conhecido por aquella fereza, e valor brilhante, que distinguião particularmente a casa de Guiza. Elles obtiverão muitos soccorros da Hespanha; porém aqui só se faz menção do famoso Conde d'Egmont, filho do Almirante, que conduzio 1400 lanças ao Duque de Guiza.

Derão-se muitos combates; dos quaes o mais decisivo, e o mais glorioso para Hen-

rique IV., foi a batalha de Ivry, em que o Duque de Mayenne foi vencido, e o Conde d'Egmont morto.

No decurso d'esta guerra, o Rei se namorou da formosa Gabriella de Estrée; mas sem que o seu valor se corrompesse junto d'ella, como testemunha a carta, que se acha na livraria do Rei, na qual elle diz á sua amada = Se sou vencido, vós bem me conheceis para crer, que não fugirei; porém o meu ultimo pensamento será em Deos, e o penultimo em vós. =

Finalmente ommittem-se muitos factos consideraveis, que não tendo lugar no Poema, o não devem tambem ter aqui. Não se falla na expedição do Duque de Parma, que só servio a retardar a quéda da Liga; nem do Cardeal de Bourbon, que foi por algum tempo hum Rei fatastico debaixo do nome de Carlos X.

Basta dlzer-se, que depois de tantas desgraças, e dessolações, Henrique IV. se fez Catholico, e que os Parisienses, que aborrecião a sua Religião e respeitavão a sua pessoa, então o reconhecerão por seu Rei.

HENRIADA.



CANTO I.

ARGUMENTO.

Henrique terceiro, unido com Henrique de Bourbon Rei de Navarra contra a Liga, havendo já começado o bloqueio de Pariz, envia secretamente Henrique de Bourbon a pedir socorro a Isabel Rainha de Inglaterra; o Heroe soffreu huma tormenta, e aportando a huma Ilha, n' ella encontra hum velho Catholico, que lhe vaticina a sua mudança de Religião, e a sua subida ao Throno. Descreve-se a Inglaterra, e o seu governo.

EU canto o Herõe, aquelle que na França
Reinou, já por direito de conquista,
Já por lei, e razão de nascimento,

Que dos proprios trabalhos aprendera
A governar, e bem que perseguido,
O perdão soube unir sempre ás victorias,
Confundio a Mayenne, a Liga, o Ibéro,
E foi Senhor, e Pai de seus Vassallos.

Tu, augusta verdade, dos Céos desce,
Tua força, e clareza em meus escriptos
Derrama, porque então os Reis attentos
Lhes prestem seus ouvidos: só tu podes
Annuciar-lhes o que elles saber devem:
Aos olhos das Nações só tu declaras
Das suas divisoens os máos effeitos:
Dize, quanto a Discordia há produzido,
Quanto as nossas Provincias há turbado,
Conta do Povo as mágoas, e infortunios,
E numéra do Principes os erros:
Vem pois, falla, e se he certo que algum dia

A fabula se unio aos teus accentos,
E com mão delicada a tua augusta
Frente ornou, se illustrou com suas sombras
Da tua luz os raios, tu comigo
Permitte-lhe, que vá sobre teus passos
Para mais adornar tuas bellezas.

Com froxa mão Valois (*a*) sostinha as redeas
Do Estado fluctuante; as leis sem força
Se vião, os direitos confundidos,
Ou diga-se antes, que elle não reinava.
Não era mais o Principe glorioso
Nos combates instruido (*b*) desde a infancia,

(*a*) Henrique III. Rei de França, huma das principaes personagens deste poema; he n' elle nomeado por Valois, apellido do ramo Real, donde elle procedia.

(*b*) Henrique III. sendo Duque de Anjou commandou os Exercitos de seu Irmão Carlos IX. con-

Que a Europa respeitou pelas victorias,
E que a Patria livrou de oppressões tantas:
Valois, de quem do Norte os Póvos vendo,
E admirando as inclitas virtudes,
A seus pés offertavão os diademas;
Tanto brilhou no emprego menos digno,
Como então se eclipsou no mais excelso:
De intrepido Guerreiro elle se torna
Hum Rei fraco: no Throno adormecido,
E entranhado no seio da moleza,
Da Coroa o pezo, como que o opprimia.
Quéluz,(*c*)e d'Espernon, Saint-Maigrin, Joyeuse,
Mancebos voluptuosos, que reinavão
Debaixo do seu nome, corruptores
Politicos de hum Rei affeminado,

---

tra os Protestantes, e tinha ganhado aos 18 annos da sua idade as batalhas de Jarnac, e de Montcour.

(*c*) Erão estes os mancebos, ou favoritos de Henrique III.

Só cuidavão no luxo, e nos prazeres,
Precipitar seus languidos lethargos.

Sobre este abatimento então dos Guizas
A rapida fortuna levantava
Toda sua grandeza; elles formavão
Em Pariz a orgulhosa, a fatal Liga
Da fraqueza do Rei rival ufana;
Os Póvos, vís escravos só dos Grandes,
Com pertinaz cegueira perseguião
O seu Senhor, seguião os tyrannos;
Os amigos infieis, e corrompidos
O abandonarão logo, e pelo Povo
Do amedrontado Louvre foi expulso;
O estrangeiro aos rebeldes prompto acode;
Tudo acabava em fim, quando apparece
O virtuoso Bourbon, (*d*) que de hum guerreiro

(*d*) Henrique IV. Heróe d'este Poema, he

Ardor cheio, se eleva, e restitue
Ao seu Principe cégo a luz perdida;
Reanima-lhe as forças; elle o arranca
Do centro da vergonha para a gloria,
Do encanto dos prazeres para a guerra;
Aos muros de Pariz ambos se avanção,
Roma se assusta, os Hespanhoes já tremem,
E a Europa, interessada nas contendas,
Sobre a Patria infeliz se poem á lerta.

Em Pariz a Discordia então se via
Excitando aos combates a Mayenne,
A Liga, o Povo, a Igreja: alli bradava
Do alto das suas torres pela Hespanha,
Que soberba viesse em seu socorro:
Este monstro impetuoso sanguinario,

---

aqui chamado indefferentemente, ou Bourbon, ou Henrique.

De seus proprios Vassalos he inimigo;
Das desgraças dos homens elle nutre
Cruel os seus designios; quasi sempre
Do seu Partido o Sangue as mãos lhe tinge,
Nos corações habita, que corrompe,
E com tyranno imperio em fim castiga
Esses mesmos delictos, que elle inspira.

Da parte do Poente, junto ás margens
Floridas, onde o Sena, circulando,
Se auzenta de Pariz, lugar que he hoje
Delicioso retiro, onde triunfão
As artes, e se ostenta a natureza,
Theatro, que então foi, sanguinolento
Dos mais feros combates, seus soldados
Valois, o infeliz Rei, prompto juntava:
Da França sustentaculos ferozes
São a hi mil Heróes, se pela Seita
Divididos, conformes á vingança:

He nas mãos de Bourbon, que commettida
A sua sorte se acha; este ganhando
Os corações de todos, une a todos;
Ao seu poder o Exercito sujeito,
Outro Chefe não tem, nem outra Igreja:
Luiz, (e) Pai dos Bourbons, lá d'esse seio
Dos immortaes, fixava as ternas vistas
Sobre elle, pois só nelle o esplendor forte
Da sua geração vaticinava;
Seus erros sente, seu valor estima,
Com a Coroa devia hum dia honra-lo,
Mas illustrado o quer: No em tanto Henrique,
Por caminhos occultos, que elle mesmo
Desconhecia, á summa gloria ascende;
Luiz, d'essas alturas, lhe prestava
O soccorro, porém esconde o braço,

(e) S. Luiz IX. do nome Rei de França; tronco, de que nasce o ramo dos Bourbons.

Que estendia por elle, porque estando
Da victoria Senhor, não conseguisse
Com o menor perigo menos gloria.

Junto ás suas muralhas mutuamente
Já os dous Partidos tinhão balanceado
Mais de huma vez as sortes; já furiosa
A carnagem nos campos assolados
Davão a ver da colera dois mares,
Quando a Bourbon Valois este discurso
Dirige interrompido dos suspiros. „
„ A que ponto o destino hoje me humilha,
„ Vós o estaes vendo; a minha injuria he vossa;
„ Ao seu Principe opposta a Liga infame,
„ Contra elle erguendo a fronte sediciosa,
„ No seu furor a ambos nos confunde,
„ Nos persegue; já não nos reconhece;
„ A mim, que sou seu Rei, Pariz resiste
„ E a vós que o deveis ser, se não sujeita;

,, Sabe que as Leis, que o merito, que o sangue
,, A este lugar, depois de mim, vos chamão,
,, Por temer desde já vossa grandeza,
,, Do Throno, em que vacillo, vos exclue;
,, Da Relegião na colera terrivel
,, Fataes excomunhões (*f*) se vos fulminão;
,, Roma, que leva a guerra a toda a parte
,, Sem soldados possuir, nas mãos da Hespanha
,, Há posto os seus trovões: á fé faltarão
,, Os Vassallos, parentes, e os amigos,
,, Todos me fogem, todos me abandonão,
,, Ou se armão contra mim; o Hespanhol chega,
,, Que enrequecido vem com minhas perdas,
,, Os meus Campos talando já desertos:
,, A' vista pois de tantos inimigos,

(*f*) Henrique IV. Rei de Navarra havia sido solemnemente excommungado por Sixto V., e declarado incapaz de succeder na Coroa de França.

,, Que ultrajar-me desejão, o Estrangeiro
,, Em meu soccorro á França se convoque;
,, Da brilhante Rainha dos Inglezes
,, O coração ganhai muito em segredo;
,, Sei que entre elles, e nós, immortal odio
,, Unir-nos raras vezes nos consente;
,, Emula de Pariz foi sempre Londres;
,, Mas depois das affrontas, com que eu vejo
,, Minha gloria murchar-se, já não tenho
,, Mais Vassallos, nem Patria; eu aborreço,
,, E quero punir Povos tão odiosos;
,, Qualquer, que me vingar, eu o reputo
,, Por Francez a meus olhos; nesta empreza
,, Eu não occuparei algum d'aquelles
,, Meus agentes ocultos por inertes;
,, A vós sómente imploro; sendo vossa
,, Huma palavra, basta porque eu tenha
,, Na minha dita os Reis interessados:
,, Ide pois a Albião, que o vosso nome,

,, Fallando ahi por mim, immensas tropas
,, Eu vejo me conduz; meus inimigos
,, Vencer espero pelo vosso braço,
,, E amigos me darão vossas virtudes. ,,

Fallou, e o Heróe activo, que zeloso
Da sua gloria, teme o dividi-la,
Ouvindo-o se occupou de huma dôr justa:
Sentia os doces tempos agradaveis
Ao seu coração grande, quando forte
Só com o seu valor, sem mais socorro,
Fazia com Condé (*g*) tremer a Liga:
Más de hum Rei foi preciso que cumprisse
Os designios; suspende em tanto os golpes,
Que a sua mão vibrava: assim deixando
Os loiros, que colheu sobre estas margens,

(*g*) Era Henrique Principe de Condé, filho de Luiz morto em Jarnac.

A partir d'estes campos já se esforça;
Os soldados attonitos ignorão,
Qual seja o seu intento, esperão todos
Ver, a que se destina o seu retiro;
Elle parte. Entre tanto a criminosa
Cidade o crê presente, e sempre prompto
A ir sobre ella; o seu augusto nome
(Que era do Throno o mais seguro arrimo)
A aterrava, e por elle combatia.

Já os Campos Neustriannos atravessa;
Nenhum de seus valídos o acompanha
Senão Mornay, (*h*) Mornay seu confidente,
Mas nunca adulador; virtuoso apoio
Do erro, e do seu Partido; que no zelo,
E na prudencia insigne, servio sempre

(*h*) Duplessis Mornay, o mais virtuoso, e o maior homem do partido Protestante, era chamado o Papa dos Hugonotes.

Com igualdade á sua Igreja, e á França;
Censor dos Cortezaons, da Corte amado,
Contrario a Roma, mas de Roma acceito.

Onde entre dois rochedos o mar brama,
E quebra as suas ondas espumantes,
Feliz porto ao Heróe Dieppa offrece;
Ao embarque se apressão com ardencia
Os marinheiros: féros dominantes
Das ondas são as Náos, que estão já promptas
A voar sobre as liquidas planicies:
Nos ares prezo o Bóreas imptuoso,
Sopra o benigno Zefiro nos mares;
Levão ancora, a terra já lhes foge,
Descobrem logo as praias desejadas.

O astro maior do dia de repente
Se escurece; o ar se turba, o Céo troveja,
O mar bramir ao longe já se escuta;

Sobre as vagas fataes soltão-se os ventos
Os raios sintilando estão das nuvens,
O fogo dos relampagos, o abysmo
Das ondas espantosas a ver davão
Por toda a parte a morte aos marinheiros.

O Heróe, a quem cercava hum mar furioso,
No perigo não cuida, só nos males
Que são da Patria; a ella volta os olhos,
Nos seus vastos projectos culpa os ventos,
Que lhe embargão assim os seus destinos:
Tal, e menos brioso, Cesar, (*i*) quando
Nas ribeiras de Epyro disputava
O Imperio do Universo; ás ondas crespas,

(*i*) Julio Cesar estando em Epyro, fe embarcou occultamente de noite sobre o pequeno rio Bolina em hum barco de doze remos, para ir em pessoa em busca das suas Tropas, que estavão no Reino de Napoles, e ahi padeceu huma furiosa tormenta.

Aos impetuosos ventos entregando
O destino da terra, e o dos Romanos,
Já a Pompeo, já a Neptuno desafia,
Sua fortuna oppondo á tempestade.

Deos então; esse Deos, que he do Universo,
Que sobre os ventos vôa, e excita os mares;
O Deos, cuja ineffavel, e profunda
Sabedoria fórma, exalta, e abate
Os Imperios do mundo, do seu Throno,
Que na altura dos Ceos em luzes brilha,
Se digna sobre o Heróe fitar seus olhos:
Elle o guia; elle ordena ás tempestades,
Que a Náo levem ás praias que estão perto
Onde á vista parece, que do seio
Das aguas sahe Jersey; lá conduzido
Pelo Ceo apportou o Heróe valente.

Não longe d'esta praias corre hum bosque,

Cujas sombras convidão ao descanço;
Das ondas ao furor alli se occulta
Por hum rochedo, e ao mesmo tempo os ventos
Perturbar-lhe não podem o repouso:
Junto huma gruta está, cuja estructura
Deve por simples todo seu ornato
A's mãos da natureza. Tempo havia
Que hum venerando Ancião, longe da Corte,
A doce paz buscou n'esta morada
Tenebrosa, aos mortaes desconhecida:
De inquietações izento, era alli, onde
Fazia de si mesmo o seu estudo,
Onde chorava os seus inuteis dias,
Que o mundo lhe levára em vaõs prazeres;
Sobre o innocente esmalte destes campos,
A'borda d'estas fontes submettia
A seus pés as paixões da humanidade;
Tranquillo elle esperava, que á medida
De seu desejo a morte se chega-se,

Para ao seu Deos unir-se para sempre;
Esse Deos, que elle adora, he quem protege
Seus já pezados annos, quem permitte,
Desça a Sciencia sobre o Solitario,
Quem liberal em fim de seus thesouros
Lhe pantentea o livro dos destinos.

Este Anciáo ao Heróe, cujo caracter
Deos lhe faz conhecer, junto á corrente
De huma sonora fonte lhe offerece
Hum banquete campestre; costumado
Era o Principe a estas iguarias;
Muitas vezes debaixo da choupana
Humilde do Pastor, fugindo ao ruido
Das Cortes, e buscando-se a si mesmo,
Elle o esplendor depunha do diadema.

A turbação fatal da Christandade
Les foi assumpto a hum entretimento;

Mornay na sua Seita era constante,
E ao Calvinismo dava apoio forte;
O Heróe inda duvida, e ao Céos implora,
Que hum raio de luz venha abrir-lhe os olhos:
A verdade sagrada (*l*) (elle dizia)
Foi para com os fracos mortaes sempre

(*i*) Pela introdução do peccado ficou o entendimento do homem tão enublado, que já elle era incapaz de descobrir por si o caminho verdadeiro para sua felicidade. Não bastando pois a razão para obter este fim, foi nescessario huma revelação Celeste, que ensinasse ao homem as suas obrigações respectivas a Deos; mas esta devia ter aquellas indispensaveis notas, pelas quaes se fizezse conhecer, e acreditar dos Póvos todos. Em todo o tempo ella foi necessaria, e claramente vizivel ás luzes mesmo da razão, ás quaes só o homem por sua culpa podia fechar os olhos: Logo he claro, que as expressões do A., que elle poem na bocca de Henrique IV. são nascidas do erro, e da ignorancia, que elle tinha do verdadeiro systema da Religião. (*Nota do Editor*).

Arevelação

De erros cercada ; em Deos sómente o amparo
He precizo esperar, e que no emtanto
Eu ignore as estradas, que a elle guião ;
Hum Deos tão bom, e que domina no homem
Porque não quer, não he inda servido :
Adoremos de Deos (o Ancião responde)
Os designios, mas nunca lhe imputemos
Os defeitos dos homens ; eu em França
Vi nascer n'outro tempo o Calvinismo
Humilde, e fraco, sem favor crescendo,
Eu o vi desvalido, desterrado,
Dos nossos muros, sempre a passos lentos
Por occultos rodeios avançar-se ;
Agora em fim meus olhos estão vendo
Bem do centro do pó este fantasma
Monstruoso levantar a frente altiva,
Collocar-se no Throno, alli insultar-nos,
Com hum pé desdenhoso, e cheio de ira,
Lançar por terra em fim nossos altares :

Quiz nesta gruta então, longe da Corte,
Da minha Religião chorar a injuria:
Huma esperança os meus cançados dias
Aqui consola ao menos; vejo hum culto
Que por novo não póde durar sempre;
Do capricho dos homens há tirado
O ser que tem, ver-se-ha tambem que acaba
Como se vio nascer; as obras do homem
São tão frageis, como elle; Deos dissipa,
Quando quer, os designios orgulhosos;
Só elle he sempre estavel: em vão pensa
A malicia em destruir esse edificio
Da Cidade bemdita, a quem Deos mesmo
Quiz firmar os sagrados fundamentos,
Que triunfão do inferno, e das idades:
A vós, grande Bourbon, o Deos immenso
Se fará conhecer; vós illustrado
Vereis, que terão fim vossos dezejos;
Deos vos há escolhido, e nos combates

Vossos passos conduz a mão Suprema
Ao Throno dos Valois, a voz terrivel
Se escuta já, que ordena se preparem
Os caminhos da gloria para Henrique:
Mas se a sua verdade não illustra
Vosso espirito, crêde-me, que entrada
Nos muros não tereis do Paraiso:
Evitai sobre tudo huma fraqueza
Que os corações maiores entorpece;
De hum gostoso veneno, de hum agrado
Encantador fugi, vede com susto
Sempre vossas peixões, e se algum dia
Vos combater amor, sabei vencello.
Quando por hum esforço em fim Supremo
Triunfado tiverdes dos da Liga,
E o que he mais, de vós mesmo, quando em cerco
Horrivel, e apontado nas idades,
Se veja todo hum Povo consternado
Alentar-se dos vossos beneficios,

N'esse tempo então do vosso Estado
Teráõ fim as mizerias, vós os olhos
Ao Deos de vossos Pais ireis erguendo;
Vereis, que hum coração, que he justo, pode
N'elle esperar; parti; quem se assemelha
A Deos, seguro está do seu auxilio.

Cada palavra, que elle proferia,
Era hum raio de luz, que penetrava
Henrique até o fundo da sua alma;
Elle então se imagina transportado
A'quelles doces tempos, em que o Eterno
Deos dos homens com elles praticava;
Em que a simples virtude dos milagres
Era dispensadora, tinha imperio
Sobre os Reis, e os Oraculos rendia.

O Heróe a seu pezar o Ancião virtuoso
Já deixa, e abraça, lagrimas vertendo

De seus olhos ; e desde o mesmo instante
A aurora vio d'aquelle feliz dia,
Que para elle ainda não brilhava :
Mornay sim pareceu ser sorprendido,
Mas tocado não foi; não se lhe havia
Deos, Senhor dos seus dons, feito patente;
Não lhe servio na terra ter de sabio
O nome, pois no meio das virtudes
Teve em repartição sómente o erro :
Em quanto o raro Anciáo, por Deos instruido;
O Principe entretinha, e lhe fallava
Ao coração, os ventos imptuosos
A' voz do Céo de todo se aplacárão;
O Sol torna a luzir, mar socega,
Até ás praias Bourbon he conduzido,
Parte, e aos mares de Albião dirige a proa.

A'vista da Inglaterra elle comsigo
D'este potente Imperio vê, e admira

A mudança feliz ; onde hum abuso
Continuado de Leis tantas , e sabias ,
Causou por muito tempo os infortunios
Do Povo , e dos seus Reis ; sobre este theatro
Sanguinoso , em que cem Heróes morrerão ;
Sobre este Throno augusto , e vacilante ,
De que hum cento de Reis tem procedido ,
Huma mulher se vê , que subjugando
A seus pés os destinos , assombrava
Co' esplendor do seu Reino o mundo todo.
Sim , tal era Isabel , cuja prudencia
Da Europa propender fez a balança
Para a sua eleição ; que fez , que o jugo
O indomavel Inglez contente amasse ,
Elle que nunca pôde altivo , e forte
Nem servir , nem viver em liberdade :
No seu Reinado os Póvos suas perdas
Esquecido tem já , estão cubertos
Seus Campos de rebanhos alentados ;

As lavoiras de pão, de Náos os mares;
Elles se vem temidos sobre a terra,
Sobre as aguas são Reis, as suas frotas
Subjugando imperiosas a Neptuno,
Dos fins do mundo chamão as riquezas;
Londres barbara foi antigamente,
Hoje he o centro das artes, do Universo
Ella he hoje o armazem, templo de Marte:
De Wesminster (*m*) nos muros tres estados
Se ajuntão, pela união sempre admiraveis;
Deputados do Povo, o Rei, e os Grandes;
Se pelos interesses divididos,
Reunidos pela Lei; todos tres membros
De hum invencivel corpo, perigoso
A si mesmo, terrivel aos vizinhos;

(*m*) Em Wesminster se junta o Parlamento de Inglaterra: he precizo o concurso das Camaras dos Communs, dos Pares, e consentimento dos Reis, para que se possão formar as Leis.

Feliz, se o Povo, ao seu dever attento,
O poder Soberano não altera;
Mais feliz, quando hum Rei affavel, justo,
A liberdade puplica respeita.
Ah! (exclama Bourbon) quando os Francezes
Poderáõ, como vós, reunir seguros
A gloria com a paz! Que sabio exemplo
Aos Mornachas da terra! A mulher forte
Assim da guerra as portas há fechado,
A discordia, e o horror, he deste modo
Que aos outros há mandado: hum Povo a adora,
Ella a felicidade faz de hum Povo.

Chega entre tento o Heróe áquella immensa
Povoação, onde só a liberdade
A abundancia entretem, diviza a torre
Do vencedor Guilherme, (*n*) mais ao longe

(*n*) A torre de Londres de hum antigo Castel-

De Isabel o magnifico Palacio.
Só de Mornay seguido, sem mais pompa,
Sem o ruido vão, e apparatoso,
De que os Grandes se inflamão, mas que attende
Hum Heróe verdadeiro com despreso,
Elle busca a Rainha, elle lhe falla;
Serve a sinceridade de eloquencia;
Elle as necessidades em segredo
Lhe expoem da França, e pelas rogativas,
Com que seu coração se humilha, e rende,
Nas suas submissões sua grandeza
Se deu a conhecer: Que? vós servindo
A Valois! (a Rainha lhe diz logo
Sorprendida) He pois elle quem ás margens
Do Tamize famoso vos envia?
Vós Protector de vossos inimigos?

---

lo, edificado junto ao Tamize por Guilherme o Conquistador, Duque de Normandia.

Por hum, que he seu rival, me roga Henrique?
Das barreiras do Poente até da aurora
Tocar nas portas, inda o mundo falla
Das entre vós durissimas contendas;
E em favor de Valois eu vejo armar-se
O braço, aquelle braço, que elle mesmo
Tantas vezes temeu? Suas desgraças
(Diz elle) haõ suffocado os nossos odios;
Era escravo Valois; elle há quebrado
Em fim suas cadeas: feliz sempre
Seria, se da minha fé seguro,
Outro encosto, outro alliado não buscasse,
Que a mim, e o seu valor; mas o artificio
Elle sempre empregou, e fingimento;
Meu inimigo há sido por fraqueza,
E por temor, mas eu em fim me esqueço
Da sua falta vendo o seu perigo;
Eu o venci, Senhora, e vou vingallo;
N'esta guerra podeis, grande Rainha,

Signalar para sempre o vosso nome,
C'roar vossas virtudes sustentando
Nossos direitos, sim podeis não menos
A contenda dos Reis vingar comigo.

Impaciente Isabel manda lhe conte
As turbações da França, e que lhe narre,
Que artificios, que serie de successos
Tal mudança em Pariz há produzido;
Já a trombeta da Fama (lhe diz ella)
D'estas scenas fataes, e sanguinosas
Me ha feito sabedora muitas vezes:
Mas sei, que a sua voz por indiscreta,
Na sua ligeireza sempre espalha
Confundida a verdade co' a mentira;
Narrações pouco fieis escuzei sempre;
Porém vós testemunha d'estes longos
Debates, de Valois vós que haveis sido
Vencedor, ou patrono em todo o tempo,

Explicai-me o nó firme de amisade,
Que hoje a elle vos une; referi-me
Esta mudança extrema; de vós mesmo
Só vós podeis fallar mais dignamente,
Individuai-me em fim vossas desgraças,
E as felices emprezas; pensai sempre,
Que he a lição dos Reis a vossa vida.

Ah! (responde Bourbon) será preciso,
Que a memoria renove d'esses tempos
A desgraçada historia! O Ceo quizesse
(Pois que elle he testemunha de meus males)
Que occultasse hum eterno esquecimento
Fealdades tantas! Ah! porque, Rainha,
Mandais vós, que os furores, e a vergonha
Dos Principes vos cante do meu sangue,
Quando a esta lembrança tão sómente
O coração no peito tremer sinto!
Mas sois vós, quem o ordena; eu obedeço;

Sendo outro o que fallasse, poderia
Disfarçar com industria seus delictos,
Astuto desculpar sua fraqueza;
Este artificio não se fez, Senhora,
Para meu coração, a minha falla
Não he de Embaixador, he de soldado.



CANTO II.

ARGUMENTO.

Henrique o Grande conta á Rainha Isabel a Historia das infelicidades da França. Elle passa a buscar a origem d'ellas, e refere com individuação os Massacros de S. Bertholomeu.

RAinha, todo o excesso d'esses males,
Que experimenta a França, he certamente
Tanto mais espantoso, quanto a origem
D'elles he mais sagrada; o cruel zelo
Da Religião he sempre, quem as armas
Nas mãos vai pôr de todos os Francezes;
Entre Genebra, (*a*) e Roma (*b*) eu não decido,

(*a*) Muitos historiadores pintarão a Henrique IV. fluctuando entre as duas Religiões.

(*b*) Se a Religião Catholica Romana derivasse a

Qualquer nome Divino, que os Sectarios
Lhe dem, de ambas as partes tenho visto
A impostura, e o furor; e se a perfidia
Nascida do erro he só; se nas disputas,

---

sua dignidade, e esplendor das acções d'alguns de seus individuos, e não do seu augusto Chefe o mesmo Filho de Deos, que a fundou, teria razão de assim pensar Henrique IV. Ora he constanre entre os bons Theologos, que o systema do Christianismo, tão longe está de favorecer a perseguição dos Hereges, que pelo contrario os seus mais solidos principios, refutão esta destruidora opinião. He verdade, que a carnagem de S. Bartholomeu foi apoiada d'alguns Theologos, mas não ha coisa por mais santa que sejà, de que os homens não tenhão abusado para os seus perversos designios. Ao mesmo tempo que os Calvinistas se não podem queixar a este respeito dos Catholicos, porque elles nada mais fizerão, que servirem se do exemplo, que Calvino mesmo d'antes tinha dado, fazendo queimar publicamente em Genebra o desgraçado Serveto, e outros, que forão victimas infelices do seu furor. Systema horroroso, que continuão ainda a defender os seus sequazes! (*Nota do Editor*).

A que a Europa se entrega, eu vejo a morte,
E a traição ser o sello da mentira,
São inhumanos ambos os partidos,
Tonto no crime, como na cegueira;
Por mim, que só do Estado procurando
A defeza, o cuidado da vingança
Aos Ceos sempre deixei, jámais se ha visto,
Que excedendo os poderes, o incensorio
Com indiscreta mão eu profanasse;
E pereça a politica horrorosa,
Que sobre os corações haver pertende
Dispotico dominio; que procura
Com o ferro na mão voltar os homens;
Que com o sangue heretico os Altares
Só intenta regar, e que seguindo
Por guia hum falso zelo, ou interesse,
Só serve a hum Deos de paz com homicidios.

Provera ao Eterno Deos, cuja lei busco,

Que a Corte de Valois, como eu, pensado
Tivesse; mas o escrupulo não move
Nem hum nem outro Guiza; (c) são de hum Povo
Muito credulo os Chefes ambiciosos,
Que cubrindo os seus proprios interesses
Co' interesse do Ceo, tem conduzido
Ao laço muitas almas, tem armado
Sua piedade cruel em minha ruina;
Os nossos Cidadãos eu vi com zelo
Degolarem-se; eu vi, que elles corrião
Com os fachos na mão para a carnagem,
Sem assás comprehenderem os motivos:
Vós conheceis o Povo, e ao que se atreve,
Quando pensa do Ceo vingar a causa;
O véo da Religião lhe cinge os olhos,

(c) Francisco Duque de Guiza, chamado communmente o grande Duque de Guiza, era o Pai de de Balafré. Foi elle, o que com o Cardeal seu irmão lançou os fundamentos da Liga.

E faz da sujeição que rompa o freio :
Vós o sabeis, e a vossa providencia
O mal, quando no berço, ha suffocado :
A tempestade a penas se formava
No vosso Reino, quando cuidadoso
Vosso espirito soube prevenilla,
Depois vossa virtude soccegalla ;
Vós, Senhora, reinais, Londres he livre,
Vossas leis florecentes. Ha seguido
Outros caminhos Medicis diversos :
e ás tristes narrações talvez sensivel
Me perguntais por Medicis qual era,
) sabereis ao menos de huma bocca
ngenua ; muito d'ella se ha fallado,
Mas pouco conhecido ; do seu impio,
'rofundo coração pouco sondado
e tem as dobras ; eu porém vinte annos,
Que me nutrí na Corte de seus filhos ;
Que outros tantos nascer vi as tormentas

Dabaixo de seus pés, a meu perigo
Tenho bem aprendido a conhecella.

Na melhor flor dos annos espirando
O esposo, pôde a sua ambição rara
Correr livre ao seu fim; qualquer dos filhos,
Que ella nutrío debaixo da tutela,
Se fez seu inimigo desde o ponto,
Que sem ella reinou; do Throno em roda
Semeavão suas mãos confusamente
O ciume, e a divizão; não se escusava
De oppor sempre com maxima segura
Os Guizas aos Condés, a França á França;
Prompta sempre a ligar-se aos seus contrarios,
Já muda de interesses, já de amigos,
E de rivaes; escrava do appetite,
Mas menos que ambiciosa, há sido injusta,
A' sua Seita infiel, (*d*) supersticiosa;

(*d*) Catherina de Medicis deu credito á Magi-

E por tudo dizer tinha do sexo
Os defeitos, e pouco das virtudes:
A' minha ingenuidade esta palavra
Me escapou, perdoai; em fim, Senhora,
Não sois vós n'este sexo comprehendida;
Sim, na augusta Isabel nada se encontra,
Que admiração não seja; o Ceo, que soube
Formar-vos, a reger vossos Estados,
Vos fez tambem servir de exemplo a todos,
E entre os grandes Heróes vos conta a Europa.

Já Francisco segundo por hum modo
Não previsto se havia trasladado
Ao sepulcro, e a seu Pai se havia unido;
Froxo mancebo, que de Guiza amava
Os caprichos; de quem inda se ingnora,
Quaes as virtudes, quaes os vicios fossem.

---

a; testemunha os Talismans, que se lhe achaão depois da morte.

Carlos mais moço a penas tinha o nome
De Rei; Medicis só he quem reinava;
Sujeito ás suas leis tremia tudo:
Logo a sua politica severa,
Por segurar o mando, parecia
Querer eternizar do filho a infancia;
A sua mão o fogo da discordia
Accendendo, firmou-lhe o novo Imperio
Por cem combates; ella armou as iras
Dos dois rivaes partidos; Dreux, (e) que logo
Vio as fataes bandeiras despregadas,
Foi o theatro espantoso das primeiras
Emprezas; o infeliz velho guerreiro
Montmorenci, (f) dos Reis junto ao sepulchro,

(e) A batalha de Dreux, foi a primeira batalha regular, que se deu entre os dois partidos, em 1562.

(f) Anne de Montmorenci, homem obstinado e inflexivel, e o General mais desgraçado do seu tempo. Foi prisioneiro em Pavia, e em Dreux; der-

De hum mosquete ferido, eis a carreira
Terminou de cem annos de trabalho;
Guiza, perto de Orleans, assassinado
Morreu; o Rei meu Pai (*g*) infelizmente
Foi prisioneiro á Corte: desvalido,
E obrigado a servir sempre á Rainha,
Sua incerta fortuna com affrontas
Foi sempre que nutrio, e preparando
Com sua propria mão suas desgraças,
Combateu a favor dos inimigos,
E morreu pelos seus perseguidores:

---

rotado por Filippe II. em S. Quintino: e morto finalmente na batalha de S. Dinis por hum Inglez chamado Stuart, o mesmo, que o tinha prisionado em Dreux.

(*g*) Antonio de Borubon Rei de Navarra, e Pai de Henrique IV. tinha hum esperito fraco, e indeciso. Renunciou o Calvinismo, em que havia nascido, no mesmo tempo que sua mulher abandonou a Religião Catholica: elle não soube nunca bem, de que partido, ou communhão era. Foi

Condé, (*h*) que vio em mim o unico filho
De seu querido irmão, me adoptou logo;
Foi meu Pai, e por Mestre o tive sempre;
Foi seu campo o meu berço, onde educado
Nas fadigas, por entre o pó, e o fumo,
A' sombra dos loireiros, junto a elle
A indolencia da Corte desprezava;
Da minha infancia o fogo ha sido a guerra:
O' campos de Jarnac! Golpe inhumano!
Barbaro Montesquieu, mais assassino,
Que guerreiro! Condé já de cançado
Debaixo foi cahir da tua furia;
Eu vi erguer-se o golpe, eu vi cortares

---

morto no sitio de Ruão, servindo o partido dos Guizas, que o opprimião, contra os Protestantes; que estimava: morreu em 1562.

(*h*) O Principe de Condé, de que aqui se trata, era irmão de Antonio de Bourbon Rei de Navarra, e Tio de Henrique IV. muito tempo Chefe dos Protestantes, e grande inimigo dos Guizas.

Sua vida preciosa; eu inda moço, (*i*)
Meu braço debil, ah! que não podia
Prevenir, nem vingar a sua morte!

O Ceo, que de meus annos protegia
A fraqueza, fiou dos Heróes sempre
O cuidado da minha mocidade:
Coligny, (*l*) de Condé successor digno,
De mim não menos, que do meu Partido,
Se ha feito defensor; tudo lhe devo,
He força que o confesse; se hoje a Europa
Me louva de huma pouca de virtude,
Se Roma mesma estima muitas vezes

(*i*) Henrique IV. não tinha mais do que 14 anno e já então notou os erros, que fizerão perder a batalha.

(*l*) Gaspar de Coligny Almeirante de França, filho do Marechal do mesmo nome, e de Luiza de Montmorenci nasceo em Chatilon a 16 de Fevereiro de 1516.

Minhas acções, a vós illustre sombra,
A vós he que eu o devo; eu avultava
Debaixo de seus olhos; meu esforço
Juvenil muito tempo fez da guerra
Hum duro ensaio: sim, com o seu exemplo,
Dos Heróes me instruhia na grande arte:
Eu via este guerreiro encanecido
Nos trabalhos, o pezo sustentado
De huma cauza commũa, tendo contra
De Medicis as forças, e a fortuna;
Do seu Partido amado, do contrario
Tido sempre em respeito; nas batalhas,
Inda quando infeliz, sempre temido;
Se sabio nos combates, tambem sabio
Nas retiradas; inda mais glorioso,
Maior, mais espantoso nas derrotas
Que Dunois, e Gastão já mais o forão
Na carreira triunfante da fortuna.

Dez annos de successos, e de perdas
Erão passados; Medicis, que via
Nossas campanhas cheias de hum Partido
Renascente, que extincto já suppunha,
De combater em fim deixa o projecto,
E de vencer sem fructo; de hum só golpe,
Sem mais tentar esforços por inuteis,
Se propoz acabar civís discordias:
A Corte então de seus favores franca,
Nos offerta attractivos: não podendo
Vencer-nos até alli, a paz nos rende;
Mas que paz! Justo Deos! Deos de vingança,
Que eu chamo a testemunho! Que de sangue
Sobre a funesta Oliva não se espalha!
O' Ceos! he pois assim, que os Reis aplanão
Os caminhos do crime a seus Vassallos!

Coligny; que fiel dentro em si fôra
Ao seu Principe, a França sempre amava,

Quando mesmo contra ella combatia:
A occasião estimou, porque segura
Parecia ficar do Estado a alliança;
Hum Heróe raras vezes desconfia;
Elle a seus inimigos sem remorso
Vem cheio de confiança; elle até o centro
Do Louvre enganador meus passos guia:
Com lagrimas nos olhos me recebe
Medicis em seus braços, e as ternuras
De Mãi por muito tempo me dispensa;
A Coligny segura huma amisade
Firme, e sincera; quer por seus conselhos
Desde então regular-se; já de empregos
O reveste, enche-o já de beneficios;
Aos meus, a quem engana huma esperança,
Dos fovores do filho ella concede
A apparente lisonja; ah! nós tranquillos
Nos julgavamos já por muito tempo:
Estas perfidas graças por dolosas

Alguns tinhão; as dadivas (dizião)
De hum inimigo sempre são suspeitas:
Quanto mais desconfiavão, mais sabia
O Rei fingir; pouco antes ao perjurio,
E ao engano, na sombra do segredo,
Medicis costumado havia o filho;
Aos delictos moldava áquelle tenro,
E facil coração; ás lições docil
O Principe infeliz, prompto a seguillas,
Pelo genio feroz, que o estimulava,
Mostra o muito, que havia aproveitado
Em tão pessima escola; occultar sabe
Inda mais hum tão perfido segredo
Dando-me sua irmã; (*m*) irmão me chama;
Nome fatal, que assim me has enganado!
Vãos juramentos! Hymineo funesto,

(*m*) Margarita de Valois irmã de Carlos IX. casou com Henrique IV. em 1572 poucos dias antes dos Massacros.

Tu primeiro signal de nossos males!
Teus fachos, que accendeu o Ceo irado,
A ver me dão de minha Mãi (*n*) a morte;
Eu injusto não sou, nem toda via
Quero imputar á Medicis a causa,
Fujo a talvez legitimas suspeitas,
E crimes procurar-lhe não preciso:
Minha Mãi espirou, perdoai, Rainha,
As lagrimas, que agora huma lembrança,
De si tão terna, arranca ás minhas dores:
A hora em fim chegou, e tudo prompto
Ao exito fatal premeditado.

Sem tumulto, e sem ruido deu-se a senha;

(*n*) Joanna de Albret, Mãi de Henrique IV. foi attrahida a Pariz com o resto dos Hugonotes, e morreu quasi subitamente, entre o casamento de seu filho, e o S. Bartholomeu, porém Cailard seu Medico, e Desnoeuds seu Cirurgião, Protestantes apaixonados, que abrirão o seu cadaver, não acharão nelle algum signal de veneno.

Da noite as sombras tudo apadrinhavão ;
Do infeliz mez (o) a desigual carreira
A luz tremula como que escondia
De horror , e espanto ; Coligny languente
Nos braços do reposo descançava ,
E o somno enganador as dormideiras
Sobre elle repetia ; de improviso
Mil gritos , e alaridos espantosos
D'este grato descanço seus sentidos
Vem arrancar ; levanta-se turbado ,
Repara , vê correr de toda a parte
A tropa de assassinos em tumulto ,
Em torno vê luzir os fachos , e armas ,
Seu Palacio abrazado , o mais do Povo
Em espanto , seus servos suffocados
Nas chammas , e de sangue todos tinctos ,

(o) Na noite de 23 para 24 de Agosto , vespera de S. Bartholomeu em 1572 , foi que se executou esta sanguinolenta tragedia.

Em chusmas os traidores, na carnagem
Enfurecidos, a alta voz levantão
=,, A ninguem se perdoe, he Deos que o manda
,, He Medicis, he ElRei, que o determina =
De Coligny o nome soar ouve,
O moço Teligny (*p*) vê vir ao longe,
Teligny, cujo amor ha merecido
Sua filha, elle a unica esperança
Do Partido, da sua casa a honra,
Que ferido, e arrastrado dos malvados,
Do seu sangue cuberto, lhe pedia
Vingança só, e lhe estendia os braços.

Mas o Heróe infeliz sem ter defeza,

(*p*) O Conde de Teligny havia 10 mezes que se tinha recebido com a filha do Almirante, e era de tão agradavel presença, que os primeiros, que chegarão para o matar, se deixarão enternecer á sua vista, porém depois outros mais barbaros o massacrarão.

E sem armas, pensando ser preciso
O morrer, e morrer sem mais vingar-se,
Quiz ao menos morrer, como vivera,
Acabando com gloria, e com virtude.

Já a immensa cohorte de assassinos
Do salão, em que estava, busca a porta,
E a pertende quebrar, mas elle abrindo-a,
Se a presenta a seus olhos com aquella
Vista serena, e rosto magestoso,
Tal quando nos combates mais violentos,
Senhor do seu valor, e bem tranquillo;
Instava, ou impedia a mortandade.

A este ár veneravel, ao augusto
Aspecto os matadores sorprendidos,
De respeito se encherão: huma força
Desconhecida as iras lhes suspende;
Companheiros (lhes diz) findai a obra,

E do meu frio sangue estes já brancos
Cabellos salpicai, que quarenta annos
Ha respeitado a sorte dos combates;
Ferí, nada temais, eu sei, que a morte
Coligny vos perdoa; a minha vida
He pouca coisa; sim, eu vo-la entrego,
Já que em vosso favor dalla não posso . . .

Ao dizer isto os Tigres se lhe prostrão;
Hum lança fóra as armas só de espanto,
Outro lhe abraça os pés, e os humedece
Com lagrimas: cercado este grande homem
Assim dos assassinos, parecia
Rei potente adorado do seu Povo.

Bésme, (*q*) que a sua victima esperava
Na Corte, corre, avança-se indignado

(*q*) Bésme era hum Alemão domestico da casa de Guiza.

Da mora do seu crime ; a apressar sóbe
Ancioso os vagorosos assassinos ;
Elle aos pés deste Heróe os vê tremendo :
A tão tocante objecto elle sómente
Inflexivel se mostra ; elle á piedade
He sempre o que resiste ; imaginava ,
Que era traidor a Medicis , e que era
Delinquente , se acaso sorpredido
Fosse de algum remorso , e assim por meio
Rompe da immensa turba a passos largos :
Com hum semblante intrepido o esperava
Coligny ; de improviso aquelle monstro ,
Todo furias , no peito a dura espada
Lhe atraveça , voltando d'elle os olhos ,
Receando este cruel , que o rosto augusto
Com hum golpe de vista não fizesse
Tremer-lhe o braço , e diminuir-lhe o esforço ;

Do maior dos Francezes tal , Senhora ,

A triste sorte foi ; ainda o insultão ,
E além da morte o ultrajão ; (r) seu cadaver
Todo ferido a golpes , e privado
De sepultura , ás aves devorantes
Servio de indigno pasto ; he transportada
De Medicis aos pés sua cabeça ,
Digna conquista d'ella , e de seu filho ;
Indifferente Medicis a attende ,
Sem monstrar , que a alegrava aquelle fructo
De tão cruel vingança , sem remorso,
Sem jubilo , dos seus sentidos livre ,
E como a taes offertas costumada.

(r) Pendurarão ao Almirante de Coligny pelos pés com huma corrente de ferro na forca de Montfaucon Carlos IX. foi com a sua Corte gozar de este horrivel espectaculo: e dizendo lhe hum dos Cortezões, que o corpo de Coligny cheirava mal, respondeu o Rei , como Vitellio, = O corpo de hum inimigo morto sempre cheira bem.=

Quem pudera expressar agora as ruinas,
De que esta cruel noite a nossos olhos
Presentou as imagens ! Foi a morte
De Coligny preludio das desgraças,
Fraco ensaio de todos os mais damnos:
De hum Povo de aasassinos grossas tropas
Por zelo, e por dever, enfurecidas
Na carnagem, sem tino assim marchavão,
Na mão o ferro, os olhos scitillando,
Sobre os corpos, ou mortos, ou feridos,
De nossos irmãos: Guiza (*ſ*) em frente d'elles
Em colera abrazado, como que a alma
De seu Pai sobre os meus vingar queria.
Nevers, (*t*) Gondy, (*u*)Tavanne(*x*)com a espada

(*ſ*) Era Henrique Duque de Guiza chamado o Balafré, filho do Duque Francisco, de que assima se fallou.

(*t*) Frederico Gonsaga da casa de Mantua, Duque de Nevers, hum dos auctores do S. Bartholomeu.

(*u*) Alberto de Gondy Marechal de Retz, favorecido de Catharina de Medicis.

(*x*) Gaspar de Tavanne pagem de Francisco I.

Na mão os animavão aos transportes
Do zelo mais cruel ; dos criminosos
Mostrando-lhes a lista , lhes marcavão
As victimas , que são do sacrificio.

Eu não vos pintarei , qual o tumulto ,
Quaes os gritos , e o sangue que corria
Por toda a parte : o filho assassinado
Sobre o corpo do Pai ; a Mãi co' a filha ,
O irmão co' a irmã , mesmo os esposos
Que abraçados nos leitos espiravão ,
Esmagados nos berços os filhinhos
Com duras pedras ; nada em fim se estranha
Nos homens , quando mais enferecidos ;
Mas o que se fará para o futuro

Elle corria pelas ruas de Pariz na noite de S. Bartholomeu , clamando ; sangrai , sangrai , porque a a sangria he tão boa no mez de Agosto , como no mez de Maio.

Sómente incomprehensivel, he, Rainha,
O que podeis apenas crer vós mesma;
He, que os Monstros fataes da tyrannia
Furiosos, excitados pelas vozes
Dos sanguinarios Padres, (*y*) invocavão
O Senhor das alturas na carnagem
De seus irmãos, e o braço assim manchado
Do sangue d'innocentes se atrevia
Offertar ao bom Deos tão impio incenso.

Oh! e quantos Heróre indignamente

(*y*) O falso zelo, e a superstição tem algumas vezes levado os mesmos Ministros do Santuario aos maiores excessos. Nós o vimos succeder na França n'esta occasião: em Portugal no tempo do grande Rei D. Manoel, e em todas as Nações em differentes épocas. Porém o crime d huns pouco illuminados deve por ventura procurar a infamia á augusta ordem Sacerdotal? He pois claro, que a censura do A. n'este lugar só deve recahir sobre aquelles, que obrarão tão excecranda maldade. (*Nota do Editor*)

Perecerão! Lá forão ter c'os mortos
Renel, (z) e Pardaillan, e vós valente
Guerchy, (a) vós Lavardin sabio, e bem digno
De mais vida, e de haver melhor fortuna:
Dos infelices, que esta cruel noite
Aos horrores lançou da sombra escura,
Marsillac, (b) e Soubise (c) condemnados

(z) Antonio de Clermont-Renel, querendo salver-se em camiza, foi morto pelo filho do Barão des Adrets, e por seu proprio primo Bussy d'Amboise. O Marquez de Pardaillan morreu tambem ao lado d'elle.

(a) Guerchy se defendeu na rua por muito tempo, matou alguns assassinos antes de ser opprimido pelo numero; mas o Marquez de Lavardin não teve tempo de arrancar pela espada.

(b) Marsillac, Conde de la Rochefoucault, era favorecido de Carlo IX. com quem tinha passado huma parte do noite: este Principe mostrando alguma vontade de o salvar, chegou a dizer-lhe, que dormisse no Louvre, porém a final o deixou ir, dizendo depois, já vejo que Deos quer, que elle morra.

(c) Soubisse tinha este nome por casar com a

A morrerem, defendem algum tempo
Seus dias desgraçados, té, que exangues
Com mil feridas respirando apenas,
Até as portas do Louvre conduzidos
Se virão, e arrastrados, com seu sangue
Tingindo-lhe as paredes mentirosas,
Clamando contra o Rei, que os enganara.

Do alto do Palacio a tempestade
Medicis excitando, contemplava
Com socego esta farça; os seus validos
Com hum corioso olhar desapiedado
Viáo hum mar de sangue derramar-se
A seus olhos: da Corte em labaredas

---

herdeira d'aquella casa: elle se chamava Dupont-Quellenec. Defendeu-se por muito tempo, e cahio traspassado de golpes debaixo das janellas da Rainha. As Damas da Corte forão ver o seu cadaver nu, e ensanguentado por huma curiosidade barbara, e digna d'esta Corte abominavel.

As ruinas fataes erão com gosto
D'estes Heróes as pompas do triunfo.

Que digo ! O' crime ! O' pessima vergonha !
O' tu maior dos males ! O Rei mesmo ,
Carlos o Rei , (*d*) no meio dos algozes ,
Perseguindo os procriptos, que fugião ,
Chega a manchar no sangue dos Vassallos
As suas mãos sagradas ; Valois mesmo ,
Este a quem hoje sirvo , este que implora
Por mim vosso soccorro , dos delictos
D'hum tão barbaro irmão parcial se ha feito ;
Elle o furor lhe excita á mortandade ,
Não que tenha Valois entranhas féras ,

(*d*) Ouvi de dizer ao ultimo Marechal de Tessé , conhecera na sua mocidade hum velho , o qual lhe havia asseverado muitas vezes , que elle mesmo tinha carregado a espingarda , com que o Rei atirara sobre os seus Vassallos Protestantes na noite de S. Bartolomeu.

Raras vezes no sangue humedecido
Tem a mão, mas do crime o raro exemplo
Seus annos inda poucos assaltava;
Sua mesma crueldade era fraqueza.

He verdade, que alguns na immensa turba
Dos mortos os esforços illudirão
Do ferro matador: (e) Caumont hum d'elles,
Infante juvenil, teve o successo,
Que pelo assombro irá de boca em boca
A's gerações futuras: opprimido
Seu velho Pai c'o pezo de seus annos,
Deitado entre dois filhos, se entregava
Ao somno; unico leito os recebia;
Cégos de ira os furiosos assassinos
A golpes apressados encravavão

(e) O Gaumont, que escapou n'este massacro, he o famoso Marechal de la Force, que viveu depois até a idade de 84 annos.

Sobre elles os punhaes ; então a morte
Vóa á ventura sobre o infeliz leito :
Só o Eterno nas suas mãos possue
Nossos destinos ; sobre nossos annos
Elle sabe vigiar, quando lhe agrada:
Em quanto em seus furores o homicida
He illuso, Caumont de nenhum golpe,
De nenhum ferro foi já mais ferido ;
Hum invisivel braço em defendello
Armado, a sua infancia libertava
Das mãos dos matadores : a seu lado
Seu Pai mesmo acabando com mil golpes,
C'o seu corpo o cubria todo inteiro,
E os barbaros assim sendo enganados,
Segunda vez ao filho deu a vida.

Eu entre tanto, n'estes espantosos
Momentos, que fazia ? Ah ! que eu seguro
Na fé dos juramentos, e tranquillo

Bem no centro do Louvre, onde ao estrondo
Das armas me occultarão, os encantos
De hum suave repouso inda sentia:
Noite funesta! Somno lastimoso!
Os despojos da morte em despertando
Me instruirão; eu vi sacrificados
Meus mais caros domesticos; o sangue
Por toda a parte os porticos regava;
Quando os olhos abri, foi para o espanto
De ver, que sobre o marmore acabavão
De degolar os meus os assassinos;
De sangue estes cubertos ao meu leito
Se avançarão, e os braços parricidas
Diante de mim erguem, eu tocando
Da minha sorte o ultimo momento,
Apresento a cabeça, espero a morte.

Mas seja, que hum antigo alto respeito
Ao sangue dos seus Reis inda fallasse

Por mim no coraçáo d'estes traidores ;
Ou seja, porque a colera engenhosa
De Medicis achasse ser-me a morte
Supplicio muito brando; ou em fim seja,
Que por se assegurar de hum porto, em quanto
Durava a tempestade, seu prudente
Furor para refens me conservasse,
Guarda-me a vida para novas penas,
E logo aos ferros manda que me entregue.

Coligny mais feliz, de inveja digno,
Sim morreu, mas ao menos não perdera
Mais do que a vida, a sua liberdade
Levou, e a sua gloria á sepultura . . . . .
A esta narração cheia de assombros
Estremeceis, Senhora? Vos sorprende
Tanto horror? Mas de atroz barbaridade
Vos tenho a menor parte decifrado :
Já vos disse, que do alto do seu Louvre

Foi Medicis, que á França o signal dera;
Tudo a Pariz seguio; sem resistencia
Cubrio a morte em hum fatal momento
Toda a face da França; hum Rei, que estima
O delicto, he servido promptamente;
Por cem mil assassinos suas iras
Se virão respeitadas; testemunhas
São os rios da França, cujas agoas,
Tinctas de sangue, aos mares assombrados
Nada mais conduzião, senão mortos.



CANTO III.

ARGUMENTO.

O Herôe continua a historia das Guerras civis de França. Morte funesta de Carlos IX. Reinado de Henrique III. O seu caracter; o do famoso Duque de Guiza, conhecido pelo nome de Balafré. Batalha de Coutras: Morte do Duque de Guiza: Extremidades, a que Henrique se vê reduzido. Mayenne he o Chefe da Liga: D'Aumale he d'ella o Herôe: Reconciliação de Henrique, Rei de Navarra: Soccorro, que promette a Rainha Isabel: Sua resposta a Herique de Bourbon.

QUando teve a sentença dos destinos
Permittido no espaço de alguns dias
Hum livre curso a tantas crueldades,
E que dos seus delictos fatigados

Os monstros ; embotadas as espadas ,
Não tiverão mais victimas ao ferro ;
O Povo , a quem o braço havia armado
A Rainha , por fim abrindo os olhos ,
Seus attentados vio ; sua piedade
Facilmente succede á sua furia ;
Elle ouve a voz gemer da sua Patria ;
Carlos logo elle mesmo de horror forte
Se occupou ; o remorso devorante
Penetrou a sua alma ; a má cultura
De seus primeiros annos n'elle havia
Corrompido bastante a natureza ;
Porém não soffocado a voz , que assusta ,
E que os Reis horroriza sobre o Throno ;
Pela Mãi educado , em seus costumes ,
E maximas nutrido , não , como ella ,
Carlos se endurecia nos delictos :
A flor de seus bons dias a tristeza
Veio em fim a murchar ; hum languor forte

Lhe abbrevia a carreira; Deos sobre elle
Da vingança o furor descarregando,
Quiz que este Rei morresse, e quiz que o sello
Da sua ira em fim o assignalasse,
Servindo de terror o seu castigo
A qualquer, que imitallo pertendesse:
Eu o vi espirando; Oh quanto a imagem
He espantoza! A meus, olhos, inda cheios
De ternura, parece estar presente:
O sangue (*a*) que das veas lhe vem fóra
Com impetos mortaes, vingava o sangue
Francez por ordem sua derramado;
De huma invisivel mão elle conhece
Ser ferido, e de fim tão lastimoso
Em suspensões o Povo lamentava

(*a*) Foi sempre enfermo depois do S. Bartholo meu, e morreu quasi dois annos depois em 157 a 30 de Maio, todo banhado em sangue, que lh sahia pelos póros.

Na flor da idade hum Rei rendido á morte,
Hum Rei, pelos malevolos no crime
Entranhado, e que á França promettia
Pelo arrependimento, de hum governo,
De hum Imperio pacifico a esperança.

A' voz, de que era morto, de improviso
O impaciente Valois a toda a pressa
Vem do centro do Norte a estes lugares
(Que da carnagem vil inda fumavão)
De hum infeliz irmão occupar prompto
A triste, quanto ensanguentada, herança.
N'este tempo a Polonia havia posto,
De commua eleição, o affortunado
Valois dos Jagellons (*b*) no Throno augusto;
Seu nome mais temido, que o dos grandes

(*b*) Henrique III. succedeu na Coroa a Sigismundo II. Rei de Polonia, ultimo Principe da raça dos Jagellons.

Principes poderosos, já ganhado
Havia o coração a cem provincias;
Hum nome tão depressa assim famoso
He carga mui pesada; não sustenta
Valois este perigo. Em vão espere,
Que agora o justifique; o meu repouso
Posso eu sacrificar-lhe, a minha vida,
Tudo, excepto a verdade, pois só esta
Eu devo preferir-lhe; eu o lastimo,
Eu o amparo inda mesmo, quando o accuso.

Como sombra ligeira, a sua gloria
Passado havia; he grande esta mudança,
Porém muito ordinaria; tem-se visto
Mais de hum Rei, das batalhas victorioso
Voltar, para ir a ser na Corte escravo:
No espirito, Rainha, he que se mostra
O valor verdareiro, repartidas
As virtudes Valois dos Ceos obteve;

He valente, mas fraco; he na verdade
Menos Rei, que soldado; elle constancia
Na occasião dos combates só sustenta;
Vergonhosos Validos lisonjeando
Sua indolencia, governavão sempre
Seu tibio coração, como querião;
Recolhidos com elle ao mais interno
Do Palacio, aos clamores lastimosos
Dos Povos opprimidos erão surdos.
Na voz do Rei dictavão Leis funestas:
As quaes lhe comprazião; dos thesoiros
Da França elles os restos dissipavão,
E o Povo affiicto, dando vãos suspiros,
Com o luxo gemia já sem forças,
E pagava os fataes divertimentos.

Em tanto que debaixo de hum tal jugo
De animos cubiçosos, com o pezo
Dos subsidios Valois carrega o Estado,

Guiza apparece ; e o Povo que he mudavel ;
Para este astro brilhante bem depressa
Voltou os olhos ; seu valor supremo ,
A gloria de seu Pai , suas emprezas ,
A graça , o aspecto , o dom inimitavel
De agradar (que melhor , do que a virtude ,
Os corações domina) erão encantos ,
Com que os votos de todos attrahia ;
Ninguem melhor do que elle a feliz arte
Possuhio de enganar ; maior imperio
Sobre suas paixões nenhum obteve ;
Debaixo de apparencias enganosas
Nenhum soube melhor ter encubertas
De seus vastos designios as escuras
Profundidades ; aspero , soberbo ,
Mas docil , popular ; elle dos Povos
As oppressões em publico sentia ,
Dos tributos o pezo rigoroso
Mostrava abominar ; Quão satisfeito

O pobre, que o buscou, d'elle se aparta!
Elle sabia a timida indigencia
Prevenir, em Pariz seus beneficios
Sua presença ao Povo annuciavão;
Dos Grandes, que inda mesmo aborrecia,
Soube fazer-se amar; era terrivel
No seu nojo, tenaz quando offendido,
Temerario nos votos, nas idéas
Sempre sabio, brilhante nas virtudes,
E nos vicios; á vista dos perigos
Animoso, guerreiro, affortunado,
Principe grande, Cidadão perverso.

Quando por algum tempo de experiencia
Seu poder conheceu, e vio que tinha
A inconstancia do Povo sujeitado,
Mais se não desfarçou; já sem rebuço
Do Throno do seu Rei o fundamento
Procura destruir: em Pariz fórma

Aquella fatal Liga, que da França
Inficionou depressa todo o resto;
Monstro espantoso, que ha nutrido os Povos,
E os Grandes, que cevados na carnagem
Tem feito hum Paiz fertil em tyrannos.

Dois Monarchas a França no seu seio
Então vio, mas hum d'elles não gozava
Mais que de Rei as frivolas insignias;
Outro porém levando a toda a parte
A esperança, e o assombro, dava indicios,
De que o titulo vão lhe era escusado.

Do seu lethargo em fim Valois desperta;
O ruido, o apparato, a mesma força
Do perigo, que o incita, então lhe abrirão
Hum momento seus olhos carregados;
Mas, da importuna luz turbada a vista,
Não distingue na força da tormenta

O raio ameaçador, que sinttllava
Sobre sua cabeça; e bem depressa
Cançado de hum instante só de acordo,
Froxo outra vez lançando-se nos braços
Do somno, entre as delicias, e os delictos,
Dorme tranquillo junto aos precipicios.

Eu lhe restava ainda, e tudo prompto
Se via a perecer; elle não tinha
Mais do que eu, quem pudesse dar-lhe auxilio;
Eu herdeiro do Throno depois d'elle,
Sem vacilar meu braço já dispunha
A ajudallo; hum arrimo bem preciso
Eu á sua fraqueza offerecia,
Vou salvallo, ou com elle vou perder-me.

Porém Guiza muito habil, muito destro
Em offender, cuidava occultamente
Hum por hum destruir-nos; eu que digo!

Obrigou a Valois, que se privasse
Do seu unico amparo, em que podia
Fundar as esperanças; o pretexto
Commum da Religiáo foi hum honrroso
Véo a este misterio abominavel;
Só por esta virtude, que fingia,
Enfurecido o Povo, reanimava
A colera inda n'elle mal extincta;
O culto de seus Pais Guiza lhes lembra,
E os ultimos enormes attentados
Das Seitas Estrangeiras; inimigo
De Deos, da Igreja a todos me pintava.
Bourbon leva (lhes diz) a toda a parte
Os seus erros, seguindo os perigosos
Exemplos de Isabel; elle os seus templos
Vai fundar sobre os vossos destruidos;
Vós vereis em Pariz as criminosas
Infames pregações dos seus Sectarios.

Ah! que a estas palavras todo o Povo
Estremeceu por bem dos seus altares;
Té onde habita o Rei foi conduzido
Hum tal assombro; a Liga, que fingia
Ser d'isso espavorida, dar-lhe o annuncio
Vem da parte de Roma, em voz de que esta
O ligar-se comigo lhe prohibe.
Ah! o Rei muito fraco condescende
Sem resistir, e quando me apressava
Eu unico a vingar-lhe a sua injuria,
O irmão de minha Esposa submettido
A' vontade da Liga, por perder-me
Se une a seus inimigos; de soldados
A seu pezar em fim enchendo os campos,
Por timidez a guerra me declara.

De huma fraqueza tal eu me condôo;
Se o havia de ir vingar, a combatello
Já parto sem demora; em cem lugares

As Cidades, revoltas pela Liga,
Se me oppoem, mil exercitos levantão;
Joyeuse com ardor vem atacar-me,
Das fraquezas do Rei Ministro activo;
Guiza, cuja prudencia competia
Co' seu valor, separa os meus sequazes,
A passagem lhes toma; eu apertado
Por toda a parte, de armas, de inimigos,
A todos desafio, e tento as sortes.

Com o soberbo Joyeuse envisto logo
Em Coutras, vós sabeis sua derrota,
E o seu fim desgraçado; assim, Rainha,
Poupar-vos devo narrações superflas.

Não, não posso acceitar vossas escuzas
(Diz a augusta Princeza) não consinto,
Que de huma narração seja privada,
Que ao passo que me instrue, me interessa;

Não deixeis este dia, o grande dia
De Coutras; dizei, sim, vossos trabalhos,
Vossas' virtudes, Joyeuse, e a sua morte;
Emprezas forão vossas, he bem justo,
Que o Auctor d'ellas deva só contar-mas,
E talvez de as ouvir eu seja digna.
Assim fallou: e o Herõe ao lisongeiro
Dircurso sentio logo, que seu rosto
De hum illustre pudôr se lhe cubria,
E obrigado a fallar da sua gloria,
A narração fatal assim prosegue.

De todos os validos, que em seu peito
Valois idolatrava, e que rendião
Incensos á moleza de hum Rei froxo,
Que em fim lhe davão leis, Joyeuse (*c*)oriundo

(*c*) Anne Duque de Joyeuse casou com a irmã da mulher de Henrique III., e na sua embaixada a Roma foi tratado como irmão do Rei: elle ti-

De hum sangue bem illustre entre os Francezes
De tão alto favor era o mais digno.
Elle tinha virtudes; e se a Parca
De seus bons dias não lhe abbreviasse
N'este combate a prospera carreira,
Sem duvida, que, a emprezas sempre grandes
Sua alma costumada, inda algum dia
De Guiza igualaria a gloria, e o nome;
Mas no meio da Corte elle nutrido
Em mãos do amor, no seio dos prazeres,
Não teve que me oppor mais que hum excesso
De valentia, em hum Heróe tão moço
Perigosa vantagem. A' sua sorte
Os bravos Cortezãos em chusma unidos,

---

nha hum coração digno da sua grande fortuna, e combateu em Coutras contra Henrique IV. então Rei de Navarra. Comparava-se o seu exercito ao de Dario, e o de Henrique ao de Alexandre. Foi morto na batalha por dois Capitães de Infantaria chamados Bordeaux, e Descentiers.

Das delicias á morte se avançavão ;
Nas cifras amorosas , que trazião ,
Por penhor das ternuras , nos vestidos ,
Suas Senhoras derão-lhe seus nomes ;
As armas com o fogo dos diamantes
Resplandecião ; bem affeminados
Mostravão ser os braços , em que vinhão
Tão frivolos ornatos. Tumultuosos ,
Ardentes , pouco expertos na milicia ,
A arrogante imprudencia conduzião
Ao combate ; soberbos com tal pompa ,
Féros co'a multidão de immensas gentes ,
Impetuosos , sem ordem se avançavão.

De esplendor differente a ver se dava
O meu campo ; em silencio á vista d'elles
O exercito estendido , a qualquer parte
Offerecia só soldados fortes ,
No trabalho , e na guerra endurecidos ,

A's feridas, e ao sangue costumados;
Era o mosquete, e a espada o que compunha
Sómente seus adornos; eu com elles
Trajava a mesma pompa, vinha armado
Tambem do mesmo ferro; de pó cheio
Os esquadrões aos golpes conduzia;
Eu, como elles, a morte desprezava,
E era o meu distinctivo tão sómente
Marchar na frente d'elles. Destroçados,
E vencidos eu vi meus inimigos;
Que horror! huns espirando, outros dispersos;
A espada lhes cravava nos seus seios,
Mas muito a meu pezar, que antes quizera,
Que no sangue Hespanhol fosse ensopada.

Dos Cortezãos, a quem cortou o ferro
Na flor da idade, (he força confessallo)
Com feridas honrosas nenhum houve,
Que não morresse; firmes nos seus póstos;

Vião diante de si accommetellos
A morte, sem que o rosto algum voltasse
Sem recuar hum só passo; este o carecter
Dos Cortezãos Francezes; a paz n'elles
O ordinario valor não debilita,
Da sombra do reposo voar sabem
A's emprezas; na Corte lisonjeiros,
Mas no Campo de Marte Heróes valentes.

Eu no meio do horror de huma espantosa
Confuzão, sim mandava se perdoasse
A Joyeuse, mas em vão; pois bem depressa
O vi pelos soldados conduzido
Pallido, e já cuberto das escuras
Sombras da morte; tal como a flor tenra,
Que na manhã se vê romper formosa
Com os sopros do Zefiro suave,
Co' as lagrimas da Aurora; brilha á vista
Poucos instantes, cahe antes de tempo.

Ou já sinta do ferro o duro golpe,
Ou a força do vento enfurecido.

Mas para que recordo, e não me esqueço
De tão triste victoria! que não possa
Abandonar eu antes da lembrança
Os crueis monumentos de espantosos
Preteritos successos! o meu braço
Só do sangue Francez se tinge ainda;
A tal preço huma gloria assim comprada
Não me póde encantar; se a frente cinjo
De ensanguentados loiros, serão sempre
De minhas tristes lagrimas banhados.

D'este infeliz combate, d'esta perda
Resultou profundar-se mais o abysmo,
De que Valois em vão sahir queria;
Quando a sua desgraça foi patente,
Mais desprezado foi; Pariz foi menos

Submissa, a Liga teve mais audacia;
E a grandeza de Guiza, que accendia
Suas dores, e affrontas igualmente,
Dobrou seus infortunios. Guiza (*d*) soube
Em Vimorí com mão mais venturosa
Vingar sobre os Germanos derrotados
De Joyeuse a perda; o mesmo mal sentirão
Em Aunau meus alliados sorprendidos:
Entra em fim em Pariz cheio de loiros
O grande vencedor; alli se mostra,
Como hum Deos Tutelar: Valois admira
Os triunfos do seu rival soberbo,
Que sempre no insultar com vigor forte

(*d*) No mesmo tempo que o exercito do Rei foi derrotado em Coutras, obrava o Duque de Guiza acções de hum destro General, contra hum Corpo de Cavallaria, que vinha em soccorro de Henrique IV., e depois de o haver cançado, e accommettido por muito tempo, o desfez junto d'Aunau.

Ao Principe abatido, parecia,
Que o não fora a servir, mas a vencello.

À vergonha por fim he quem accende
O mais fraco valor, Valois sensivel
He já no resentir-se d'esta affronta;
Reprimindo a fereza de hum vassallo,
Quiz provar sua fraca auctoridade;
Mais que esperar não tinha, estava extincta
Nos corações de todos a ternura,
Não havia temor para com elle;
Todo o Povo attrevido a sublevar-se
Se dispunha; o seu Rei por hum Tyranno,
Desde que quiz reinar, reconhecião;
Ajuntão-se, conspirão-se, os rebates
Se multiplicão, passa a ser soldado
Qualquer Paizano, em armas se põe logo
Todo o Pariz, se formão n'um instante

Mil muralhas nascentes, (*e*) que ameação
Contra as guardas do Rei postas em sitio.

Guiza (*f*) no horror maior da tempestade
Tranquillo, e féro, já precipitando,
Já fazendo conter o ardor da plebe;
Da sedição as maquinas regia;
Por elle se agitava, e a seu imperio,
Este tão vasto corpo; ardendo em furia
Ao Palacio corria a chusma toda;
Se Guiza huma palavra só dissesse,
Era morto Valois; mas quando mesmo
De hum só golpe de vista elle o podia
Destruir, pareceu satisfazer-se
Com fazello tremer; e os sediciosos

(*e*) As barricadas.

(*f*) O Duque de Guiza nas barricas, contentou-se de reenviar a Henrique III. as suas guardas, depois de havellas desarmado.

Impedindo elle mesmo em seus progressos,
Por piedade deixou o passo livre,
Porque Valois pudesse haver a fuga.
Em fim (qualquer que fosse o seu projecto)
Guiza para tyranno emprehendeu pouco,
Muito para Vassallo. Todo aquelle,
Que ha podido forçar o seu Monarcha
A temello, se não se arrisca a tudo,
Tudo deve recear; desde este dia,
Nos seus grandes designios Guiza firme,
Conheceu, que não era jámais tempo
De ser meio offensivo, e que elevado
A tão alto, mas sobre hum precipicio;
Se ao Throno com triunfo não subia,
Ao suplicio marchava; elle absoluto
Senhor em fim de hum Povo rebellado,
O coração bem cheio de esperança,
E de temeridade, dos Ibéros
Soccorrido, apoiado dos Romanos,

Amado dos Francezes, protegido
De seus irmãos, suppoz este orgulhoso
Vassallo revocar aquelles tempos
Dos nossos Reis primeiros, em que os fracos
Seus descendentes sendo decahidos
Quasi ao nascer, do seu poder supremo,
Debaixo de hum burel, que aborreciáo,
O diadêma occultavão; e nas sombras
De hum claustro, (*g*) alli gemendo só comsigo,
Viáo reger o Imperio seus tyrannos.

Valois sua vingança differindo,

(*g*) O Cardeal de Guiza, irmão do Duque, havia dito muitas vezes, que elle esperava ter bem cedo a cabeça de Henrique III. entre as suas pernas para lhe abrir huma Coroa de Monge: este designio era tão publico, que se affixarão estes dois versos latinos nas portas do Louvre:
Qui dedit antè duas, unam abstulit, altera nutat
Tertia Tonsoris est facienda manu.

Os Estados de França em Blois erguia ;
Talvez vos hajão dito estes Estados
Quaes forão ; Leis alli se propuzerão ,
Que não se executarão ; a eloquencia
De Deputados mil tornou-se esteril ;
Largamente propoz nossos abusos ,
Mas sem fructo ; que o mais commum effeito
De tantos , e diversos pareceres ,
He vermos sem allivio os nossos males.

No meio dos Estados , arrogante
Vem Guiza do seu Principe offendido
Injuriar a presença ; junto ao Throno
Se sentou , e nos seus projectos firme ,
Bem creu , que tinha n'estes Deputados
Outros tantos Vassallos. Já a traidora
Vil cohorte , vendida ao seu tyranno ,
Hia a por-lhe nas mãos o poder summo ,
E absoluto dos Reis , quando cançado

De o temer, de o poupar, Valois vingar-se
Quiz em fim, e reinar. O rival sempre
Attento em desgostallo, desprezava
Desdenhoso inimigo as suas iras,
No Principe irritado não suppondo
Haver valor bastante a destruillo:
Seu destino o cegava, erão já cheios
Seus dias, o Rei mesmo á sua vista
O fez sacrificar; (*h*) cem punhaladas
O ferem cruelmente, inda espirando
Não se abateu por isso o seu orgulho,
E o rosto, que talvez ainda temia
Valois, pallido, e todo ensanguentado
Insultar o seu Rei inda mostrava:

(*h*) Elle foi assassinado na antecamara do Rei, no Castello de Blois, por Lognac, Gentil-homem Gascon, e por alguns dos guardas de Henrique III. que se chamavão os quarenta e cinco a 23 de Dezembro de 1588.

D'esta sorte acabou hum tal Vassallo
Poderoso entre todos, admiravel
Compendio de virtudes, e de vicios;
O Rei, cuja suprema auctoridade
Elle havia usurpado, froxamente
O soffreu, té que d'elle houve vingança.

A fama do successo sem demora
Vôa a Pariz, o Povo sorprendido
Com gritos enche o ar, logo as mulheres
Consternadas, os velhos suspirando,
Partirão a abraçar do infeliz Guiza
As estatuas. Pariz todo suppunha
Pertencer-lhe n'este ultimo perigo
Vingar o Pai, e defender a Igreja.
De Guiza o irmão, o intrepido Mayenne, (*i*)
Posto no meio d'elles lhes incita

(i) O Duque de Mayenne, irmão mais moço do Balabré.

O furor á vingança; era o interesse,
Mais que o resentimento, quem ó obriga
A accender em mil partes a desordem.

Nos temores nutrido ha muito tempo
Mayenne, militou subdito sempre
Ao mando do soberbo Chefe Guiza;
Elle he seu sucessor não só na gloria,
Mas tambem nos designios. Se ha passado
A's suas mãos da Liga o impio sceptro,
Esta grandeza immensa, e tão amavel
Ao seu desejo, em breve o fortalece
Na perda de hum irmão, que elle obrigado
Servio sempre: Mayenne antes estima
Vingallo, que marchar ás suas ordens.

Tem Mayenne hum valor assás heroico;
(Eu confesso) por-huma affortunada
Bem experta politica elle sabe

Ter debaixo das suas leis unidos
Espiritos diversos, sempre oppostos
Ao seu Rei, quando escravos dos Tyrannos:
Como conhece d'elles os talentos,
Assim sabe usar d'elles; muitas vezes
De hum infortunio tira huma ventagem:
Com mais estrondo, mais magnificencia
Guiza os allucinava; foi mais grande;
Mais Heróe, mas não foi mais pernicioso.
Eis-aqui em rigor quem he Mayenne,
E qual o seu poder; a Liga altiva
Quer da sua prudencia esperar tudo:
O mancebo d'Aumale presumido
De hum forte coração, seu orgulhoso
Valor pelos espiritos derrama:
D'Aumale he do Partido hum formidavel
Escudo; elle até hoje de invencivel
O titulo possue; em fim Mayenne,

Que ao meio dos combates o dirige,
Alma he da Liga, e he d'Aumale o braço.

No em tanto dos Flamengos o funesto
Politico oppressor, esse visinho
Pernicioso, o Cahtolico tyranno,
O Rei, que no artificio só se firma,
O Rei vosso inimigo, e na verdade
Meu inda mais, Filippe, (*l*) a si tomando
De Mayenne a defeza, elle fomenta
A causa dos rivaes. A mesma Roma, (*m*)
Que suffocar devera tantos males,

(*l*) Filippe II. Rei d'Hespanha, filho de Carlos V. chamava-se. *Dœmonium meridianum*, porque turbava toda a Europa, ao meio dia da qual se situa a Hespanha.

(*m*) He verdade que Roma se introduzia múitas vezes nas dissensões temporaes dos Principes, mas devemos confessar, que o mais dellas o fazia, porque os mesmos Principes a interessavão nas suas dis-

Roma as chammas accende da discordia : (*n*)
Aquelle que tambem Pai se intitula
Dos Christãos, huma espada sanguinosa
Nas mãos dos filhos põe ; dos dois limites
Da Europa, de me verem assombrados,
A Pariz correm todas as desgraças :
Rei em fim sem Vassallos, sem defeza
Perseguido, Valois vê-se obrigado

---

putas. Os principios do Direito publico Ecclesiastico, tão ruinosos como forão nos Seculos antecedentes, conduzião muito a que os Pontifices olhassem similhantes discordias, como coisa sobre que tinhão huma legitima inspecção ; e d'aqui se seguio arrogarem a si poderes, que justamente lhe forão depois contestados. O Patrocinio, e soccorro que Roma dava nesta occasião aos da Liga era bem fundamentado, porque temia ver pela entronização de Henrique IV., alguma mudança de Religião, n'hum Reino, onde a verdade achara sempre o seu mais firme apoio. Accuzem-se pois os tempos, e não as sagradas pessoas dos Pontifices. (*Nota do Editor*)

(*n*) A Corte de Roma ganhada pelos Guizas, e

A implorar meu poder ; imaginou-me
Generoso , e não teve pezar d'isso ;
Meu coração se occupa das miserias
Do Estado ; em hum perigo tão urgente
De todo se aplacavão minhas iras ;
Não respeito em Valois mais que da Esposa
O irmão ; o meu dever assim o ordena,
Com a sua lei cumpro : a auctoridade
De hum Rei , eu Rei defendo ; a Valois busco
Sem mais trato ou refens , (*o*) e então lhe digo :
No vosso animo está vossa fortuna ,
A morrer , ou vencer vinde , apressai-vos
Aos muros de Pariz. Hum nobre orgulho
eu espirito então encheu de todo :

D

ubmettida então á Hespanha , fez quanto pôde , ara arruinar a França. Gregorio XIII. soccorreu a iga com homens , e dinheiro : e Sixto V. come- ou o seu Pontificado pelos maiores excessos , que lizmente forão os mais inuteis contra a casa Real.

(*o*) Henrique IV. teve a generosidade de ir a Tours ,

Lisonjear-me não sei de haver podido
Na sua alma infundir com meu exemplo
Huma tão bella chama: Ha dispertado
Sua desgraça em fim sua virtude;
A froxidão lamenta, que abatido
O havia tanto tempo; precisava
Valois de hum tal destino assim adverso;
Muitas vezes aos Reis he necessario.

Taes erão de Bourbon os bem sinceros
Discursos, entre tanto dos Inglezes
Insta o soccorro; já dos altos muros
Da Cidade rebelde a voz, que clama
Victoria, para o Campo o está chamando.
Mil mancebos Inglezes partem logo

---

ter com Henrique III., seguido sómente de hum page, sem embargo das desconfianças, e rogativas de seus velhos Officiaes, que temião por elle hum segundo massacro.

Sobre seus passos a cortar o seio
Dos mares ambiciosos dos combates.

Essex lhe vai na frente ; (*p*) Essex aquelle,
Cujo valor aos féros Castelhanos
Confundio a prudencia , e que não cria ,
Que hum infausto destino lhe murchasse
Os loiros pela sua mão colhidos.

Não se demora Henrique ; áquelle Chefe
Nada tambem o impede, elle se apressa
A partir , impaciente da victoria.
Ide pois, digno Heróe (diz-lhe a Rainha)
Ide , que os meus guerreiros já vos seguem ,

(*p*) Roberto de Evreux , Conde de Essex famoso pela tomadia de Cadiz aos Hespanhoes , pela ternura de Isabel para com elle , e pela sua morte tragica em 1601. Esta Rainha o enviou com effeito na testa de sinco mil homens em soccorro de Henrique IV.

Atravessando as ondas ; porém certo ,
Que não he a Valois , mas sim a Henriqu
A quem querem seguir ; ao seu cuidado
Generoso os confia a minha alliança ;
Vellos-heis ir ao meio dos combates ,
Mais por vos imitar , do que em soccorro ;
Na grande arte da guerra elles formados
A vosso exemplo , aprenderáõ comvosco
A servir a Inglaterra : possa a Liga
Bem depressa acabar aos vossos golpes.
Serve Hespanha a Mayenne ; oppoem-se Rom
Contra vós ; ide pois vencer a Hespanha ,
E sabei , que não deve hum homem grande
Jámais temer de Roma os debeis raios.

Vindicai das Nações a liberdade ;
A fereza de Sixto , e de Filippe ,
Abatei ; de seu Pai Filippe ha sido
Hum tyrannico herdeiro , menos grande ,

Menos forte, e politico não menos:
Desunindo os visinhos, dando a todos
Armas, do fundo crê do seu Palacio,
Que póde subjugar o mundo inteiro.

Do seio do pó, Sixto (q) hoje elevado (r)
Ao Throno com poder mais diminuto

(q) Sixto V. nascido nas grutas da Marca de Anona, homme cuja turbulencia igualou a sua disimulação. Elle com tudo estimava a Rainha Isael, e appellidava a por *un gran cervello de Principesa.*

(r) O nascimento humilde e obscuro de Sixto ão he na verdade hum titulo justo para sua cenıra: Tem-se visto em todas as differentes Jeraruias da sociedade civil, nos mesmos lugares mais minentes, Heróes tirados do pó da terra. Os taıntos, e a virtude não estão annexos á nobreza. om effeito se Sixto V. não tivesse passado talvez estes tumultos da França, além dos sagrados limies do seu poder, elle deveria ser olhado como o ıodelo dos Pontifices; a sua justiça teve, em que e exercitar, durante o seu Pontificado, e he por

Tem alma inda mais féra ; o Pastorinho
De Montalto rival dos Reis se ostenta ;
Em Pariz , como em Roma , elle pertende
Dar suas leis ; debaixo do pomposo
Esplendor de huma Coroa triplicada ,
Só pensa ter a si tudo sujeito ,
Inda o mesmo Filippe : Sixto he ardente ,
Mas destro , enganador , dissimulado ,
Inimigo fatal dos poderosos ,
Dos fracos oppressor ; na minha Corte ,
Em Londres ha formado seus Partidos ,
E o mundo , a quem engana , sem que o pense
He das suas intrigas perturbado.

---

isso que pareceu cruel , quando n'huns tempos en que Roma nadava nos maiores insultos , elle nã foi mais que justiceiro. A invectiva de Isabel en todo este lugar , he mais nascida da aversão , e d rancor, que da candura , e da verdade. (*Nota d Editor.*)

São estes os mais habeis inimigos,
Que deveis destruir: ambos ousarão
Contra mim levantar suas bandeiras;
Hum combatendo o Inglez, e as tempestades,
Fez o Oceano ver sua fugida, (*f*)
E o seu triste naufragio: inda estas praias
Tinctas de sangue estão dos seus guerreiros;
Outro se cala em Roma, ahi me estima,
E me teme: segui á vista d'elles
A vossa nobre empreza; se he vencido
Mayenne, se verá Roma sejeita:
Só vós podeis reger o odio de Roma,
Ou seus favores: sei, que he inflexivel
Com os vencidos, mas condescendente
Cos vencedores: prompta em condenar-vos,

(*f*) A grande armada de Filippe II. destina- para a conquista de Inglaterra, foi batida pe- Almirante Drake, e desbaratada por huma gran- tempestade.

Em absolver-vos facil: a vós toca
Accender o seu raio, ou extiuguillo.



CANTO IV.

ARGUMENTO.

D' Aumale estava quasi a fazer-se Senhor do Campo de Henrique III., quado o Heróe voltando de Inglaterra, combate os rebeldes, e faz mudar a fortuna. A Discordia consola a Mayenne, e vóa a Roma a pedirlhe soccorro. Descripção de Roma, onde reinava então Sixto V. A Discordia ahi achou a Politica, e volta com ella a Pariz; subleva a Sorbona, anima os Desaseis contra o Parlamento, e arma os Religiosos. Entregão-se nas mãos dos Algozes os Magistrados, que sustentavãa o Partido dos Reis. Turbação, e confuzão horrivel em Pariz.

EM quanto proseguindo em conferencias
Particulares, ambos ponderavão
Com mais socego os grandes interesses,

Exhaurindo a sciencia ventejosa
Do modo, porque o mundo se combate,
Se dóma, e rege; o Sena com assombro
Sobre suas ensanguentadas margens
Vê da Liga as Bandeiras despregadas.

Valois longe de Henrique absorto, inquiet
A incerteza temia do destino
Dos combates; de apoio precisava,
Em seus disignios froxo, e vacillante;
Espera por Bourbon, pois que o seguro
Tem de vencer com elle; mas em tantas
Demoras os da Liga se animarão:
Das portas de Pariz vem já sahindo
Os esquadrões. D'Aumale vem soberbo
Nemours, Brissac, o intrepido S. Paulo,
Canillac, Chatre, todos de hum Partido
Culpavel animosos defensores:

Nos seus successos rapidos causavão
A Valois grande susto; o Rei ao ponto
Muitas vezes chegou de arrepender-se
De haver feito partir o Heróe sublime.

Entre os taes combatentes inimigos
Do seu Rei, hum irmão de Joyeuse armado
Se anima a apparecer; (*a*) foi este aquelle,
Que sucessivamente virão todos
Do seculo passar para o retiro
De hum claustro, e já do claustro para a Corte;

(*a*) Henrique, Conde de Bouchage, irmão mais moço do Duque de Joyeuse, morto em Coutras, por hum toque do Ceo se fez frade capuchinho, mas depois largou o habito, e tomou as armas contra Henrique IV. O Duque de Mayenne o fez Governador do Languedoc, Duque Par, e Marechal de França. Depois resolveu-se a tornar para o seu Convento onde morreu.

Vicioso, penitente; altivo, humilde;
Cortezão, solitario; elle inconstante
Tomou, deixou, de novo a vestir torna
A couraça, e o cilicio; dos altares
Sacrosantos, com lagrimas regados,
Corre a animar da Liga a furia ardente,
E no sangue da França lagrimosa
A ensopar suas mãos, aquellas mesmas,
Que ao Eterno elle havia consagrado.

Mas de tantos guerreiros, quem sómente
Inspirou valeroso mais assombros,
Infundio mais horror, de quem mais féro
Foi sempre o coração, fatal o braço,
Fostes vós juvenil Principe, forte,
Impetuoso D'Aumale; (*b*) vós nascido

(*b*) O Cavalheiro d'Aumale, irmão do Duque do
mesmo apellido, da casa de Lorena, era hum man-

Do sangue dos Lorenas tão fecundo
Em Herões, vós dos Reis bravo inimigo,
Das leis, e do repouso. Em todo o tempo
O seguio toda a flor da mocidade,
Sahio sempre com elles á campanha
Já em silencio, já com grande estrondo
Na clara luz do dia, ou já nas sombras
Da noite, ao inimigo suprendido
Por toda a parte conduzido a guerra,
Do sangue dos ferozes sitiadores
O seu braço regava o campo todo.
Taes da altura do Caucaso sublime,
Ou do cume do Athos, donde a vista
Descobre ao longe o ar, a terra, as ondas,
As Aguias, e os Abutres, com as azas

---

cebo impetuoso dotado de brilhantes qualidades, que durante o sitio de Pariz estava sempre á frente das sortidas, e inspirava aos habitantes o seu valor, e a sua confiança.

Estendidas de hum vôo arrebatado,
Rasgando as vastas nuvens, vão famintas
Roubar nos campos do ar as tristes aves,
No prado, e bosque os miseros rebanhos,
E voltão saciados para o centro
Medonho das ensanguentadas rochas,
Os despojos trazendo a grandes gritos.

Em hum d'estes combates elle cheio
Da sua gloria, havia penetrado
As tendas de Valois: a noite, o ruido,
O repentino assalto augmenta o espanto:
Eis que tudo tremia, fraquejava,
E á sua força em fim cedia tudo;
A impetuosa torrente era já prompta
A derramar-se; e quasi que se via
Tudo inundar o choque tenebroso;
A estrella da manhã vinha nascendo;
Monray, que em retirada com seu amo

Lhe precedia, já divisa as torres
Da soberba Pariz: de hum grande estrondo,
Mixto de horror, he logo surprendido;
Elle corre, em total desordem acha
De Valois os soldados, e inda os mesmos
De Bourbon = Justos Ceos! He deste modo,
Que vós nos esperais? A defender-vos
Chega Henrique, vem já: será possivel,
Que vos veja em fugida companheiros?
E vós fugis? = Ao som das suas vozes,
Como lá se vio junto ao Capitolio
En outro tempo o fundador de Roma,
Opprimido das armas dos Sabinos,
Conter os seus Romanos com o nome
De Jupiter; ao nome só de Henrique
Se detem os Francezes; já se inflammão
De pejo, retrocedem, marchão, gritão:
= He vindo o nosso Heróe, nós venceremos
A' sua vista. = Henrique de improviso

Entre elles apparece, e tão brilhante,
Qual brilha a luz na força da tormenta:
Aos esquadrões primeiros já se passa,
Põe-se d'elles na frente, elle combate
Seguem-no, e faz se mudem os destinos
Em seus olhos o raio se está vendo,
A morte em suas mãos; todos os Chefes
Junto a elle animados se fatigão;
Chega a victoria, em fim, desaparecem
Os rebeldes; bem como aos claros raios
Do dia, que se avança, se dissipa
D'esses astros da noite a luz brilhante.

Em vão D'Aumale intenta se demorem
Sobre as margens as tropas fugitivas
Dos seus amedrontados; se aos combates
A sua voz por hum momento os chama,
A voz do grande Henrique precipita
Fortemente seus passos; de seu rosto

Ameaçante o terror os affugenta,
O Chefe os torna a unir, porém o susto
Os desbarata, em fim precipitado
He com elles D'Aumale na fugida:
Como do alto do monte, que de nevoas
Se vê todo cercado, pelo meio
Dos gelos, e das neves derretidas,
Cahe, e róla o rochedo, que elevado
As nuvens ameaçava; mas que digo?
D'Aumale se suspende, e aos sitiantes
Mostra inda aquelle rosto, que temivel
Foi sempre, elle dos seus, que á força o levão,
Se liberta animoso, e por hum pouco
Detem o vencedor, que o admirava;
Mas de inimigos logo alli rodeado,
Hia a morte a punir sua ousadia.

Eis a Discordia o vio, e por D'Aumale
Tremeu; posto que barbara, precisa

Dos seus dias ; ao ar ella se eleva ,
E voa em seu soccorro ; alli chegando
Oppõe á multidão , que já o opprime ,
De ferro o escudo immenso , inpenetravel ,
Que manda sobre a morte , que accompanha
O horror , e cuja vista sempre inspira
Ou raiva , ou susto : Oh tu filha do Inferno ,
Discordia inexoravel , defensora
Pela primeira vez appareceste ;
Tu salvaste hum Heróe , tu prolongaste
Seu destino com essa mão , ministra
Que foi sempre da morte ; sim , com essa
Barbara mão aos crimes costumada ,
E que nunca até então poupado havia
Victimas , que erão suas. Conduz ella
A's portas de Pariz cheio de golpes ,
Que não sentira , e todo ensanguentado
A D'Aumale ; ella applica ás suas chagas
Huma mão salutar , ella lhe véda

O sangue derramado a seu respeito:
Mas em quanto a seu corpo restitue
Todo vigor, dos seus mortaes venenos
Lhe infecta o coração; como o Tyranno,
Que na mesma piedade ser intenta
Cruel, e assim suspende ao desgraçado
A sentença mortal, a seus occultos
Delictos elle faz servir seu braço,
E logo que os comette, o entrega á morte.

Henrique aproveitar sabe prudente
Esta grande ventagem, com que a sorte
Dos combates o seu valor honrára;
Dos momentos na guerra elle colhece
Todo o preço; os rebeldes surprendidos
No mesmo instante aperta, pertendendo,
Que ás batalhas succedão os assaltos;
Quer traçar-lhes a perda mesmo em torno
Dos seus muros; Valois já de esperanças

Todo cheio, e com tal apoio forte,
Aos soldados dá aquelle mesmo exemplo,
Que de Bourbon recebe; elle os trabalhos
Sustenta com valor, despreza os medos.
Tem tambem seus deleites o perigo,
A afflicção seus prazeres: logo os Chefes
Se unem todos, succedem as emprezas
Segundo os seus desejos; sem demora
O terror, que na frente d'elles marcha,
Dissipando dos temidos sitiados
Os esquadrões, lhes vai quebrar as portas
A' vista mesmo d'elles surprendidos:
Mayenne, em hum perigo tão urgente,
Que poderá fazer? Tem por soldados
Todo hum Povo; que geme; aqui a filha
O morto Pai com lagrimas lhe pede,
Espavorido alli o irmão soluça
Sobre as cinzas do irmão; todos lamentão
O mal presente, temem o futuro;

O grande corpo attonito não póde
Jámais reunir-se, ajuntão-se, consultão,
Ou fugir, ou renderem-se pertendem;
Irresolutos todos, a defeza
Nenhum quer; tanto a fraca plebe varia
Troca a temeridade pelo susto.

Impaciente Mayenne vê perdida
A sua tropa, mais de cem designios
Dividião sua alma irresoluta;
Eis que então a Discordia, de improviso,
Vem buscar este Heróe, faz que sibillem
Suas serpentes, diz-lhe d'esta sorte:
= Digno herdeiro de hum nome formidavel
A' França; tu, que ao meu cuidado uniste
O da tua vingança, tu, nutrido
A meus olhos, ás minhas leis formado,
Ouve a quem te protege, e reconhece
A minha voz: Hum Povo não te assuste

De si fraco, e inconstante; huma pequena
Desgraça seu valor ha entimado,
Animallos me toca, a meu imperio
Estão seus corações; verás pois logo,
Como nossos designios auxiliando,
Cheios da minha colera, e em despojo
A meus furores, partem atrevidos
A combater, e a dar a vida alegres. =

De improviso a Discordia mais ligeira,
Que hum relampago, do ar abre as campanhas
Com hum seguro vôo: Entre os Francezes
O assombro, e a turbação por toda a parte
A seus olhos presentão mil objectos
Espantosos; seu halito derrama
Huma aridez fatal por cem lugares;
Morre o fructo ao nascer na planta infecta,
As espigas voltadas vão murchando
Sobre a terra; escurece-se o Ceo todo,

Tornão-se os astros pallidos, e o raio
Debaixo de seus pés estala, e grita,
Parece anunciar a morte aos Povos
Assombrados. Hum turbilhão a leva,
Onde o Eridano rapido as fecundas
Margens se vê regar com suas agoas.

Roma em fim se descobre ás suas vistas,
Roma algum dia o tempo,o objecto,o assombro,
Dos mortaes; Roma, sim, cujo destino
He na guerra, ou na paz, o ser senhora
Do mundo em qualquer tempo: Pela sorte
Dos combates se ha visto antigamente
Ao seu throno soberbo, e sanguinario,
Sujeitarem-se os Reis; ao duro imperio
Da sua Aguia terrivel se curvava
Todo o universo. Mas nos nossos dias
Exercita hum poder com mais socego;
Debaixo do seu jugo ella ha sabido

Domar seus vencedores, ter nas almas
Dominio, os corações ter a seu mando;
Os seus votos são leis impreteriveis,
E as suas armas são os seus decretos.

Junto do Capitolio, onde reinarão
Tantos Heróes famosos, sobre as ruinas
De Bellonia, e de Marte, no alto throno
Dos Cezares se senta hum venerando
Pontifice; felices os seus Padres
Com pé tranquillo calcão os sepulchros
Dos Catões, e de Emilio as cinzas nobres;
O throno sobre o altar he collocado,
E o poder absoluto faz, que aperte
A mesma mão o Sceptro, e o Incensorio.

Deos mesmo alli fundou a sua Igreja
Nascente, se humas vezes perseguida,
Outras triunfante; alli o seu primeiro

Apostolo regeu com singeleza
A verdade, e a candura; os seus vestigios
Algum tempo seguirão seus ditosos
Successores, que quanto mais humildes,
Tanto mais respeitados; suas frentes
Não de hum falso brilhante revestião;
Era a pobreza, sobre que fundavão
Huma austera virtude; elles zellosos
Só dos bens, que deseja hum verdadeiro
Christão, era do fundo das choupanas,
Que ao martyrio passavão. Bem depressa
O tempo (que por fim tudo corrompe)
Seus costumes mudou; para punir-nos
O Ceo lhes deu grandezas; poderosa
Desde este tempo Roma, (c) e profanada,

(c) Derivando o Summo Pontifice o seu poder lo primeiro Chefe da Igreja Jesus Christo, he cer-o, que o seu poder he o mais augusto, pois es-encialmente versa sobre os corações dos fieis. Se

Aos conselhos dos máos se vio sujeita;
O venono, a traição, o assassinato
Foi do novo poder o fundamento
Horroroso; de Christo os successores
Collocarão no centro do sanctuario,

---

a pobreza, e as virtudes fizerão o caracter dos Bispos de Roma no espaço dos tres primeiros seculos, ainda depois das doações do grande Constantino, e das liberaes mercês de seus pios Successores, se virão brilhar alli, aquella constancia de fé Apostolica, aquellas virtudes heroicas, que fazem a honra do Christianismo, e que immortalizarão em todo o tempo a memoria de tantos Padres Santos, que no decurso dos seculos a tem governado, e que forão elles mesmos hum fiel retrato dos seus primitivos Pastores. Se alguns delles porém se fizerão notaveis pelos seus vicios (oxalá que a historia nos não fornecesse tão irrefragaveis testemunhos!) nisto nos dão hum argumento da sua fragilidade, e nos lembrão, que erão homens: Assim os seus costumes nada prejudicão á pureza da fé, e da Religião, que elles jámais contaminarão, no meio dos seus mesmos crimes. (*Nota do Editor*)

Sem pejo algum, o incesto, e o adulterio;
Roma em fim opprimida do dominio
Odioso de Tyrannos tão sagrados,
Pelos seus falsos Deozes suspirava:
Maximas mais prudentes se fizerão
Depois ouvir; os crimes se evitavão,
Ou melhor, se encubrião; já da Igreja,
E do Povo os direitos confundidos,
Melhor se regulavão; fez-se Roma
Arbitra só dos Reis, mas não o espanto;
Debaixo já do orgulho respeitavel
Do triplice diadema he restituida
A modesta virtude; mas a idéa,
A arte de moldar-se aos demais homens,
Hoje he o dom mais sublime dos Romanos.

Rei da Igreja, e de Roma era então Sixto: (*d*)
Se para obter o titulo de grande

(*d*) Sixto V. sendo Cardeal Montalto soube fá-

Basta ser falso, austero, e formidavel,
No lugar dos maiores Reis contado
Será Sixto; a quize annos de artificio
Elle a sua grandeza dever soube;
Elle soube occultar suas virtudes,
E vicios, por tres lustros; mostrou sempre
Fugir á dignidade, ao mesmo tempo
Que ardia por obtella; fez-se indigno
A fim de possuir melhor o throno.

Ao poderoso abrigo do seu braço
Despotico, a Politita reinava
Dentro do Vaticano, filha que era
Da ambiçáo torpe; do interesse avaro,
Mãi da fraude, da seducçáo, do invento:

---

zer bem o papel de simples, e tonto, por espaço de 15 annos, de sorte que lhe chamavão communmente o Asno de Ancona. He notorio o artificio, com que obteve o Pontificado, e a altivez, com que reinou.

Este engenhoso monstro, em subtilezas
Tão fertil, de mil penas combatido,
Sereno, e socegado então se mostra;
Seus olhos fundos, na agudeza linces,
Do repouso inimigos, não sentirão
Jámais do doce somno as dormideiras:
Com seus enganos ella a toda a hora
Abusa dos aspectos perturbados
Da Europa confundida; reina sempre
A mentira subtil em seus discursos,
E por mais encubrir seus artificios,
Com a voz da verdade he que se expressa.

Ella divisa apenas a Discordia,
Quando corre a seus braços, logo a afaga,
A obsequía com hum maligno riso,
Com hum ar mysterioso; e de repente
Tomando hum tom bem cheio de tristeza,
= Não estou mais (diz ella) n'esses tempos

Felices, em que os Povos enganados
Me offertavão seus votos, em que a Europa
Credula, ao meu poder toda sujeita,
As leis da sua Igreja confundia
Co' as minhas leis, bastava, que eu fallasse,
Para que logo os Reis, estremecendo,
A meus pés se humilhassem: se eu queria,
A' minha voz a guerra se excitava
Sobre o mundo, os trovões erão lançados
Do alto do Vaticano: em fim a vida,
E a morte só nas minhas mãos estava:
Dar os Reinos, tirallos, restituillos,
A mim me pertencia: esse bom tempo
Acabou: o Senado hoje de França (e)

(e) Durante as guerras do 13 seculo entre os Imperadores, e Pontifices de Roma, Gregorio IX. teve o valor não só de excommungar o Imperador Frederico II., mas tambem de offerecer a Coroa Imperial a Roberto irmão de S. Luiz: O Parlamento de França respondeu em nome do Rei, que não

Quasi extingue nas minhas mãos os raios,
Que eu lanço; de amor cheio pela Igreja,
Cheio de horror por mim, ás Nações todas
O veo do erro lhes tira; elle he o primeiro,
Que, a mascara arrancondo-me do rosto,
A verdade vingou, da qual a imagem
Tomei sempre: Discordia, e que não possa
(Eu que ardo em te servir) ou enganallo,
Ou ao menos punillo! Mas andemos,
Que os teus fachos o meu trovão de novo
Accender tornão; pela mesma França
A destruição da terra se comece,
Os seus soberbos Reis a buscar tornem

---

ertencia ao Papa o desenthronizar hum Soberano, iem ao irmão de hum Rei de França, o receber a mão de hum Papa huma Coroa, sobre a qual em elle, nem o Sancto Padre tinhão algum direi-o. Em 1570 deu tambem o Parlamento a famosa entença contra a Bulla da Cea.

Os nossos ferros = Disse, e de improviso,
Aos ares se arrojou aquelle monstro.

Longe de Roma, longe do seu fausto,
Das pompas vans do mundo, d'esses Templos
A' vaidade dos homens consagrados,
Cujo altivo apparato o mundo engana,
A humilde Religião nos seus desertos
Se esconde, em paz profunda ella ahi vive
Co' seu Deos, entre tanto que o seu nome,
Profanado no mundo, ha sido sempre
Santo pretexto ás iras dos Tyrannos,
Dos Povos seducção, ruina dos Grandes:
Soffrer, he o seu destino; abençoar tudo,
He o que lhe toca; occultamente roga
Pelo ingrato, que a ultraja; ella sem arte,
Sem enfeite, nos seus encantos bella,
Sempre a sua modesta formosura
D'esses olhos hypocritas esconde,

Que em torpel importuno aos seus altares
Correm só a adorar as vans riquezas.

Por Henrique a sua alma em amor santo
Se abrazava ; esta filha dos Ceos sabe,
Que ella de seus altares, algum dia,
O legitimo Culto restaurando,
Por seu filho este Heróe adoptar deve:
Ella o tinha por digno, e os seus suspiros
Ardentes appressavão esse tempo
Feliz, mas vagaroso aos seus desejos :
De improviso, a Politica, e a Discordia,
Impiamente a inimiga sempre augusta
Sorprendem em segredo ; ella levanta
Para Deos os seus olhos lagrimosos ;
O seu Deos, por provalla, quiz que fosse
Entregue ao furor d'ellas ; estes monstros,
De quem a Religião ha supportado
Muitas vezes a injuria, d'ella tomão

Os véos sagrados, seus impuros rostos
Com elles cobrem, tomão-lhe os vestidos
Respeitados dos homens; em fim correm
A Pariz a cumprir os seus projectos.

De hum ar insinuante a sempre destra
Politica buscou introduzir-se
No centro da Sorbona antiga, e vasta;
Era alli, onde os Sabios respeitosos
Se juntavão, interpretes sagrados
Das verdades do Ceo; que erão modello,
E arbitros dos Christãos, e que ao seu culto
Unidos, aos seus Principes attentos,
Guardavão até então hum vigor forte
A's flexas do erro sempre impenetravel:
Mas que poucas virtudes são aquellas
Que sem cessar resistem! Do encuberto
Monstro a voz venenosa, e encantadora,
Lhes commove os espiritos com falsos

Lisonjeiros discursos. Ella offerece
Grandezas ao que vê ambicioso,
que do esplendor grave de huma mitra
e deixa allucinar : foi-lhe vendida
m segredo a palavra do avarento :
om hum destro elogio o Sabio encanta,
a preço de hum insenso vão lhe compra
estimavel verdade : Se intimida
meaçado da sua voz o fraco ;
n tumulto se ajuntão, em tumulto
decide tambem. Por entre os gritos
a confusão, do ruido, e da disputa,
virtude de hum tal lugar se ausenta
nhada em pranto. Em nome então de todos
um dos velhos exclama = Os Reis a Igreja
s faz, ella os absolve, ella os castiga :
n nós está a Igreja, em nós sómente
sua lei está, nós reprovamos
Valois, que não he já mais Rei nosso ;

Sagrados juramentos, (*f*) nós rompemos
Vossas cadeas = Logo que ha fallado,
A inhumana Dircordia determina,
Que com letras de sangue se transcreva
O odioso decreto; todos jurão
De estar por elle, e á sua vista assignão.

De improviso ella voa; ella de Igreja
Em Igreja annuncia aos do Partido
Esta grande interpreza; revestida
Do habito de Agostinho, e do Capello
De Francisco, nos claustros mais sagrados
Faz sua voz ouvir-se; a grandes gritos
Ella chama alli todos os espectros

(*f*) Em 17 de Janeiro de 1589 a faculdac de Theologia de Pariz deu o Decreto, que de clarava ficarem os Vassallos desobrigados do jura mento de fidelidade, e que podião legitimament fazer guerra ao Rei. A Sorbona depois, vendo-s livre da tyrannia da Liga, revogou este Decreto.

Austeros, de seu jugo rigoroso
Voluntarios escravos = Ora vede
(Lhes diz) da Religião a formidavel
Sentença, vede bem, reconhecei-a,
Do Altissimo vingai os interesses:
A vós venho, sou eu a que vos chamo;
Este ferro, que em minhas mãos scintilla
A vossos olhos, esta aguda espada
Fatal a nossos féros inimigos,
Da mão do mesmo Deos se ha trasladado
A' minha; e he já tempo que das sombras
Sahaes d'esses retiros; que de hum santo
Zelo vós espalheis vossos exemplos:
Ensinai aos Francezes, duvidosos
Na fé, quanto se dá Deos por servido
Da victima de hum Rei; em fim lembrai-vos,
Que a casa de Levi, que sempre honrada
Fora por Deos no santo ministerio,
A honra mereceu de que chegasse

Ao altar com as mãos tinctas de sangue
Dos filhos de Israel: Porem que digo?
Onde os tempos estão, aonde os dias
Prosperos, em que eu vi tantos Francezes
Mortos por seus irmãos! Vós fostes mesmos,
Sagrados Sacerdotes, que seus braços
Conduzistes: por vós ha recebido
A morte Coligny; eu mesma em sangue
Nadei; ah! que inda corre; ide, mostrai-vos,
E incitareis o Povo, que me adora.

No mesmo instante o monstro deu a todos
O signal; forão todos corrompidos
Do seu fatal veneno; a Pariz marcha,
Onde conduz a procissão solemne:
O estendarte da Cruz (*g*) no meio d'ella

(*g*) Desde que Henrique III., e o Rei de Navarra, se apresentavão em armas á vista de Pariz, a maior parte dos Frades vestirão a coiraça, e met-

Se arvorava ; elles cantão , e os clamores
Devotos , e furiosos bem mostravão
Quererem associar o mesmo Empyreo
Na sua rebellião ; ouve-se , que elles
Nos seus votos fanaticos ajuntão
As maldições ás preces , que fazião :
Sacerdotes audazes , porém fracos
Soldados para a guerra ; elles do alfange ,
E da espada seus braços encarregão ,
Grossa coiraça seus cilicios cobre ;
Aos muros de Pariz esta milicia
Infame , entre o tumulto de huma plebe
Impetuosa , assim marcha , e vai seguindo
O Deos da paz , que diante de si leva.

Mayenne , que de longe a louca empreza

ão guarda com os Paizanos. Este lugar designa a rocissão da Liga , na qual mil e duzentos Frades mados fizerão revista em Pariz , tendo a Guilherme Rose , Bispo de Senlis , na frente d'elles.

Está vendo, no publico a auctorisa,
Mas comsigo a desdenha; bem conhece,
Quanto o Povo submisso assim confunde
O culto, e o Fanatismo; não ignora
A grande arte, aos Principes precisa,
De nutrir a fraqueza, e o erro ao vulgo;
O escandalo piedoso em fim applaude;
O que he sabio o maldiz, ri-se o soldado,
Mas o Povo excitado aos Ceos envia
Os gritos do alvoroço, e da esperança;
E como á sua audacia sempre o susto
Costuma succeder, em hum momento,
O receio ao furor fez então praça.
Assim o Anjo dos mares sobre o seio
De Amphitrite, se quer, acalma as ondas,
Ou as irrita, quando lhe parece.

Dezeseis sediciosos (*h*) a Discordia

(*h*) Assim chamados por causa dos 16 bairros

Ha escolhido, assignalados estes
Pelo crime entre os mais do seu Partido,
Ministros insolentes d'esta sua
Nova Rainha; ao seu sanguinolento
Carro sobem com ella; o orgulho, a morte,
A traição, o furor vão diante d'elles
Por arroios de sangue; elles nascidos
Na escuridão, nutridos na baixeza,
Para com os seus Reis o odio sómente
Por nobreza avalião; conduzidos
Té baixo do docel pelo seu Povo,
A Mayenne, que os vê junto ao seu lado,
Dão que temer; dos jogos da Discordia
Ordinarios caprichos; (*i*) muitas vezes

---

de Pariz, que elles governavão pelas suas intelligencias.

(*i*) Os dezeseis forão muito tempo independentes do Duque de Mayenne; hum d'elles chamado Normand disse hum dia na Camara do Duque

Aquelles, que ella cumplices ha feito,
Os faz iguaes; assim se vê, que irados
Os ventos, que o flagello são das aguas,
Do Rhodano, ou do Sena as ondas movem;
Nas profundas cavernas encharcado
O lodo então se eleva, e vem acima
Sobre a face das ondas; assim como
No furor dos incendios, que as Cidades
Iguala aos campos razos, e funestos;
O chumbo, o bronze, e ferro derretido
Pelas chamas, ao oiro se misturão,
Ao oiro sim, que então se torna escuro.

N'estes de sedição, e de tumulto
Dias tristes, só Themis ao contagio
Resistia; de engrandecer-se a sede,
A esperança, e o temor jámais puderão,

Aquelles, que o fizerão, poderião tambem desfazello.=

Inclinar-lhe nas mãos a fiel balança
Sem macula seu Templo sempre esteve,
Correndo a ella a simples equidade,
Buscava á sua sombra estar segura.

N'este sagrado Templo ha hum Senado
Venerando, propicio á innocencia,
Ao crime formidavel; elle o apoio
He das leis do seu Principe, elle he o orgão;
Entre este, e o Povo marcha de igual passo:
A justa confiança, que conserva,
Da equidade dos Reis, faz muitas vezes,
Que dirija a seus pés da França as queixas;
Sua ambição sómente ao bem do Estado
Se encaminha; aborrece a tyrannia,
A rebellião o enfada; cheio sempre
De respeito, e vallor, prudente, e sabio,
A submissão da escravidão distingue,
E em defender as nossas liberdades

Sempre prompto, elle a Roma reconhece,
Sabe honralla, e tambem sabe contella.

Dos tyrannos da Liga o esquadrão féro
Eis do Templo de Temis cerca as portas:
Bussy (*l*) os conduzia, esse vil mestre
De armas, subido pela sua audacia
A tão culpavel honra; entrr, e profere
Estas palavras á Assemblea augusta,
Por quem dos Cidadaõs se rege a sorte:
= Mercenarias columnas de hum confuso
Labyrinto de leis, plebeos insanos,
Que tutores dos Reis pensais ser sempre,
Froxos, que collocais a vergonhosa
Vangloria das venaes grandezas vossas
Na facção, na desordem, na caballa;

(*l*) Bussy le Clerc, que de jogador de armas passou a Governador da Bastilha, e a Chefe d'esta facção.

Na paz tyrannos, timidos na guerra,
Ao Povo obedecei, e aos seus decretos:
Antes dos Reis, já Cidadãos havia:
Os direitos perdidos pelos nossos
Antepassados, hoje recobramos;
D'este Povo abusastes muito tempo,
Elle do Sceptro se acha aborrecido,
E o Sceptro se ha quebrado: os grandes nomes
Riscai, que vos molestão certamente,
Sim, = *de pleno poder* = essas palavras,
Que temem todos, todos aborrecem:
Se julgais, seja em nome só do Estado
Não o lugar do Rei, mas sim do Povo:
Sustentai entre vós, imitai sempre
A Sorbona, ou temei minha vingança. =

Respondeo o Senado com hum nobre
Silencio a tudo; assim se vio de Roma
Nos muros abatidos, e abrazados,

Que os Senadores curvos com o pezo
De seus annos, intrepidos, e immoveis
Em seus assentos, d'hum olhar tranquillo,
Os Gaulos esperavão, e inda a morte:
Colerico Bussy, não sem assombro,
= Obedecei, tyrannos, ou segui-me =
(lhes diz) Então Harlay primeiro se ergue,
Harlay nobre exemplar, de hum Parlamento
O Chefe, justo, quanto destemido:
Elle á cohorte logo se apresenta,
Pede os ferros, guardando o mesmo aspecto,
Com que os máos haveria condemnado:
Os Chefes da justiça a Harlay unidos,
Desejando, que a honra dos tormentos
Com elles repartisse, e fossem todos
Victimas de huma fé, que aos Soberanos
Se deve, as mãos estendem generosas
Aos ferros dos algozes, que lhas prendem.

Repeti-me vós, Musas, esses nomes
Tão amaveis á França: vós eternos
Fazei esses Heróes, a quem a força
Da licença opprimio: o virtuoso
De Thou, Molé, Scaron, Bayeul, e o sempre
Justo Potier, e vós Longueil mancebo,
Em quem por apressar vossos destinos,
O espirito, e a virtude os annos bellos
Adiantarão: em fim todo o Senado
Pelos dezeseis prezo, entre a turba
De hum vil Povo em triunfo he conduzido
Ao Castello, (*m*) Palacio da vingança,
Que encerra as mais das vezes tanto crime,
Como a innocencia. He d'este infame modo,
Que os rebeldes mudárão todo o Estado:
A Sorbona he cahida; o Parlamento
Acabou: Mas porque hum tal concurso?

(*m*) A Bastilha.

Gritos tão lamentaveis? Que instrumentos
Da morte dos culpados são aquelles,
Que se apromptão! Quem são os Magistrados
Que a mão do algoz infame no sepulchro
Por ordem dos tyrannos precipita?
Ah! que em Pariz se vê, que hum só destino
Tem a virtude, e o crime. Brisson (n) guapo,
Tardif, e Larcher, victimas honrosas,
Injuriados não sois por esta morte
Cheia de affrontas: Generosos Manes
Não vos envergonheis, que os vossos nomes
Na memoria serão sempre famosos,
Quem morre pelo Rei, morre com gloria.

No meio dos rebeldes a Discordia
Se applaude do successo dos seus torpes

(n) Em 15 de Novembro de 1591. Estes grandes Sabios, e Conselheiros forão enforcados por ordem dos dezeseis.

Designios, de hum ar féro, e bem contente,
Na sua crueldade então tranquilla,
Os effeitos observa perniciosos
De huma guerra civil n'aquelles muros
Todos ensanguentados, entre huns Povos
Miseraveis, que contra o seu Monarcha
Sómente unidos, entre si discordes,
(Jogo infeliz das intestinas furias)
Da triste Patria apressão as ruinas;
O tumulto por dentro, insta por fóra
O perigo, e se vê por toda a parte
O destroço, a carnagem, o pranto, a morte.



CANTO V.

ARGUMENTO.

Os sitiados são fortemente opprimidos. A Discordia excita a Jacques Clemente a sahir de Pariz para assassinar o Rei. Ella chama do fundo dos Infernos o Demonio do Fanatismo, que conduz este Parricidio. Sacrificio dos da Liga aos Espiritos Infernaes. Henrique III. he assassinado. Sentimento de Henrique IV. Elle he reconhecido Rei pelo Exercito.

NO em tanto as grandes maquinas chegavão
Que em seus seios trazião dos rebeldes
A perdição : de toda a parte o ferro ,
E o fogo ao ar voando , por cem bocas
De bronze lhes prostravão as muralhas :
Dos dezeseis a ira ; de Mayenne

A prudencia ; de hum Povo sedicioso
A feroz arrogancia ; dos Doutores
Da lei às decisões escandalosas ;
Era tudo não mais que hum vão esforço,
Contra o Heróe, a victoria a grandes passos
Se aproximava sobre seus vestigios :
Sixto, Filippe, e Roma èm ameaças
Rebentavão, mas Roma ao Universo
Não era já terrivel, que nos ares
Seus raios debeis todos se perdião ;
E o velho Castelhano costumado
Aos vagares, privava do soccorro
Preciso aos sitiados : pela França
Seus soldados vagando a toda a parte,
A Pariz não valião, e assolavão
Nossas Cidades ; era todo o intento
Do pérfido, que a Liga, por cançada,
Podesse offerecer facil conquista
Ao seu braço ; este pois tão perigoso

Arrimo, e huma amisade em si tão falsa,
Hum Senhor, em lugar de hum Alliado,
Lhes preparava, quando a resoluta
Mão d'hum furioso aquelles vãos projectos
Pareceo suspender por algum tempo.

Vós de Pariz tranquillos habitantes,
Que em dias mais felices vos permitte
O Ceo nascer, perdoai se hoje de novo
Minha mão á lembrança vos presenta
A historia criminal dos seduzidos
Vossos antepassados; não se estende
A vós o horror fatal de suas culpas;
Pelos Reis vossos vosso amor he tanto,
Que basta a restaurar-lhes toda a gloria.

Em todo o tempo a Igreja ha produzido
Solitarios, que unidos em hum corpo,
Debaixo de severos institutos,

em distinctos do resto dos mais homens,
Deos se consagrarão por seus votos
olemnes: D'estes huns permanecerão
m huma paz profunda, inaccessivel
empre aos encantos frivolos do mundo;
elosos do repouso, que roubar-lhes
inguem pôde, fugirão ao Commercio
os hnmanos, a quem servir podião:
utros porém, fazendo-se precisos
o Estado, illustrarão sempre a Igreja,
ibirão ás cadeiras; mas que importa;
e allucinados logo por huns genios
isonjeiros, no seculo espalhados,
'elles tem abraçado muitas vezes
s costumes! A surda ambição sabe
's suas pentenções dispor os meios;
ais de hum Paiz se ha visto das intrigas
'elles queixoso; assim entre os humanos

O mais perfeito bem, por hum abuso
Do maior mal se ha feito toda a origem

Os que a vida abraçarão de Domingos
Virão por muito tempo a sua gloria
Firmar-se nas Hespanhas; dos escuros,
Quanto humildes empregos, de repente
Aos Palacios dos Reis elles passarão.
Não com menos poder, nem menos zelo
Florecia na França respeitada
Esta ordem dos Reis favorecida,
Tranquilla, e em fim feliz, se do seu seio
Não sahisse hum traidor como Clemente.

Clemente (*a*) no retiro desde a sua

(*a*) Jacques Clemente da Ordem dos Dominic
era de idade de 24 annos e meio, e pouco ant
se havia ordenado de Sacerdote quando commette
este Regicidio.

Menor idade, havia produzido
scuros movimentos de huma inerte,
rustica virtude; elle mui fraco
spirito, e assim credulo bastante
a sua devoção, segue a torrente
os rebeldes: foi sobre este mancebo
stulto, que a Discordia ha derramado
veneno infernal da sua boca:
os pés do santo Altar, todos os dias,
lle prostado, aos Ceos era importuno
os seus criminaes votos. Diz-se, que elle,
e cinza, e pó cuberto, pronuciara
uma vez esta supplica tremenda:
Deos, que vingas a Igreja, e que castigas
s tyrannos, ver-se-ha continuamente,
ue opprimes a teus filhos? que proteges
s damnos de hum Monarcha, que te ultraja?
ue as mãos impuras lhes armas? que abençoas
s seus perjurios? Grande Deos, já cessa

De provar-nos em fim por teus flagellos;
Contra os teus inimigos te levanta,
Para longe de nós aparta a morte,
E a miseria; de hum Rei, que nos he dad
Pela colera tua, já nos livra;
Vem, dos Ceos abrazados essa altura
Faze humilhar, que diante de ti marche
O Anjo exterminador; arma-te, desce,
E hum raio ardente prostre a nossos olhos
O sacrilego exercito, e o destrua;
Que os dois Reis espirando, os seus soldados
E Chefes cáiáo, como cahe a folha
Pelo vento espalhadas, e que em fim salvo
Por ti os teus Catholicos da Liga,
Sobre os ensanguentados corpos possão
Dirigir-te seus canticos perennes. =

Atravessando os ares a Discordia
Ouve attenta os clamores espantosos,

; aos Infernos os leva : n'hum instante
)os seus Reinos sombrios faz que venha
) mais cruel Tyranno d'esse Imperio
)as sombras : elle chega, o Fanatismo
eu nome horrivel he, filho inhumano
)a Religião : armado em defendella,
ó cuida em destruilla, e recebido
Io seu seio, elle a abraça, elle a arruina.

Elle foi em Rabá (*b*) quem sobre as praias
)o Arnon os descendentes conduzia
)o desgraçado Ammon, e as Mãis chorosas,
!ue a, Moloc, o seu Deos, apresentavão
.s fumantes entranhas de seus filhos :
lle o que fez dictar o juramento

(*b*) Paiz dos Ammonitas, os quaes lançavão seus
hos nas chaminas ao som de tambores, e de trom-
:tas em honra da Dividade, que adoravão com o
›me de Moloc.

De Jepthé inhumano, e temerario,
Para no coração da tenra filha
Conduzir-lhe o punhal : Elle o que abrindo
De Calcas a impia bocca, a cruel morte
Por sua voz pedira de Ifigenia :
Ha muito tempo, França, que elle assiste
Nos teus bosques, que o teu sagrado incenso,
Ao terrivel Teutates (c) elle offerece,
Tu não te has esquecido d'esses santos
Homicidios, que aos vãos indignos Deozes
Presentavão os teus antigos Druidas :
Do alto do Capitolio elle bradava
Aos idolatras, que os Christãos punissem,
Que os destruissem, e que os atormentassem :
Porém, quando em fim Roma submettida
Foi ao filho de Deos, do Capitolio

(c) Teutates era hum dos Deozes dos Gaulos, a quem se sacrificavão homens.

esfeito em cinza, se ha passado á Igreja,
então nos corações, que erão de Christo,
furias inspirando, sem demora
: Martyres os fez perseguidores.
e em Londres, formou a turbulenta
ta, (*d*) que sobre hum Rei, de si mui fraco,
m sanguinosa mão se vio erguida.
ı Lisboa, eMadrid, (*e*)elle he o que accende
fogueiras solemnes, onde em pompa,

---

d) Os Enthusiastas (chamados independentes) o os que tiverão a maior parte na morte de los I. Rei de Inglaterra.

e) O estamelecimento da Inquisição he filho do ', com que o Senhor D. João III. quiz se mansse a pureza da Religião nos seus Estados, e obra do Fanatismo como licenciosamente diz o A. Todos sabem o recto procedimento d'essupremo Tribunal para com os intitulados Ju: , os quaes nunca se castigarão por seguir a ses, mas sim pelo seguirem depois de ter abra) o Christianismo, e commetterem huma hor- l profanação de todos os Sacramentos: Além de

Por Padres em cada anno, se conduzem
Os Judeos infelices, por não terem
Deixado a fé de seus antepassados.

Elle por disfarçar-se, se vestia
Sempre d'esses sagrados ornamentos
Dos Ministros do Ceo : d'esta vez passa
A' eterna escuridão a tomar n'ella
Para novos delictos nova fórma :
A audacia, e o artificio, os seus aprestos

---

que, os actos da fé, que a Inquisição celebra
n'este Reio nem todos se fazião solemnemente
por costume todos os annos; mas só quando a p
tinacia dos delinquentes se ensurdecia ás vozes
razão, e á luz da fé, a que fechavão os olh
Este Tribunal he hoje com mais justiça digno
respeito, porque á inspecção dos seus Juizes,
únio por lei dos nossos Principes a sua augus
decisão, para poderem ter execução os seus pr
cessos. Os estrangeiros fallão n'esta materia co
odio e ignorancia crassa; o que basta para não s
rem accreditados. (*Nota do Editor.*)

Forão : elle de Guizo, toma o talhe,
E as feições : do soberbo Guiza, aquelle,
Que tyranno do Estado se descobre,
E Rei de seu Senhor : quem por ser sempre
Poderoso, inda além da morte a França
Arrastrava aos combates. A cabeça
Elle cobre de hum casco formidavel,
Na mão se vê a espada, aquella espada
A' morte sempre prompta ; traz o peito
Traspassado dos golpes, com que hum dia
Este Heróe sedicioso assassinado
Fora em Blois ; os clamores do seu sangue,
Que abundante inda corre, parecião
A Valois accusar, pedir vingança.

N'este terrivel lugubre apparato,
Por entre as dormideiras, que costuma
O somno derramar, elle a Clemente
Vem procurar no centro do retiro ;

Era a superstição, era a inquieta
Facção, o falso zelo, sempre acceso
De huma brilhante colera, que estavão
Velando á sua porta; de repente
Elles abrem, elle entra, (*f*) e então com huma
Voz magestosa, e féra, assim lhe falla:
= Deos teus votos acceita, e rogativas;
Mas de ti não terá por culto, e incenso,
Mais que huma eterna queixa, huns fracos votos?
A Deos, que serve a Liga, são precisas
Outras offrendas; elle de ti exige
Os dons, que tu lhe pedes: Judith (*g*) forte,

(*f*) Imprimio-se em Pariz, e sahio ao publico em 1589 huma relação do martyrio de Fr. Jacques Clemente, na qual se segurava, que hum Anjo lhe tinha aparecido, e lhe havia mostrado huma espada nua, e ordenado, que matasse o tyranno.

(*g*) Estando já em em S. Cloud Jacques Clemente, algumas pessoas que desconfiavão d'elle, o espiarão durante a noite, e o acharão dormindo pro-

Se em outro tempo, por salvar seu Povo,
A Deos não offertasse mais que os gritos,
E as lagrimas, se pelos seus temendo,
Tambem por si temesse, cahir vira
Judith por terra os muros de Bethulia;
Eis-aqui as emprezas, que tu deves,
Por santas, imitar, he esta a offerta,
Que apresentar a Deos és obrigado:
Mas tu mesmo, já vejo, te envergonhas
De haveres differido, corre, vôa,
a tua mão no sangue consagrado,
ibertando os Francezes de hum Monarcha
ndigno, a Pariz vingue, vingue a Roma,
mim, e o Universo. A minha vida
ortou Valois por hum assassinato;
unir co' mesmo golpe te he preciso

---

ndamente com o Breviario ao pê de si aberto
artigo Judith.

Sua perfidia ; não te embargue o susto
Do nome de Assassino ; se foi nelle
Cruel delicto , em ti será virtude ;
Tudo he licito a quem a Igreja vinga ,
A morte he justa então , e o Ceo não menos
A auctorisa ; que digo ? Deos o manda ,
E pela minha voz elle te instrue ;
Para a morte de Henrique elle o teu braço
Ha eleito ; feliz tu se pudesses ,
Consunmando a vingança , o de Navarra
Juntar na mesma acção a hum tal Tyranno ,
E se d'estes dois Reis , livres de todo
Teus Cidadãos , pudessem . . . mas os tempos
Não são inda chegados ; Bourbon deve
Viver , e Deos , ao qual se oppõe seu braço ,
Para outras mãos reserva toda a gloria
Da sua ruina ; tu que és tão zeloso
D'este Deos , enche os seus grandes designios ,
E o mimo acceita , que por mim te envia. =

O fantasma então faz a estas palavras
Ium punhal reluzir, que havia o odio
Ias aguas infernaes humedecido;
dadiva fatal na mão do incauto
lemente deposita, foge, e torna
Ia morada infernal a submergir-se.

Facilmente enganado o Religioso
Iancebo, creu, que o Ceo seus interesses
ómente em suas mãos depositara:
o funesto presente elle prostrado
s osculos duplica; elle de joelhos
o Omnipotente o braço humilde implora,
cheio em fim do monstro, de quem sempre
furor o dirige, de hum ar santo
fatal parricidio já se aprompta.

Quanto ao erro se humilha com presteza
humano coração! Eis já Clemente

Gostando huma feliz serenidade ;
Elle estava animado, sim d'aquella
Audacia, que no coração dos Santos
Firma a innocencia; no furor tranquillo,
Os olhos baixos, marcha; elle seus votos
Sacrilegos ao Ceo sempre dirige, (*h*)
De huma austera virtude em seu semblante
Reluz a estampa; e o ferro parricida
Debaixo do cilicio leva occulto:
Elle parte; os parciaes logo instruidos
Do projecto, os caminhos alcatifão
De odoriferas flores a seus passos:
E de hum santo respeito todos cheios,
A's portas o conduzem: abençoão
Seu intento: este o instrue; aquelle o anima,
O nome de Clemente já numerão

(*h*) Elle jejuou, confessou-se, e commungou, antes de partir a ir assassinar o Rei.

ntre os nomes sagrados, que em seus fastos
oma por immortaes tanto respeita;
n altas vozes vingador da França
appellidão, na mão tendo os incensos
dão pressa a invocallo. No transporte,
ı no ardor, nunca forão tão activos
s primeiros Christãos, que de morrerem
esejosos, intrepidas columnas
ı crença de seus Pais, em outro tempo
us irmãos, ao martyrio accompanhavão;
doçuras de morte tão ditosa
veja lhes fazião, e os vestigios
seus passos com lagrimas beijavão:
fanatico cego muitas vezes
caracter se não diversifica
sincero Christão; hum mesmo esforço
m ambos, tem os mesmos sentimentos,
m seus Martyres o erro, Heróes o crime;
zelo verdadeiro, e do que he falso

Vãos Juizes que somos! parecidos
Muitos malvados são aos grandes homens.

Mayenne, cujos olhos tudo observão,
Bem está vendo o golpe preparar-se,
Finge porém que o ignora; o seu pruden
Artificio de hum crime tão odioso
Cuida em colher o fructo, sem que n'el
Tenha parte; elle deixa com industria
Para os mais sediciosos o cuidado
De esforçar o valor d'este furioso.

Em tanto que huma turba sanguinaria,
De rebeldes ás portas conduzia
De Pariz este infiel, ao mesmo tempo
O sacrilego esforço da assemblea
Dos dezeseis examinava a sorte
Sobre o successo. Antigamente (i) a audacia

(i) Catharina de Medicis havia posto a mag

Cuidadosa de Medicis havia
Penetrado a sciencia detestavel
D'estes segredos ; ella muito tempo
Esta arte profundou em si suprema ,
Vã , chimerica , e sempre criminosa ;
Seguio-se o seu exemplo , e o Povo rude ,
Servil imitador dos fataes vicios
Da Corte , amante só de novidades ,
Captivo de prodigios , a tão impias
Desordens de tropel se abandonava.

Nas sombras da alta noite ao centro horrivel
De huma abobeda escura , esta malvada
Assemblea o silencio ha conduzido ;
Ao pálido clarão de huma lanterna

uito em moda na França. Achavão-se por toda
parte homens assás loucos por se crerem Magi-
os , e Juizes supersticiosos , que os punião de boa
, como taes.

Magica, hum Altar vil sobre hum sepulchro
Se erigio; dos dois Reis logo as imagens
Alli se collocarão; sendo o obejecto
Para elles de terror, o são agora
De seus ultrages; suas mãos impuras
Sobre o funesto Altar tem confundido
Os nomes infernaes com o do Eterno:
Dispostas pelas funebres paredes
Estão cem lanças, todas tem as pontas
Em vazilhas de sangue mergulhadas,
Ameaçante apparato, que inventarão
De hum mysterio horroso: o Sacerdote
Do escuro Templo hum d'esses Hebreos era,
Que sobre a terra vagão, que proscriptos,
E Cidadãos do mundo, vão levando
De mar em mar a erratica miseria,
E que tem cheio desde muito tempo
Os Povos de huma antiga immensidade
De superstições: ao redor d'elle

Os da Liga furiosos principião
A grandes gritos o impio sacrificio:
Lavão no sangue os braços parricidas,
De Valois, sobre o Altar, passão o peito;
Com mais terror ainda, com mais furia
De Henrique a imagem prostrão, e debaixo
A calcão de seus pés; (*l*) pensão que a morte
Fiel á sua colera vai logo
Transmittir a estes Reis o ferimento
Dos seus golpes; (*m*) o Hebreo junta entretanto
As preces ás blasfemias; elle invoca

(*l*) Muitos Sacerdotes da Liga havião mandado fazer pequenas imagens de cera, que representavão Henrique III., e o Rei de Navarra; punhão-se sobre o Altar, e durante a Missa as ferião; isto por espaço de 40 dias consecutivos, e no fim d'elles as ferião no coração.

(*m*) De ordinario servião-se dos Judeos para fazerem as operações magicas. Esta antiga superstição vem dos segredos da Cabala, dos quaes os Judeos se dizião sómente os depositarios.

O abysmo, os Ceos, o mesmo Deos Eterno,
Todos esses espiritos immundos,
Que turbão o Universo, assim o fogo
Do raio, como as chammas dos Infernos.

Igual foi em Gelboé o sacrificio,
Que Pythoniza aos seus infernaes Deozes
Offertou, quando fez vir á presença
De hum Rei cruel a imagem espantosa
De Samuel Sacerdote: assim não menos
Do alto de Samaria trovejava
A impia voz dos Profetas mentirosos
Contra Judá; ou tal entre os Romanos
O cruel Ateyo (*n*) amaldiçoando as armas
De Crasso pela invocação dos Deoses.

(*n*) Ateyo Tribuno do Povo não podendo impedir a Crasso a partida contra os Parthos, troxe hum brazeiro ardente para a porta da Cidade por onde Crasso havia de sahir, e lançando lhe

Aos magicos accentos, que lhe sahem
Da boca, os Dezeseis tem a confiança
De esperar, que do Ceo se lhes responda;
Obrigallo elles pensão, a que a sorte
Se lhes descubrá: o Ceo para punillos
Quiz então escutallos, quiz por elles
Interromper as leis da natureza:
Hum lugubre murmureo das cavernas
Mudas sahe, os relampagos continuos
Lhes dão a ver na mais profunda noite,
Hum horroroso dia, que renasce,
E que foge; no meio d'estes fogos
Resplendecendo em gloria elles divizão
A Henrique, sobre hum carro de victoria;
Os loiros lhe c'roavão tada a frente,
Nobre, e serena; em fim brilhava o Sceptro
Dos Reis nas suas mãos: o ar de improviso

---

certas hervas, amaldiçoou a expedição de Crasso
nvocando para isso as Dividades infernaes.

Aos tiros do trovão passa a abrazar-se ;
Cheio de fogo o Altar, se arruina, e logo
Se submerge na terra : consternados
Os Dezeseis , de horror o Hebreo cuberto ,
Vão esconder na noite tanto o crime ,
Como a perturbação , que os affugenta.

Estes trovões , e fogos , este ruido
Espantoso a Valois anunciavão
A perda inevitavel ; os seus dias
Tem Deos contado do alto do seu Throno.
Havia longe d'elle retirado
O seu soccorro ; a morte era impaciente
Em aguardar a victima , que he sua ,
E Deos como que hum crime permittia
Por perder a Valois. Sem sobre salto
Ao campo real marchou o impio Clemente ;
Elle chega , e requer , que ao Rei os guardas
Lhe permittão fallar ; diz que Deos mesmo

Faz, que áquelles lugares conduzido
Venha, porque os direitos do diadema
Por elle se restaurem; que ao Rei proprio
Quer revelar segredos importantes;
Duvidão, por bastante tempo o observão,
E he perguntado; teme-se debaixo
D'aquelle habito algum fatal mysterio;
Elle passa por hum severo exame
Sem jámais se assustar, responde a tudo
Com bem simplicidade, quem creria,
Que a verdade não via bem patente
Em seus discursos? faz em fim o guarda,
Com que á vista do Rei elle appareça.

Não assustou o aspecto Soberano
Ao traidor; com hum ar tranquillo, e humilde
Elle dobra os joelhos, elle observa
O lugar, onde bem empregue o golpe;
E a mentira sagaz, que a sua lingua

Conduzia, dictou-lhe n'este instante
Tão perfido discurso; elle assim falla:
= Grande Rei, permitti, que ao Deos Supremo
Que faz reinar os Reis, eu encaminhe
Minha timida voz, antes de tudo
Meu coração deixai que o louve, e cante,
Pelos bens, que hoje vai sua Justiça
Derramar sobre vós; Potier virtuoso, (*o*)
E Villeroi prudente a fé intacta
Vos guardão entre os vossos inimigos;
Harlay, (*p*) o grande Harlay, de cujo zelo
Intrepido, assustado se vio sempre
O infiel Povo; do centro de huma escura

(*o*) Potier, Presidente do Parlamento, de que assima se fallou. Villeroi que havia sido Secretario d'Estado de Henrique III.

(*p*) Achilles de Harlay estava então recluso na Bastilha por Bussy le Clerc: Jacques Clemente apresentou ao Rei hum carta da parte d'este Magistrado, porém ignora-se se era, ou não fingida.

Prizão, os corações vaí reunindo
De todos; junta os vossos fieis Vassallos,
E confunde os da Liga: Deos, que, sempre
Sabios, e poderosos abatendo,
Pela mão, que he mais fraca, cumprir soube
As suas obras, fez, com que á presença
Do grande Harlay eu fosse conduzido;
Cheio da sua luz, e pela sua
Mesma bocca instruido, diligente
Ao meu Principe vôo, e vos entrego
Esta carta, que Harlay acaba ha pouco,
Como a subdito fiel, de encarregar-me. =

Impaciente Valois recebe a carta,
E as mãos levanta aos Ceos, que lhe permittem
Tão suave mudança; = Oh se eu pudesse
(Diz elle) este teu zelo, e bom serviço
Remunerar-te já pelo meu gosto,
E da minha justiça! = Estas palavras

Dizendo, elle lhe estende os Reaes braços;
No mesmo instante o monstro o punhal tira,
E ouzadamente o peito lhe atravessa;
O sangue corre, e todos assombrados
Se avanção dando gritos; eis já se erguem
Mil braços a punir este assassino;
Mas sem baixar os olhos, com desprezo
Elle os attende; a França satisfeita,
E do seu parricidio vanglorioso,
Em recompensa a dura morte espera
De joelhos; em fim, elle de Roma,
E da França se crê ser o refugio;
Pensa que os Ceos vê já, que estes se lhe abrem
E a Deos pedindo a palma do martyrio,
Cahe, abençoando os golpes, com que espira.

Torpe illuzão, fantastica cegueira,
De horror, de compaxão mil vezez digna,
E da morte do Rei menos culpavel

Talvez, do que esses laxos, vãos Doutores
Do se Rei inimigos, que espalhando
O veneno fatal com suas vozes,
O fraco Religioso allucinarão.

Estava já Valois tocando aquella
Triste, e ultima hora, nem seus olhos
Vião de luz apenas mais, de hum resto;
Seus Cortezãos, chorando ao redor d'elle,
Por designios diversos divididos
Em segredo com huma voz commua
Formando as mesmas queixas, expressavão
As dores, ou sinceras, ou fingidas;
Os que se esperançavão na mudança,
Froxamente se affligem do perigo
Do seu Principe; cheios então outros
Do temor, do interesse, não choravão
O Rei, mas a fortuna decahida.

Entre o confuso ruido de clamores,
E de queixas, sómente vós, Henrique,
Lagrimas derramates verdadeiras;
Vosso inimigo foi, mas os que nascem
De corações sensiveis, facilmente
Se commovem nos horridos momentos;
Só da sua amisade então se lembra
Henrique, e o interesse em vão combate
Contra a sua piedade; o Heróe virtuoso
A si mesmo occultava o pensamento,
De que esta morte a C'roa lhe trazia.

Por hum ultimo esforço então voltando
Valois para elle os olhos já pezados,
Que a morte hia a fechar, e ao mesmo tempo
Com suas mãos tocando nas de Henrique,
= Mãos vencedoras, diz-lhe d'esta sorte:
As generosas lagrimas detende,
O Universo indignado á sua conta

Toma o compadecer-se : reinar deve
Bourbon , e combater , por fim vingar-me :
Eu morro ; e vós no meio das tormentas
Ficais só ; assentado sobre o escolho
Cheio dos meus nafragios : porém ide ,
Henrique , que o meu Throno vos espera :
Pertence-vos , gozai de hum bem , que sempre
Foi pelo vosso braço defendido :
Mas attendei , que o raio em todo o tempo
O rodeia : temei , subindo ao Throno ,
O Deos , que vo-lo dá : oh se pudesseis
De hum dogma criminal desenganado ,
Restaurar-lhe o Altar , repor-lhe o culto !
A Deos : reinai feliz : mais poderoso
He o genio tutelar , que vos defende
De crueis assassinos : vós a Liga
Conheceis , e bem vedes os seus golpes ,
Elles por mim passarão , porque possão
Ir depois para vós : talvez que hum dia

Huma mão mais infiel . . .Ceos, que sois justo
Favorecei virtude, que he tão rara:
Permittí . . . . n'este ponto a morte impia
Sobre a sua cabeça vem render-se,
E de todo acabou o seu destino. (q)

A' noticia da morte Pariz toda
Aos odiosos transportes se sujeita
De huma iniqua alegria: de cem gritos
De victoria o seu Povo encheu os ares:
Suspende-se o trabalho, são abertos
Os Templos: de grinaldas de mil flores
Ornão suas cabeças: este dia
He dedicado só a immensas festas:

(q) Henrique III. morreu a 3 de Agosto pela duas horas da manhã em S. Cloud, mas não n mesma casa, onde tinha abraçado com seu irmã a resolução do S. Bartholomeu, como asseverá muitos Historiadores.

Insensatos que são ! Elles não olhão
Os profundos abysmos , que assim cavão
Debaixo de seus pés ; deverão antes ,
eus trabalhos prevendo , mudar , logo
Em amargoso pranto o vão triunfo ;
O vencedor , o Heróe , que elles se atrevem
provocar , Henrique do alto Throno
e quem vai arruinallos ; mais terrivel
a sua mão o Sceptro , vaticina
os rebeldes a perda inevitavel ;
is que já diante d'elle os Chefes todos
obrão os joelhos , todos reconhecem
or legitimo Rei sómente a Henrique ;
como se estivessem já bem certos
o destino da guerra , accompanhallo
té os dois fins da terra elles prometem.

Fim do I. Tomo.

2

HENRIADA

POEMA EPICO,

OMPOSTO NA LINGUA FRANCEZA

POR

Mr. DE VOLTAIRE,

Traduzido, e illustrado com varias notas na Lingua Portugueza

POR

THOMAZ DE AQUINO BELLO E FREITAS,

MEDICO FORMADO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

TOMO II.

NOVA EDIÇÃO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO M. DCCC. XII.
Com licença.

HENRIADA.

CANTO VI.

ARGUMENTO.

Depois da morte de Henrique III., os Estados da Liga se juntão em Pariz para eleger hum Rei. Em quanto elles se occupão nas suas deliberações, Henrique IV. dá hum assalto á Cidade. A Assemblea dos Estados se separa; aquelles, que a compunhão, vão combater sobre os muros. Descreve-se este combate. Apparição de S. Luiz a Henrique IV.

UZo antigo, e sagrado se pratica
Entre nós, quando a morte sobre o Throno
Estende o fatal golpe, e então do sangue
Dos Reis, cáros á Patria toda a fonte
Nos ultimos canaes se ha esgotado,

No mesmo instante o Povo aos seus primeir
Direitos torna ; hum Rei eleger póde ,
Póde mudar as leis : os seus Estados
Juntos , que ficão sendo o orgão da França ,
Hum supremo nomeão ; os poderes
Lhe limitão : assim se decidira
Pelos nossos avós , que a CarlosMagno
No Throno succedessem os Capetos.

Intenta pois a Liga audaz , e forte
Ordenar dos Estados (*a*) a assemblea :
Por hum assassinato ella suppunha
O direito adquirir , porque pudesse
Eleger Rei , e dar mudança ao Estado :
Elles crião , que postos ao abrigo

(*a*) Como n'hum Poema Epico se attende mai á ordem do dezenho , que á Chronologia , introdu zem-se immediatos á morte de Henrique III. c Estados de Pariz , que só se effectuarão quatro an nos depois.

e hum Throno imaginario, assim podião
xpulsar a Bourbon mais facilmente,
melhor enganar a plebe rude:
nsavão, que hum Monarcha os seus designios
rmaria, que á sombra deste nome
ão sagrado, serião seus direitos
ais honestos; que eleito injustamente,
stava para o ser; em fim que a França
rtendia hum Senhor fosse qual fosse.

Correm pois para logo a hum conselho
om alvoroço os Chefes obstinados,
quem conduz o orgulho; eis os Lorenas,
Nemours, e não menos os furiosos
cerdotes, o Embaixador de Roma,
ntamente o de Iberia, que caminhão
Louvre, onde por huma eleição nova,
os nossos Reis os Manes mais illustres
les vão insultar; o luxo sempre

Mantendo-se das publicas miserias,
Com esplendor prepara estes Estados
Tyrannicos: alli não apparecem
Os Senhores, e os Principes, dos nossos
Antigos Padres nobres Successores,
Que junto aos Reis hum tempo se sentavã
Que da França erão Juizes, que a apparen
Conservão do poder, que já não logrão
Não vão alli dos nossos Parlamentos
Os Sabios Deputados, que defendão
As nossas decahidas liberdades.
Nem dos Lyrios alli já mais se observa
O apparato ordinario; sim se admira
O Louvre pela sua pompa estranha;
O Legado de Roma em hum assento
Honroso alli se mostra; junto d'elle
A Mayenne hum docel se ha erigido,
Que cobre juntamente estas horriveis
Palavras, que se lião = Reis, que a te

ılgais, e cujas mãos facinorosas
ızão tudo emprehender, perdoar a nada,
reinar vos ensine Valois morto. =

Juntos elles, já fazem os partidos
as facções, com que neste lugar soem.
ıas infernaes vozes; o véo do erro
todos cega os olhos: hum, que espera
scravo ambicioso haver de Roma
s mercês, ao Legado se dirige;
eclara diante delle, que ha já tempo
e que á Thiara os Lyrios se sujeitem;
e que se erga em Pariz (*b*) o sanguinario
ribunal, (*c*) esse horrivel monumento

(*b*) A Inquisição, que os Duques de Guiza quirão estabelecer em França.

(*c*) Todos os homens, que vivem n'hum paiz, de se permitte a liberdade de consciencia, declaão contra a Inquisição, porque os faz conter na ılca, e verdadeira Religião do Christianissimo. Ve-se a nota (*c*) do V. Canto. (*Nota do Editor.*)

Do poder Monacal; que ha recebido
Hespanha, e que ella mesma hoje detest
Que os Altares vindica, e que os deshonr
Que cercado de chamas, e cuberto
De sangue opprime os homens, e os dego
Com hum ferro sagrado, como se inda
Vivessemos n'aquelles tristes tempos,
Em que a terra adorava os Deozes impios
Esses, que os mentirosos Sacerdotes,
Mais cheios de crueldade, se gloriaváo
De aplacar pelo sangue dos humanos.

Pelo oiro Ibéro est'outro corrompido,
Não duvida vender a cára Patria
Ao Hespanhol, que mesmo elle aborrece.
Mas hum Partido, em si mais poderoso,
Já no Throno dos Reis, de voz commua,
Collocava a Mayenne; inda faltava
Ao seu vasto poder tão grande cargo;

Na esperança orgulhosa, a que atrevidos
entimentos o levão, a arriscada
Honra do grande nome de Rei era
chama devorante, que em segredo
O avaro coração lhe consumia.

De improviso Potier se ergue, e demanda
er ouvido; a rigida virtude
az a sua eloquencia; nestes tempos
nfelices, de todo corrompidos
elo crime, Potier (*d*) foi sempre justo,
or tanto respeitado; muitas vezes
lle se havia visto pela sua
obre constancia reprimir a grande
icença escandalosa dos rebeldes,

(*d*) Potier pedio publicamente ao Duque de ayenne a permissão de se retirar para Henrique IV. u vos respeitarei toda a minha vida, como meu emfeitor, lhe disse elle, mas não posso reconhe-r-vos, como meu Soberano.

E sobre elles a antiga auctoridade
Conservando, mostrar-lhes com prudencia
O que era de justiça. Elle levanta
Por fim a voz; agitão-se, murmurão,
Elles o cercão, e ouvem; o tumulto,
E o rumor cessa. Assim como accontece
Em Náo, que os grossos mares agitarão
Onde dos gritos já dos marinheiros
Nem o ár se altera, nem já mais se escut
Que da prôa espumante o doce ruido,
Quando com feliz curso vai rompendo
O mar, que lhe he sujeito; tal se via
Potier dictando as suas leis mais justas,
E á sua voz calava-se o congresso.

= Vós destinais Mayenne (lhes diz elle
Ao supremo lugar; assás comprehendo
Toda a vossa intenção, eu vos desculpo:
Mayenne tem virtudes, que não pódem

ıcarecer-se bem ; eu o elegera ,
: elegello pudesse ; mas nós temos
ossas leis , e este mesmo Heróe insigne ,
ıando o imperio pertende , se accredita
'elle então menos digno. = Ao dizer isto ,
ayenne de repente vem entrando
om aquelle apparato , que costuma
guir hum Soberano , sem que mude
ɔtier de aspecto , quando o reconhecece :
Sim , Principe (prosegue de hum tom cheio
e firmeza ,) eu vos amo assás , e estimo
ıra emprehender , que a minha falla agora
ontra vós se dirija pela França ,
por nós : o direito se pertende
e eleger Rei , em vão o pertendemos ;
França tem Bourbons ; Deos vos há feito
ascer junto ao lugar , e emprego augusto ,
ue occupar elles devem , porque o Throno
hes defendesses , não porque o usurpasses :

Lá do seio dos mortos não tem Guiza,
Que pertender mais nada; bastar deve
A' sua cinza o sangue Soberano;
Se elle perdeo a vida injustamente,
Vingado o tem tambem outra injustiça:
E pois o Céo mudou agora o Estado,
Mudai-vos vós tambem; de todo acabem
Com Valois juntamente as vossas iras;
Derramado não tem Bourbon o sangue
De vosso irmão; o Céo, que sempre justo
A vós ambos amou, muito virtuosos
Vos fez para inimigos: mas já sôa
O publico clamor, oiço o susurro,
E os nomes espantosos de relapso,
E de herege; de hum falso zelo eu vejo
Que enfurecidos nossos Sacerdotes,
Com o ferro na mão . . . . . ah! desgraçados
Detende-vos; que lei, que exemplo, ou ant
Que furia sanguinosa roubar póde

Ao ungido do Senhor vossa homenagem ?
O filho de S. Luiz feito perjuro
Aos juramentos seus ? Elle dos nossos
Altares vem prostrar os fundamentos ?
Aos pés destes Altares instruir-se
Elle pertende ; as leis , das quaes o imperio
Desprezais , elle segue , elle as abraça ;
As virtudes honrar de qualquer Seita
Elle sabe ; venera o vosso culto ,
E ainda o vosso abuso ; a Deos sómente
(Que he quem vê o que somos) o cuidado
De condemnar os homens elle entrega.
Como Rei , como Pai a governar-vos
Elle vem ; mais Christão , do que vós mesmos ,
Vem dar-vos o perdão ; tudo com elle
He livre , e só o não póde sêr Henrique ?
Quem Juizes vos faz , porque direito ,
Do vosso Rei ? vós sois infieis Pastores ,
Indignos Cidadãos. Que mal com esses

Christãos primeiros tendes similhança,
Que desprezando todos esse Deozes
De gesso ou de metal, se conduzião,
Sem murmurar, debaixo de hum tyranno,
Ou de hum Principe idolatra; espiravão
Sem nunca se queixarem; antes cheios
De golpes, sobre infames cadafalsos,
Os Algozes honravão: ah! só estes
Erão Christãos, eu outros não conheço;
Pelos seus Reis morrião, vós os vossos
Assassinais; e Deos, que quereis seja
Implacavel, zeloso, se procura
Vingar-se, he só de vós, barbaros homens.

A tão livre discurso não ouzava
Outro algum responder, pois pelos toques
Mais poderosos todos se sentião
Cheios de confusão; de balde intentão
Affugentar de seus corações fortes

O temor, que nos máos causa a verdade;
A raiva, e o medo a hum tempo perturbaváo
Seus pensamentos, quando de repente
Mil vozes até os ares impellidas
Com hum confuso estrondo a toda a parte
Ressoar fazem = Cidadãos ás armas,
Ou nós somos perdidos = as espêssas
Nuvens, que o pó formava, do Sol claro
No campo toda a luz tornava escura;
Das caixas, e clarins o som horrendo
Era annuncio da perda, que os espera:
Taes das grutas do Norte desatadas
Sobre a terra as furiosas tempestades,
Precedidas dos ventos, e seguidas
Do trovão, todo o ar escurecendo
De hum turbilhão de pó, que a vista assombra,
Vão discorrendo assim pelo Universo.

He o espantoso exercito de Henrique,

Que de tanto repouso já cançado,
E de sangue faminto fórma ao longe
Os formidaveis gritos: elle immenso
Cobre toda a campanha, e a Pariz marcha:
Não emprega Bourbon os seus saudaveis
Momentos em render as ordinarias
Honras ao Rei defuncto, em distinguir-lhe
O sepulchro c'os titulos brilhantes,
Que recebem os mortos, quando o orgulho
Dos vivos o protege; não opprimem
Suas mãos as ribeiras desoladas
Com o pezo dos Mauzoléos inuteis,
Pelos quaes (a pezar da injuria certa
Dos tempos, e da sorte) quer dos grandes
A vaidade triunfar da iniqua Parca;
Elle a Valois na habitação escura
Outros feudos pertende enviar mais dignos
Da sua sombra; quer punir valente
Seus assassinos, vencer quer furioso

eus inimigos, té que feliz torne
eu Povo, quando o houver já submettido.

Ao improviso estrondo dos assaltos,
Que elle dispõe, separa-se o conselho
Dos Estados, de susto sorprendido;
No mesmo instante ao alto das muralhas
Corre Mayenne; unida a soldadesca
Voa a seus estendartes; ella insulta
 desmarcados gritos o Heróe forte,
Que se avança; está prompto para o ataque
Tudo, e tudo tambem para a defeza.

Não era tal Pariz lá nesses tempos
Calamitosos, qual em nossos dias
Ao Francez mais feliz ella se mostra;
Cem fortes, que o furor, e o medo havia
Levantado, seu circulo encerravão
Em mais pequeno espaço; seus suburbios

Que hoje tão grandes são, e magestosos,
E que abertos a mão da paz tem sempre,
Para a immensa Cidade elles servindo
De soberbas entradas, com Palacios
Magnificos, que até ás nuvens sobem,
Erão longas Aldeas, que cingia
Huma muralha em roda, e por hum fosso
Profundo de Pariz se separavão:
Da parte do Levante sem demora
Bourbon se avança; e apenas elle chega,
A morte lhe precede; o ferro, e o fogo
De toda a parte vôa, dos sitiantes,
E do alto das muralhas; em fim estas,
Soberbas até alli com suas torres,
E fortificações, já se desfazem,
Já cedem ás procellas abrazadas
De tiros repetidos; vem-se rotos
Os grandes batalhões, e destroçados;
Pelo campo dispersos longe delles

us membros; tudo aonde chega o ferro
ahe, e a pó se reduz; em fim peleja
om os raios qualquer dos dois Partidos.

Com menos arte, ao meio dos combates
: avançarão á morte antigamente
s miseraveis homens; á carnagem,
ão com tanto apparato, elles corrião;
as suas mãos o ferro ás suas iras
ra bastante; mas o industrioso
sforço dos tyrannos descendentes
té dos Céos o fogo tem roubado;
uvião-se zunir as espantosas
ombas, filhas que são abominaveis
as turbações de Flandes. (*e*) Nestes globos
e bronze, o nitro apenas inflammado,

(*e*) Nas guerras de Flandes, reinando Filippe II.
e Hespanha, he que hum Engenheiro Italiano fez
so das bombas a primeira vez.

Vôa com a prizão, que o tem recluzo;
Elle a rompe, e então sahe furiosa a mo

Em profundas cavernas com mais arte;
E mais barbaridade, se há sabido
Encerrar de mil raios subterraneos,
As chammas a incender-se sempre prompt
Debaixo de hum caminho muito facil
De enganar, e por onde vôa á morte
O soldado, que em seu valor confia:
De repente os abysmos vem-se abertos,
Do pó sulfureo vão negras torrentes
Pelos ares dispersas, por hum novo
Trovão, cem batalhões, em hum instante
São na terra absorvidos, e submersos:
A taes perigos vai offerecer-se
Bourbon; he por aqui que elle deseja
Ao seu Throno subir: os seus guerreiros
Se expõe tambem com elle ás tempestades

Tem o Inferno a seus pés, e o raio ardente
Sobre suas cabeças; mas a gloria
Anda ao lado do Rei; elles a observão,
E como a attendem só sem pavor marchão.

Mornay, por entre as ondas da torrente
Impetuosa, se avança, com hum passo
Grave sim, porém sempre destemido,
Nem capaz de furor, nem de haver susto;
Ao ruido dos canhões inalteravel,
No horror maior tranquillo; de hum aspecto
Insensivel, e firme: elle na guerra
Não vê mais, que hum castigo dos horriveis
Crimes da terra; em fim Mornay só marcha
(Qual Filosofo) aonde a honra o leva,
Aos combates não vai, segue a seu Amo.

Finalmente elles descem ao caminho
Terrivel, que huma altissima explanada,

Tincta de sangue, faz inaccessivel;
He alli que o perigo suas forças
Torna a animar; de mortos, e fachinas
Elles enchem os fossos; sobre montes
De cadaveres marchão, e se avanção;
Com hum precipitado curso á brexa
Se arremeção; do ferro sanguinoso
Armado Henrique, e do luzente escudo
Culberto, elle he o primeiro, que na frente
Delles se arroja; sobe, e já arvorado
Nas suas mãos triunfantes de seus Lyrios
Tem as bandeiras: tornão-se então cheios
De pavor os da Liga diante delle;
Seu vencedor, e Rei bem parecião
Respeitar. Já cedião; mas Mayenne
Os esforça de novo; elle lhes mostra
O exemplo; ao crime torna a convocallos;
Seus esquadrões cerrados opprimião
Por toda a parte o Rei, de quem as vistas

Não se atrevem suster. A cruel Discordia
Com elles sobre os muros se revolve
No sangue, que por ella se derrama.
O soldado a seu gosto combatendo
De mais perto nos muros infelices,
Leva com isso a morte mais segura.

Já não se ouvem da guerra os impios raios,
Com que as bocas do bronze tão funestas
O Universo assustarão; hum silencio,
Que he filho do furor, he que succede
Com mais horror aos écos estrondosos;
Com braço destemido, em ira accesos
Os olhos, cada qual então procura
O passo abrir por entre os inimigos.
São repellidos; hum contrario esforço
Faz, com que se restaure a alta muralha
De sangue tincta, theatro que he da morte.
Duvidosa a victoria tem ainda

Nas suas fataes mãos, junto dos Lyrios,
De Lorena o estendarte. Os sitiantes
Sorprendidos, e por toda a parte se achão
Destroçados; cem vezes victoriosos,
Cem vezes consternados; similhantes
Ao mar, que das tormentas impellido,
De momento em momento innunda as praias,
E ao mesmo tempo dellas se retira.

Jámais o Rei, jámais o seu illustre
Rival forão tão grandes, como neste
Tão horroroso assalto. Pelo meio
Da carnagem, e do sangue, qualquer delles,
Senhor do seu espirito, e não menos
Do seu valor, dispõe, manda, executa,
Vê tudo ao mesmo tempo, e de hum só golpe
De vista ordena os fortes movimentos.

A formidavel tropa dos Inglezes,

'elo valente Essex ao duro assalto
:onduzida, marchava a vez primeira
)ebaixo só dos nossos estendartes,
ιdmirados talvez de que servissem
ιos nossos Reis sujeitos. Elles vinhão
ι honra sustentar da sua Patria,
'or combater ardião; e orgulhosos
'or dar a vida sobre os mesmos muros,
Iesses mesmos lugares, onde o Sena
'io reinar seus Avós em outro tempo.
ːssex avança á brexa, onde d'Aumale
:ombatia; ambos moços, e briosos,
:heios de igual ardor; quaes lá nos muros
)è Troia os Semideoses se pintavão.
)e tropel seus amigos logo acodem
ːnsanguentados todos junto a elles;
)s Francezes, Inglezes, e os Lorenas,
ι quem une o furor, assim avanção,
:ombatem, ferem, morrem todos juntos.

Anjo, que conduzis delles a furia,
E o braço, protector destes combates,
Anjo exterminador, alma da guerra,
De qual Herôe em fim tomais a causa?
Pòr quem dos Céos inclina a favoravel
Sempre eterna balança? Muito tempo
Bourbon, Mayenne, Essex, e o seu contrario,
Sitiantes, e sitiados fazem huma
Carnagem igual; em fim, teve a ventagem
O Partido mais justo; Bourbon vence,
Elle aos seus abre o passo; fatigados
Os da Liga mais tempo não resistem;
Elles deixão os muros, elles ficão
Consternados. Assim huma torrente
Do alto dos Pyrineos se vê, que ameaça
As Ninfas pelo valle espavoridas;
Os diques, que se oppõe as suas ondas
Procellosas, sustentão algum tempo
O seu violento choque, porém logo,

Esta barreira fraca destroçada,
Conduz ao longe o estrondo, a morte, o espanto,
Arranca de passagem os mais soberbos
Carvalhos, que os invernos insultavão,
E que aos Céos se erguião; ella solta
Os rochedos das faldas das montanhas,
E atropella os rebanhos fugitivos,
Que vagão pelos campos. Tal descia
O destro Henrique, a passos apressados,
Dos fumegantes muros, que ganhara;
Tal de hum terrivel braço elle cahindo
Sobre os rebeldes, vence na carreira
As tropas criminosas. Com espanto
Os Dezeseis confusos já fugião
Ao braço vingador; o medo os deixa
Turbados, e dispersos. Em fim manda
Mayenne abrir as portas, e seguido
Dos seus soldados, elle em Pariz entra.
Os vencedores fortes, e furiosos,

Com os fachos na mão, sobre os suburbio
Ensanguentados voltão de repente.
Da milicia o valor precipitado
Se torna em raiva; tudo entrega ao ferro,
Tudo á chama, e á pilhagem. Mas Henrique
Nada vê, que o seu vôo se remonta
Em seguir o inimigo, que fugia
A' vista delle; seu valor o eleva,
Sua victoria o inflamma; os arrabaldes
Elle deixa, elle só se avança á porta;
= Companheiros sobre estes altos muros
Vinde, subí, trazei o ferro, e o fogo. =

Quando elle isto dizia, lá do centro
De huma nuvem se mostra á sua vista
Hum fantasma brilhante; era seu corpo
Cheio de magestade, os elementos
Dominava, a Bourbon elle descia
Sobre as azas dos ventos; as mais vivas

zes da Divindade bem mostravão
immortaes bellezas do seu rosto ;
ıs olhos parecião todos cheios
ternura , e de horror ; = Detem-te (grita
e então) desgraçado victorioso ;
s entregar ás chamas , e á pilhagem
cem Reis teus Avós a eterna herança ?
ubar o teu paiz , saquear meus Templos ,
struir teus Thesoiros , teus vassallos
golar , e reinar só sobre os mortos ?
tem-te = A esta voz inda mais forte ,
e o trovão , o soldado se horrorisa ,
raça a terra , e não attende ao saque ;
ırbon , cheio do ardor , que inda a peleja
seu peito inflammava , igual ao Oceano ,
e murmura , inda quando já se aplaca ,
O' fatal habitante do invisivel
ındo (diz) que vens tu nesta morada
horrores annunciar-me ? = Elle então ouve

Estas palavras cheias de duçura.
= Eu sou o feliz Rei, a quem respeita
A França, dos Bourbons sou Pai, sou de
Protector; sou Luiz, que em outro tem
Como tu, pelejei; de quem tu sempre
A fé em teu coração hás desprezado;
Luiz que te lastima, que te admira,
E que te ama: algum dia sobre o Thron
Deos te ha de conduzir, e tu, meu filh
Em Pariz vencedor terás entrada
Náo por preço do teu valor, Henrique,
Mas da tua piedade. He Deos sómente
O que disto me instrue, e que me envia.

O Heróe, a estas palavras, de seus olh
Lagrimas de alegria foi vertendo;
A paz se vê de todo haver extincto
A ira em seu coração; elle prostrado
Clama, suspira, adora; de hum divino

ɔrror sua alma se acha penetrada ;
ɛs vezes á sagrada sombra estende
braços , e outras tantas se desvia
ı Pai , de que elle o abraçe : qual ligeira
ıvem , que se dissipa pelos ventos.

Do mais alto do muro formidavel ,
tre tanto os da Liga armados todos ,
ɔdo hum Povo sem numero , Estrangeiros ,
ancezes , Cidadãos , Chefes , Soldados ,
ɔre Bourbon o ferro , e á morte fazem
ıover ; brilha do Altissimo a virtude
ɔre sua cabeça ; ella he que aparta
forte tempestade , em que se via ,
ɔs tiros que lhe lanção ; elle observa ,
ɛe então vê , de que perigo horrivel
ıega o Pai dos Bourbons a libertallo :
ɔltando-se a Pariz com huma vista
ɪiste , e tranquilla , diz = Crueis Francezes ,

E tu, fatal Cidade, desgraçados
Cidadãos, Povo infiel, gente cobarde,
Até quando quereis fazer a guerra
Ao vosso Rei? = Então do mesmo modo,
Que o astro, auctor da luz, havendo dado
Fim á ardente carreira, resplandece
Nas margens do Horisonte com hum fogo
Mais brando, e parecendo á nossa vista
Maior, tambem parece que se auzenta
Longe de nós; assim longe dos muros
De Pariz se retira o bravo Henrique,
Cheio seu coração do seu Rei sancto,
Cheio de Deos, que o illustra. Elle a Vincenne
Marcha, aonde Luiz em outro tempo,
Ao pé de huma azinheira então sentado,
Dictou suas leis justas. Que mudança,
Morada antigamente deliciosa,
He esta, em que te vejo! Tu, Vicennes,
Não és mais, que huma torre abominavel

uma prizão de Estado, hum lugar forte
e desesperação, em que he frequente
cahirem do seu poder mais alto
s Ministros, e os Grandes, que trovejão
bre nossas cabeças; que na Corte
iperiores são sempre ás tempestades;
ie vivem de opprimir, e ao mesmo tempo
o opprimidos; féros, e submissos
ntamente; humas vezes são do Povo
odio, e outras o amor. Já do Occidente,
n que as sombras se formão, vem a noite
razer sobre Pariz seu manto escuro,
escender aos mortaes nesta morada,
oda de sangue, os mortos, e os combates
inestos, que ha mostrado a luz do dia.



CANTO VII.

ARGUMENTO.

S. Luiz transporta a Henrique IV. em espi rito ao Céo, e aos Infernos, e lhe faz ve no Palacio dos Destinos a sua posteridade e os grandes homens, que a França dev produzir

A Clemencia infinita do Deos vivo,
Que nos creou, por adoçar os males
Desta vida tão curta, em nós ha posto
Duas coisas bem uteis, que são ambas,
Amaveis habitantes para sempre
Da terra, são arrimo nos trabalhos,
Na indigencia thesoiros: Huma he o somno,
Outra a esperança; quando de opprimido
Em languores seu corpo sente o homem,

s orgãos sem vigor, sem resistencia,
primeiro, por huma doce calma,
em soccorrer a afflicta natureza,
trazer-lhe hum total esquecimento
as penas, que supporta: a outra anima
s nossos corações; nossos desejos
la accende; e ainda quando nos engana,
azeres verdadeiros nos dá sempre;
as aos caros mortaes, aos seus amados,
quem o Céo a envia, fabuloso
ão he o contentamento, que ella inspira;
e Deos he que ella traz tanto a promessa,
omo o conforto; em fim, ella he constante,
erfeita, pura, tal qual elle mesmo.

Luiz, junto a Bourbon, chama por ambas,
Chegai-vos a meu filho (lhes diz elle)
inde fiel parelha = Ouvi-o o somno;
esde o retiro lá das suas grutas,

Para estas sombras frescas brandamente
Vem marchando; demorão-se em silencio
A' sua vista os ventos; eis os sonhos
Affortunados, filhos da esperança,
Para o Principe voltão, e sobre elle
Vão espalhando os Loiros, e as Olivas
Juntamente co' as suas dormideiras.

Luiz neste momento, a mão lançando
Do seu diadema, o põe sobre a cabeça
Do Vencedor, e diz-lhe = Reina, e triunfa
E em tudo sê meu filho; em ti sómente
Se restaura da minha descendencia
Toda a esperança: sim; porém o Throno
Não te basta, Bourbon; dos dons sublimes
De Luiz, o menor he o seu Imperio;
Heróe, Conquistador, e Rei, que importa
Que tu sejas? Se o Céo te não illstra,
Então nada te ha feito; essas mundanas

Ionras nada mais são, que hum bem esteril,
ão da virtude fragil recompensa,
erigoso relampago, que passa,
Ium bem de turbações sempre assistido,
Que a morte em fim destróe; eu quero agora
Descobrir-te hum Imperio mais duravel,
'or te recompensar não tanto, como
'or te instruir: vem, segue-me, pois deves
r por novos caminhos; vôa ao seio
De Deos mesmo, e completa os teus destinos. =

Isto dizendo, eis que ambos, em hum carro
De luzes, atravessão a carreira
Dos Céos em hum momento: taes na noite
Os raios, e os relampagos se observão
Correr de hum pólo a outro, dividindo
Os densos ares; tal aquella nuvem
Abrazada se eleva, que roubando
Aos olhos de Elizeo seu grande Mestre,

Em hum carro de fogo o arrebata
Longe das margens deste nosso globo.

No centro refulgente desses orbes
Immensós, que esconder-nos não puderão
Sua marcha, e distancias, resplandece
O astro do dia accezo por Deos mesmo,
O qual, sobre seu eixo luminoso,
Gira ao redor de si; delle procedem
As torrentes de luz interminaveis;
Logo que elle se mostra, he o que dá vida
A' materia; elle os dias distribue,
As estações, e os annos aos diversos
Mundos ao redor delle fluctuantes;
Obedecendo á Lei Divina imposta,
Os mais astros se attrahem (*a*) no seu curso,
E sem interrupção elles se alongão;

(*a*) Ou se admitta, ou não a attracção de Monsieur Newton, sempre he certo, que os globos ce-

servindo hum ao outro já de regra,
i de apoio, se emprestão essas mesmas
uzes brilhantes, que recebem delle.
a outra parte do giro, que elles fazem,
longe, nesse espaço, em que he nadante
materia, e que Deos sómente abraça,
stão os Sóes sem numero, estão Mundos
finitos; he neste abysmo immenso,
ue lhe abre hum caminho. Da outra parte
os Céos todos, o Deos dos Céos reside.

He ahi, que seguio o Heróe famoso
conductor celeste, ahi se ordenão
odos esses espiritos diversos,
ıe povoão o mundo, e os corpos enchem;
hi depois da morte se profundão
vres já para sempre nossas almas

---

tes se approximão, e se desvião successivamente,
recendo, que se attrahem, e se separão.

Da grosseira prizão, em que habitavão;
Ahi junta o Juiz incorruptivel
A seus pés os espiritos eternos,
Que o seu sopro ha creado. Este infinito
Ente, he a quem se obedece, e que se ignora
Com differentes nomes respeitado
Se vê do mundo inteiro; do alto Empyreo
Nossos clamores ouve, e se lastima
Da grande multidão de nossos erros,
Da ignorancia dos homens, que assim formão
Com piedade figuras insensatas
Do seu saber immenso, e inaccessivel.

Junto a elle conduz a horrivel morte,
Filha do tempo, os habitantes todos
Deste triste Universo; ora os Bracmanes,
Ora os Bonzos, discípulos profanos
Do seu grande Confucio; ella alli leva,
Os que aos Persas antigos succederão,

ıda cégos sectarios, (*b*) bem que occultos,
ʼe Zoroastre; os moradores fracos
ʼessas frias regiões, a quem de gello
ercão, e inundão mares dilatados;
quelles, que da America povoão
ʼs densos bosques, do invencivel erro
ınumeraveis subditos; o Turco
dmirado, e com huma vista anciosa,
.' direita de Deos em vão procura
seu Profeta; o Bonzo com os olhos
enitentes, sombrios, em vão chega
exaggerar seus votos, e tormentos.

N'hum instante illustrados esses mortos,
remendo esperão todos em silencio
ſuma eterna sentença; Deos, que tudo
m hum momento vê, ouve, e conhece,

(*b*) Na Persia os Guebres tem Religião á parte,
pertendem, que esta seja, a que fundou Zoroastre.

De hum golpe de olho os pune, e tambem d'otr
Os absolve: Bourbon para o invizivel
Throno senão chegou, de donde mana
A cada instante o Juizo de horror cheio,
Em que Deos pronuncia aos homens todos
Seus eternos destinos, que em vão muitos
Orgulhosos a prevenir se atrevem:
= Qual he (dizia Henrique, perguntando
A si mesmo) Qual he de Deos (*c*) sobre estes
A justiça suprema? Deos castiga
Os homens por cerrarem tanto os olhos
A's luzes, que elle mesmo apartou delles?

(*c*) O argumento, que aqui faz o A. na pesso de Henrique IV. he bem sutil. Deos não nos cas tiga, nem nos julga, senão conforme as luzes, qu delle temos recebido. Aquelles, que gozarão d beneficio da revelação, devem ser julgados pela le positiva: os que porém della não tiverão conheci mento, e invencivelmente a ignorarão (se isto pó de accontecer) por aquella da natureza. (*Nota d Editor.*)

;omo injusto senhor póde julgallos
obre a lei dos Christãos, lei, que elles mesmos
;onhecer não puderão? Não he crivel,
Jão, Deos nos ha creado, Deos a todos
)uer salvar, nos instrue em toda a parte:
im, e em todo o lugar elle nos falla;
Jo coração de todos ha gravado
lei da natureza, essa, que he sempre
mesma, e sempre pura; he pois por ella
)ue Deos julga os Gentios certamente,
; se o coração destes justo ha sido, (*d*)
Jão se póde negar que Christãos forão.

Em tanto que do Heróe a perturbada
lazão lançava sobre hum tal mysterio
Iuma vista indiscreta, aos pés do Throno

(*d*) He isto huma hypothesi nunca praticavel: orque a natureza corrupta pelo peccado original ão tem forças para a observancia da lei, sem o djutorio da graça. (*Nota do Editor.*)

Eis que sôa huma voz; o Céo se abala,
Treme todo o Universo; seus accentos
Erão quaes do trovão, aquelles, quando
Deos do Monte Sinay fallava á terra:
Dos immortaes o coro por ouvilla
Se callou, e cada astro no seu curso
Foi repetilla = *A' tua razão fraca*
Não te queiras render, Deos te ha creado
Para o amar, não para o comprehenderes;
Inda quando invizivel a teus olhos
Reine em teu coração, elle confunde
A injustiça, elle o erro sim perdoa,
Não o que he voluntario; os olhos abre,
O' mortal, quando a sua luz te illustre. =
Neste momento Henrique eis já se sente
De hum apressado vôo arrebatar-se,
E por hum turbilhão ser nesse espaço
Transportado para huma informe, horrenda,
Feroz habitação, do antigo Cáos

nagem horrorosa, impenetravel
os raios dos seus Sóes resplandecentes,
hefes de obra das mãos de Deos Supremo;
como elle beneficos: sobre esta
'erra horrivel, aos Anjos sempre odiosa,
Ião lançou Deos a prodiga semente
)a vida; a morte, sim, a horrivel morte,
: a confusão parece, que assentarão
eus dominios alli: Oh que clamores!
)ue gritos espantosos! que torrentes
)e fumo, e fogo! = Nestes climas (grita
ourbon) que monstros voão! que voragens
)e chammas a meus pés se vão abrindo! =
ão, filho, essas que vês do abysmo as portas
)ue a justiça fundou, e que habitado
'elo crime se vê; segue-me, Henrique,
)ue abertos estão sempre seus caminhos:
'A's portas dos Infernos (*e*) marchão logo.

(*e*) Os Theologos não tem decidido, como ar-

A escura Inveja alli se manifesta,
No olhar timida, e vesga; sobre os loiros
Sua boca se vê lançar venenos,
A luz fere seus olhos, que scintillão
Nas sombras; triste amante ella dos mortos,
Os vivos aborrece; percebendo
A Henrique, se desvia, e então suspira.
Logo se vê o Orgulho, que se queixa,
E se admira. Com pallido semblante
A Fraqueza, com os olhos abatidos,
Tyranno, que se molda com os crimes,
E as virtudes destróe. A sanguinosa
Ambição perturbada, e sem socego,
Cercada está de thronos, de sepulchros,
E de escravos. A terna Hypocrisia,
Os olhos brandos, cheios de doçura,

---

tigo de fé, que o Inferno fosse no centro da terra, alguns o tem posto no Sol; aqui se põe em hum globo destinado unicamente a este uso.

Tem no semblante o Céo, mas tem o Inferno
Dentro em seu coração. O Zelo falso
Suas barbaras maximas expondo;
E por fim o Interesse então se mostra,
Pai de todos os crimes, Pai infame.

Dos corruptos mortaes estes Tyrannos
Impetuosos, ao verem longe a Henrique,
Consternados se mostrão; já mais elles
O havião visto, nem tão impia tropa
Se avisinhou já mais a tão bella alma,
Nutrida da virtude. Quem he este
Mortal (dizião elles) conduzido
Por este Justo, e Sancto, que aqui mesmo
Nos vem perseguir nesta noite eterna?

Por entre estes espiritos immundos
O Heróe se adiantava a passos lentos
Debaixo das abobedas extensas;

He Luiz, quem o guia: = Céos, que vejo!
De Valois o assassino! A mim presente
Este monstro! Meu Pai, elle tem inda
O ferro parricida, que o conselho
Dos Deseseis lhe poz na mão infame;
Em quanto que em Pariz (*f*) os Sacerdotes
Impios ousão manchar com o seu retrato
Os sagrados Altares, e que a Liga
O invoca, Roma o exalta, aqui o Inferno,
Pelos tormentos, vejo que o reprova. =

Filho (tornou Luiz) com mais severas
Leis castigados são nestes lugares
Os Principes, e os Reis; vede esses impios,
E inhumanos, que forão adorados

(*f*) O Parricida Jacques Clemente foi louvado em Roma, na Cadeira, em que se devera pronunciar a Oração funebre de Henripue III. Em Pariz se poz a sua imagem nos Altares junto com a Eucharistia.

Em quanto vivos : sim , quanto elles erão
Mais poderosos , hoje mais se humilhão ;
Nelles castiga Deos não só os delictos ,
Que por suas mãos impias cometterão ,
Mas aquelles tambem , que não vingarão ,
E outros , que permittirão. Foi a morte ,
Quem lhes roubou das mãos essas grandezas
Transitorias , o fausto , os vãos prazeres ,
Esses aduladores mercenarios ,
Cuja mais que industriosa complacencia
A vista lhes turbava , porque occulta
A verdade lhes fosse ; hoje a verdade
Mais terriveis lhes faz os seus supplicios ;
A seus olhos presente ella lhes mostra
Todos os crimes ; vêde como tremem
A' sua voz huns taes Conquistadores
Havidos por Heróes , mas que nos olhos
De Deos só são Tyrannos , pois flagellos
Forão do mundo inteiro , que abrazado

Se vio dos seus furores ; esse mesmo
Raio , que elles vibrarão , já se volta
Contra elles , e os destróe ; alli prostrados
Junto delles estão os negligentes ,
Que o Throno envilecerão , e que forão
Fantasmas froxos. Junto aos Reis Henrique
Os seus impios Ministros já divisa ,
Sobre tudo os injustos Conselheiros ,
Que avaros corruptores dos costumes ,
E das leis , tem vendido sempre as honras
De Themis , e de Marte , e que primeiros
Puzerão sem pudôr a indignos lanços
O preço inestimavel das virtudes
De nossos Pais : Tambem nestes lugares
Estaes vós , corações fracos , e tenros ,
Que entregues ás delicias , recostados
Sobre flores , sem fel , e sem orgulho ,
Sempre em ocio passastes vossos dias
Inuteis , e nutridos na moleza !

E sereis vós aos réprobos unidos,
Vós, mortaes bemfeitores, vós amantes
Da virtude, que só por hum momento
De duvida, ou fraqueza haveis murchado
Os fructos de trinta annos de prudencia!
O generoso Henrique então não pôde
As lagrimas conter. Ah! (g) Se he verdade

(g) Os argumentos, com que Henrique IV. ataca neste lugar a Eternidade das penas infernaes, pelos prazeres momentaneos da fraqueza, são desfeitos pela reposta de S. Luiz nos seguintes versos .... nos quaes quer dizer, que se esses prazeres são culpas leves, se castigão no Purgatorio, como adverte a nota seguinte. (h) Para justificar a conducta do Eterno a respeito dos réprobos, basta lembrarmo-nos do peccado original, pelo qual nós nascemos filhos da ira por natureza, e destinados ao fogo eterno, assim como por qualquer peccado grave, que em qualquer momento se póde commetter. Deos não castiga delictos leves com penas graves; como he justo, elle sabe proporcionar os castigos ás culpas. Mas se o homem devia abusar da liberdade, porque lhe foi

(Diz elle então) que a raça dos humanos
Se ha de em chusma absorver nesta profund
Habitação de horrores. Ah! Se os dias
De huma tão triste vida, e transitoria,
De hum eterno tormento sem remedio
São seguidos, melhor não lhes seria
Não ver já mais a luz? Oh! Que ditosos,
Se nos ventres das Mãis logo espirassem,
Ou se este Deos ao menos tão severo,

---

esta concedida? Deos dando ao homem a liberdade (e que seria o homem sem ella?) constituio-o hum ente perfeito, em cujo poder estava, ou merecei pelo seu bom uso, ou sujeitar-se a infinitas desgraças pelo abuso, que della fizesse na infracção dos seus preceitos; e eis-aqui o principio da sua infelicidade. Com tudo elle julgou melhor (diz Santo Agostinho) tirar dos males algum bem, do que não permittir mal algum no Universo. = *melius judicavit de malis bona facere, quam mala nulla esse permittere.* = E que bem não foi para o Universo a Encarnação do Verbo? (*Nota do Editor*)

O grande Deos ao homem muito livre
Se dignasse roubar o desgraçado
Poder de assim lhe ser desobediente!

Não tenhaes para vós (Luiz lhe torna)
Que estas victimas tristes se castiguem
Com excesso aos seus crimes, nem que o Justo
Deos, Creador dos humanos, se gloríe
De anniquilar das suas mãos a obra;
Não, filho, elle he infinito, e o he não menos
Nas suas recompensas; as vinganças
Prodigo dos seus dons elle limita:
Embora sobre a terra elle se pinte
Exemplo de Tyrannos; Pai amavel
He, quando os filhos pune, elle adoçando
Sempre os raios está da vingadora
Mão sua; elle não sabe da fraqueza
Castigar os momentos, nem os leves
Passageiros prazeres, associados

De desgosto, e de enfado, com tormentos (*h*)
Com elle eternos, para sempre horriveis.

Disse, e logo ambos elles n'hum instante
Se passão aos lugares venturosos,
Em que habita a innocencia. Dos infernos
A escuridão terrivel já não vião,
Mas sim a luz mais pura, a claridade
Immortal: logo pois, que Henrique attende
A' bella habitação, eis de improviso
Sente, ao vêlla, espalhar-se na sua alma
Huma estranha alegria; alli os cuidados,
As paixões, não se vê que turbar possão
Os corações; alli tranquillo o gosto
As doçuras derrama. Nestes climas
Sentem todos, Amor, o teu imperio;
Não porém esse amor, que infausto inspira

(*h*) He facil, e se deve entender por este lugar, as culpas veniaes, e o Purgatorio.

A moleza, mas sim Divina chamma,
Fogo sancto, e sagrado, casto filho
Dos Céos, que sobre a terra inda se ignora;
Delle só para sempre se enchem todos
Os corações, que sem cessar desejão,
E gozão sem cessar, e que possuem
Sem pezares o gosto, sem languores
O repouso: alli vivem, alli reinão
Os bons Reis, que as idades produzirão,
Os perfeitos Heróes, os verdadeiros
Sabios; alli se vê n'hum Throno de oiro
Carlos Magno, e Clovis, velando sempre
Sobre o Imperio dos Lyrios; os maiores
Inimigos, os fortes adversarios
Reunidos todos como irmãos se portão:
O sabio Luiz XII. (*i*) entre os Monarchas
Como cedro se eleva, e as leis dispende:

(*i*) Luiz XII., he o unico Rei, que se appellidou Pai do Povo.

Quando a nossos Avós o Céo propicio
Este Rei concedeu, fez que a Justiça
Sobre o Throno com elle se sentasse;
Muitas vezes perdoou, dominou sempre
Os corações; dos olhos do seu Povo
Elle o pranto enxugou. D'Amboise (*l*) he aquelle,
Que a seus pés se divisa, fiel Ministro,
Quem só amou a França, e quem só della
Foi summamente amado; amigo terno
Do seu Rei, e que na alta dignidade
Suas mãos não manchara com rapinas,
Nem com sangue. Que bellos dias esses!
Que costumes! Que tempo perduravel
Para a memoria! O Povo era ditoso,
Cheio de gloria o Rei, os doces fructos
De suas sabias leis gostavão todos,
Reinando outro Luiz, tornai ó tempos!

(*l*) Jorge d'Amboise foi justamente estimado da França, e do Rei; porque igualmente os amava a ambos.

Mais distantes estão esses guerreiros,
Que a vida desprezarão inflamados
Do seu dever, e não da sua furia;
Clisson, (*m*) Montmorenci, (*n*) de Foix, (*o*)
(Trimouille, (*p*))
Guesclin (*q*) o destruidor, e ao mesmo tempo
O vingador dos Reis, Bayard (*r*) virtuoso,

(*m*) Clisson (o Condestavel) no reinado de Carlos IV.

(*n*) (Montmorenci) São infinitos os serviços, que esta casa tem feito ao Estado.

(*o*) De Foix (Gastão) Duque de Nemours, sobrinho de Luiz XII. foi morto na celebre batalha de Ravenna, que elle tinha ganhado.

(*p*) Gui de la Trimouille appellidado o valente he, quem aqui se teve em vista.

(*q*) O Condestavel du Guesclin, salvou a França no reinado de Carlos V., conquistou Hespanha, e collocou Henrique de Transtamara sobre o Throno de Pedro cruel, razão porque foi ao mesmo aempo Condestavel de Castella.

(*r*) Bayard (Pedro du Terrail) chamado o Cavalleiro sem medo, e sem nota. Elle armou Francis-

E vós brava Amazona, (s) dos Inglezes
A vergonha, do throno o apoio firme.

Os Heróes (diz Luiz) que aqui estás vendo
Nos Céos, tem, como tu, da terra os olhos
Apartados; amavel lhes foi sempre,
Como a ti, a virtude; mas da Igreja
Elles bons filhos sua Mái prezarão;
Delles o coração simples, e docil,
Estimava a verdade, em fim seu Culto
Era o meu, que tu sem razão deixaste.

Dizendo enternecido estas palavras,
Se apresenta o Palacio dos Destinos
Diante delle; elle faz marchar Henrique

---

co I. Cavalleiro na batalha de Marignan, e foi morto em 1523. na retirada de Rebec em Italia.

(s) Joanna do Arco conhecida pelo nome de Donzella d'Orleans.

estes muros sagrados, e cem portas
)e bronze ás suas vistas então se abrem.

Com hum vôo insensivel diligente
tempo sem cessar já se retira,
á volta a este Palacio portentoso,
dahi sobre a terra elle ás mãos cheias
ança os bens, lança os males, que aos humanos
e destinão; sobre hum Altar de ferro
'um livro mysterioso do futuro
'oda a historia contém irrevogavel:
mão do Eterno nelle ha signalado
lossos desejos, nossas sempre tristes
fflições, nossos fracos, vãos prazeres,
liberdade alli se vê captiva
or inviziveis laços prisioneira;
ebaixo de hum desconhecido jugo,
)ue ninguem quebrar póde, sujeitalla
abe o Supremo, sem que a tyrannize;

A's Leis Divinas tanto mais ligada,
Quanto a sua cadeia he para sempre
A seus olhos occulta; submettida,
He por sua eleição ainda assim mesmo
Quanto ella faz, e muitas vezes pensa
Dar as leis, e preceitos aos destinos.

Cáro filho, he d'alli (Luiz lhe adverte)
Que a graça faz sentir aos homens todos
Seu favor efficaz; destes lugares
Sagrados algum dia partir deve
O raio vencedor; esse, que abraze
Teu forte coração: mas tu não podes
Differir, apressar, nem menos, filho,
Conhecer os momentos estimaveis,
De que he Deos só Senhor. Mas quanto longe
Inda os tempos estão! Esses ditosos
Tempos, em que serás tu numerado
Entre os filhos de Deos! O' quantas deves

Passar inda fraquezas vergonhosas!
Quanto tens de andar inda nos caminhos
Do engano! Eterno Deos, os dias deste
Grande Rei diminue, pois são dias,
Quando de ti o apartão, desgraçados.

Mas que turba se apressa nestas vastas
Estancias? sem cessar a todo o instante
Ella entra, e sabe. Vós vedes (Luiz responde)
Meu filho, nesta habitação sagrada
Os rectratos dos homens, que algum dia
Devem nascer. Dos seculos futuros
Estas vivas imagens representão
Os lugares unidos, as idades
Adiantadas; dos homens certamente
Os dias todos, inda que contados
Antes dos tempos, são (ó filho) aos olhos
De Deos sempre presentes. O destino
Aqui signala o instante, em que elles devem

Nascer no mundo ; de huns o abatimento,
A grandeza dos outros, as diversas
Mudanças á fortunas vinculadas,
Seus vicios, ou virtudes, suas mortes.

Cheguemo-nos ; o Céo te ha permittido
O conhecer os Reis, e Heróes, que hum dia
De ti hão de nascer : esse primeiro
Que apparece, he teu filho augusto, aquelle,
Que ha de bem sustentar por muito tempo
Toda a gloria dos Lyrios ; sim, do Belga,
E do Ibéro o verá triunfante o mundo,
Mas nunca igual ao Pai, nem a seu filho.

Descobre Henrique então por entre as flores
De Lys dois homens cheios de arrogançia
Junto ao Throno sentados ; tem debaixo
De seus pés todo hum Povo atado, e prezo ;
Da Purpura Romana revestidos

ão ambos; elles guardas, e soldados
'em á roda de si. Henrique attende-os
'omo a Reis. Não te enganas (Luiz prosegue)
lles o são sem terem já mais disso
) titulo. Do Principe, e do Estado
mbos arbitros são, Richelieu esse,
st'outro Mazarin, Ministros ambos
mmortaes, até o Throno conduzidos
)a sombra dos Altares; da fortuna
ilhos, e da politica; são elles,
)s que ao poder dispotico marchando
ráo a grandes passos; será grande
ichelieu, e sublime, ao mesmo tempo
iimigo inplacavel: recto, e brando
Iazarin, mas amigo perigoso;
Ium com arte fugindo, (*t*) cede ao forte

(*t*) O Cardeal Mazarin foi obrigado a sahir do
.eino em 1651. contra a vontade da Rainha Re-
ente, a quem elle governava: mas o Cardeal Re-
helieu se conservou sempre, a pezar dos seus ini-

Da tormenta ; outro ás ondas irritadas
Oppõe todas as forças ; inimigos
Declarados dos Principes famosos
Do meu sangue , do Povo aborrecidos ,
E admirados ; em fim , pela violencia ,
E pela industria aos Reis seus Amos uteis ,
Quando á Patria crueis. O' tu , que és menos
Poderoso do que elles , menos vasto
Nos teus designios ; tu , que no segundo
Lugar és o primeiro entre os humanos ;
Colbert , (*u*) sobre teus passos a ditosa
Abundancia , dos teus trabalhos filha ,
Toda a França enriquece ; tu , de hum Povo ,

---

migos , e do mesmo Rei , que estava delle desgostoso.

(*u*) O Povo , esse monstro feroz , e cégo , detestava o grande Colbert até o ponto de querer desenterrar o seu corpo ; porém a voz dás gentes cordatas , que prevê ao longe , tem feito a sua memoria para sempre amavel , e cheia de respeito.

rdente em te ultrajar, bemfeitor sempre,
om fazello feliz he que te vingas;
milhante ao Heróe, ao confidente
e Deos, o qual apreço das blasfemias,
utrio sempre os Hebreos, inda que ingratos.

Que pomposo montão de escravos vejo
e joelhos aos pés de hum Rei, (x) que a todos
iz tremer! Que respeitos! Que honras! Nunca
ei algum costumou já mais na França
tão grande obediencia os seus vassallos:
ı o vejo animado pela gloria,
omo vós, e melhor obedecido,
ais temido, e talvez menos amado:
ı o vejo provando mui diversas
rtunas, nas emprezas sempre forte,
onstante nas desgraças, desprezando

(x) Luiz XIV.

Tanto esforço violento, com que o investem
Vinte Povos ligados; admiravel
Na sua vida, mas maior na morte:
Seculo de Luiz afortunado!
Seculo, que promette a natureza
Encher dos dons melhores sem medida;
Es tu, que as boas artes pela França
Vás levar: tudo vai daqui em diante
Sobre ti dirigir as suas vistas;
As Musas para sempre o seu imperio
Alli firmão; então se anima a teia,
E o marmore respira. Oh quantos sabios
Eu vejo, que alli juntos (y) nos excelsos
Lugares o Universo estão medindo,
E lendo pelos Céos! Na escura noite
Levão a luz, e então da natureza
Penetrão todo o fundo; á vista delles

(y) A Academia das Sciencias, cujas memorias são estimadas de toda a Europa.

O erro presumido se desterra,
A duvida os conduz para a verdade:
E tu, filha do Céo, tu, poderosa
Harmonia, das artes a admiravel,
Que a Grecia, e Italia illustras, teu estylo
Encantador eu oiço em toda a parte,
E os teus sons soberanos, que dominão
O coração, e ouvido. Vós Francezes,
Quando venceis, cantaes vossas conquistas;
Já mais haverão loiros, que não cubrão
Vossas cabeças; sim, eu nestes climas
Vejo hum Povo de Heróes, que vai nascendo;
Eu vejo os Bourbons todos, que se apressão
Aos combates; por entre horrendos fogos
Vejo vir a Condé, (z) Condé valente

(z) Luiz de Bourbou, chamado communmente o grande Condé, e Henrique Visconde de Turenna, são respeitados como os maiores Capitães do seu tempo. Ambos ganharão grandes victorias, e

Já o terror, já o apoio de seu Amo.
Turenna de Condé rival augusto,
Menos brilhante sim, porém mais sabio,
E ao menos seu igual. Por huma rara
União Catinat (*a*) junta os talentos
De guerreiro ás virtudes de prudente.
Este que assim sustenta os nossos muros
Com seu braço he Vauban; (*b*) he das virtudes,

---

adquirirão gloria ainda mesmo nas suas derrotas. O genio do Principe de Condé parecia, segundo se tem dito, mais proprio para hum dia de batalha, e o de Monsieur de Turenna para toda huma campanha.

(*a*) O Marechal de Catinat ganhou as batalhas de Stafard, e de Marsaille, e obedeceu depois como subalterno ao Marechal de Villeroi, que lhe enviava as ordens sem o consultar. Deixou voluntariamente o commando, não se queixou nunca de ninguem, nem pedio nada ao Rei, morrendo como Philosopho em huma pequena casa de campo.

(*b*) O Marechal de Vauban foi o maior Engenheiro, que tem havido; fortificou, segundo o seu methodo, 300 Praças antigas; edificou 33 de no-

: das artes o amigo. Esse invencivel
Ja guerra, se na Corte desgraçado,
Ie Luxembourg, (*c*) que faz tremer o Imperio,
: a Inglaterra dá susto. Em Denain vede
) attrevido Villars, (*d*) que assim ás Aguias

); conduzio 53 sitios; e achou-se em 140 acções. ra socio da Academia das Sciencias, e a honrou ais, que nenhum outro, fazendo servir as Maematicas em a vantagem da sua Patria.

(*c*) Francisco Henrique de Montmorenci, que toou o nome de Luxembourg, Marechal de França, uque, e Par; ganhou a batalha de Cassel debaixo is ordens de Monsieur irmão de Luiz XIV., e alinçou como Chefe as famosas victorias de Mons, : Fleurus, de Steinkerke, e de Nerwinde. Conistou Provincias ao Rei, e sendo prezo da Bastia, recebeu mil desgostos dos Ministros.

(*d*) O Marechal Duque de Villars ganhou a balha de Fiedlingue, e a do primeiro Hoctehs, deois deu a famosa de Malplaquet, na qual morreo vinte mil inimigos, e só se perdeu depois do arechal ser ferido. Em 1712 derrotou em Denain) Principe Eugenio.

Dos Cezares disputa o trovão forte,
Arbitro em fim da paz, que segue logo
A' victoria, do Rei digna columna,
Digno rival de Eugenio. Que mancebo (*e*)
Principe he este, em quem a Magestade
Sobre seu rosto amavel resplandece
Sem fereza? De hum olho de indifferença
Elle respeita o Throno. O' Céos! Que noite
Repentina a meus olhos pois o cerca!
A morte em torno delle sem demora
Vôa, e corre; elle cahe aos pés do Throno
Já proximo a occupallo. Vós, meu filho,
Estais vendo o mais justo dos Francezes,
Que os Céos do vosso sangue magestoso
Formarão. Grande Deos, vós aos humanos
Só dais a ver a flor tão passageira,
Obra das vossas mãos! Que não emprehende

(*e*) O Duque de Borgonha falecido.

ıh! esta alma virtuosa? A França toda
)' quanto feliz he em seu reinado!
llle entretem a paz, nutre a abundancia,
eus dias conta pelos beneficios,
ma o seu Povo em fim. O' dias cheios
)e susto, e de temor! Que triste pranto
s Francezes inunda, quando admirão,
ebaixo de huma mesma campa juntos,
consorte, e a mulher, a Mãi, e o filho!

Hum fraco ramo (*f*) sahe d'entre as ruinas
'esta arvore fecunda dissipada
elas suas raizes; ao sepulchro
s filhos de Luiz descidos deixão
' França hum só Monarcha inda no berço,
ragil, doce esperança de hum Estado
acilante. Mas tu, Fleury prudente,

(*f*) Este Poema foi composto na menor idade
Luiz XV.

Vigiarás a sua tenra infancia,
Serve de guia aos seus primeiros passos,
Cultiva á tua vista do mais puro
Do meu sangue o deposito precioso:
Soberano que elle he, a conhecer-se
Tu lhe ensina; que saiba como he homem
Em se vendo que he Rei, que sendo amado
De seus subditos, seja aos olhos delles
Táo bem caro; que aprenda, que he nascido;
E que he Rei só para elles; torna ó França,
Torna á tua primeira Magestade
Com hum tal Rei; destróe a triste noite,
Que a tua luz cubria; as artes promptas
A fugirem te vem coroar de novo
Com suas uteis máos; já se pergunta
Nas profundas cavernas do Oceano,
Que he dos teus pavilhões, que tremolavão
Sobre as ondas? Do Nilo, sim, do Euxino,
Da India, e dos seus portos o commercio

Te chama, e te descobre os seus thesoiros;
Mantem a paz, e a ordem, sem que busques
As victorias; com tanto que te faças
Arbitra das Nações, he mui bastante,
O' França, á tua gloria; o seres dellas
Terror, e espanto, muito te ha custado.

Junto a este Rei moço já se avança
Com esplendor o Heróe, (*g*) que assim de longe
A calumnia persegue; não he fraco,
Facil, ardente sim, cheio de genio,
Muito dado aos prazeres, muito amigo
De novidades, elle revolvendo
O Universo do seio dos deleites,
Por artifices novos, com bem destra
Politica suspensa tem a Europa,
Dividida, e tranquilla; esclarecidas

(*g*) Verdadeiro retrato de Filippe Duque de Orleans, Regente do Reino.

As artes são por sua vigilancia ;
Nascido para todos os empregos ,
Tem todos os talentos , os de hum Chefe ,
De hum soldado , de hum cidadão perfeito ,
E de hum Rei magestoso ; elle , meu filho ,
Não he Rei , mas ensina a sello a todos :
Em huma tempestade então no meio
Dos relampagos vê-se ao ár erguido
O estendarte da França ; diante delle
De Hespanhóes huma tropa bellicosa
Das Aguias dos Germanos destroçava
A soberba cabeça. O' Pai ! Que novo
Espectaculo he este ? Tudo muda
(Diz Luiz) tudo tem seu fim na terra ;
Adoremos do Altissimo a escondida
Sciencia : do poderoso Carlos Quinto
A raça se encurtou ; a Hespanha agora
Nos vem pedir os Reis : he hum dos nossos
Sobrinhos , que lhes vai dar leis. Filippe . . .

A este objecto Henrique fica preso
Na doce suspenção, e nos transportes
Da alegria; modéra (Luiz prosegue)
O' filho, esse primeiro movimento,
Grandes successos deves temer inda;
Do seio de Pariz hoje recebe
Madrid hum Rei, talvez que perigosa
Esta honra a ambos seja. O' Reis, que vindes
Do meu sangue! O' Filippes! O' meus filhos!
França, Hespanha, ó pudesse para sempre
Ver-vos eu congraçadas! Até quando (*h*)
Infelices politicos os fachos
Accendereis das publicas discordias?

Assim fallou: Henrique de improviso
Não veio mais, do que hum vão ajuntamento
De mil coisas confuzas; eis as portas

(*h*) No tempo, em que isto se escreveu, o ramo de França, e o de Hespanha estavão desunidos.

Do Templo dos Destinos se fecharão,
E dos Céos as abobedas luzentes
Da sua vista logo se esconderão.

Com a face vermelha a Aurora em tanto
O Palacio do Sol no Oriente abria;
A noite a outros lugares os escuros
Véos levava; indo já de volta os sonhos
Fugião com as sombras. Despertando
O Heróe, entra a sentir dentro em seu peito
Estranha, e nova força, ardor Divino:
Susto, respeito o seu olhar inspira;
Deos a seu rosto enchera de huma sancta
Magestade; bem como lá no Monte
Sinay se vio, que o vingador dos Povos
De Israel, tendo o Eterno consultado,
A seus pés os Hebreos depois por terra
Cahidos, não puderão de seus olhos
Supportar a brilhante claridade.



CANTO VIII.

ARGUMENTO.

O Conde de Egmont vem da parte do Rei de Hespanha soccorrer a Mayenne, e os da Liga. Batalha de Ivry, na qual Mayenne foi destroçado, e Egmont morto. Valor, e clemencia de Henrique o Grande.

A Confusa Assembléa dos Estados
Em Pariz tinha já perdido o orgulho,
De que ella blazonava; só ao nome
De Henrique amedrontados os da Liga,
Parecia esquecerem-se do intento
De fazerem hum Rei; ninguem podia
Deter-lhes o furor, inda que incerto,
E nunca se attrevendo a dar a Coroa,
Nem tiralla a Mayenne, por Decretos
Vergonhosos, e vís, lhe confirmarão
Cargo, e poder, que a si elle arrogára.

Este lugar Tenente sem ter Chefe, *(a)*
Sem diadema este Rei, tem hum partido,
Que o poder lhe confere assás supremo:
Eis de hum Povo obediente já se acclama
Defensor, e esse mesmo Povo jura
Por elle combater, morrer por elle.
De huma nova esperança lisonjeado
Chama a Conselho os Chefes orgulhosos,
Vingadores, que são da sua causa,
Os Lorenas, *(b)* Nemours, *(c)* Canillac,
(Châtre, *(d)*)

(*a*) Elle se fez declarar pelo Parlamento, que lhe era affeiçoado, lugar Tenente General do Estado, e Rei de França.

(*b*) O Cavalheiro d'Aumale, em que já se fallou, e seu irmão o Duque erão da casa de Lorena.

(*c*) Carlos Manoel, Duque de Nomours, irmão uterino do Duque de Mayenne.

(*d*) Châtre era hum dos Marechaes da Liga.

Brissac, (e) S. Paulo, (f) e o inconstante
(Joyeuse; (g))
Elles vem: a fereza, o orgulho, a ira,
A desesperação em seus semblantes
Se deixarão pintar. Alguns tremendo,
Seus passos parecia, que levavão
Enfraquecidos pelo muito sangue,
No estrago dos combates derramado:
Mas esse mesmo sangue, esses combates,
Suas feridas, são os que os excitão
A vingarem tambem suas injurias:
Todos se vem dispôr junto a Mayenne,
Com o ferro na mão todos lhe jurão

(e) Brissac tinha abraçado o Partido da Liga estimulado de Henrique III. haver dicto, que elle não era bom, nem para a terra, nem para o mar.

(f) S. Paulo, soldado de fortuna feito Marechal pelo Duque de Mayenne.

(g) Joyeuse he o mesmo, de quem se fallou no Canto IV.

Vingança. Tal se vio no alto do Olympo,
Nos campos da Thessalia a tropa impia
Desses filhos da Terra amontoando
Rochedos, e com loucas esperanças
Pertender insensata com ameaços
Subir aos Céos, a desthronar os Deoses.

Huma nuvem rompendo de improviso
A Discordia, em hum carro luminoso
Se lhe apresenta: = Animo Francezes
(Lhes diz ella) o soccorro he já chegado;
Cidadãos he agora, que he preciso
Ou vencer, ou morrer. Então d'Aumale
He o primeiro, que a tal noticia se ergue;
Elle corre, e diviza ao longe virem
As lanças Hespanholas; elle grita
= Eis-aqui o soccorro ha tanto tempo
Por nós pedido, e sempre demorado.
Amigos, a Austria em fim ha soccorrido

França = Assim fallou: eis já Mayenne
avança ás portas; o soccorro nobre
›parecia então nesses lugares
:speitosos, que aos tumulos egregios
›s nossos Reis a morte ha consagrado:
ıs armas scitillantes o conjuncto
›rmidavel, o ferro reluzente,
oiro, a prata, as lanças que brilhavão,
; Cascos, os Arnezes, e o pomposo
›parato nos campos desafião
› Sol os mesmos raios: corre em chusma
Povo todo alegre a recebello;
ão mil vivas ao Chefe portentoso,
ıe Madrid lhes anvia: era este o bravo
ancebo Egmont, (*h*) guerreiro que foi sempre

(*h*) O Conde de Egmont, filho do Almirante de
ɡmont, que foi degolado em Bruxellas com o
incipe de Horn. O filho havendo ficado no Par-
lo de Filippe II., Rei de Hespanha, foi enviado
ı soccorro do Duque de Mayenne na testa de 1800
›mens.

Obstinado, ambicioso, e injusto filho
De hum desgraçado Pai; nos altos muros
De Bruxellas a vida ha recebido;
Seu Pai, a quem cegou o amor da Patria,
Morreu constante sobre o cadafalso,
Por querer defender vossos direitos,
Infelices Flamengos, opprimidos
Dos vossos Reis; o filho vós o vistes
Hum froxo cortezão, hum temerario
Guerreiro a mão beijar por muito tempo,
A mão, que perecer seu Pai fizera;
Do seu Paiz aos damnos ha servido,
Perseguio a Bruxellas, e em soccorro
Hoje vem de Pariz. Filippe o envia
Como hum Deos tutelar; elle, e Mayenne
Crêrão levar de volta ás tendas regias
De Henrique o assombro, as iras, e a carnagem.
O temerario orgulho accompanhava
Seus passos. Grande Rei, com que alegria

) apressavas tu o doce instante
hum combate, onde todos os destinos
triste Estado unidos já se vião!

unto ás margens do Iton, (*i*) e das ribeiras
Euro, hum campo ha feliz, que fora sempre
ımor da natureza: a guerra havia
verenciado ha tempos os thesoiros,
m que estas margens bellas adornavão
Zefiros, e Flora: alli os Pastores
seus dias passavão bem tranquillos,
meio dos horrores das discordias;
.o Ceo protegidos, satisfeitos
serem pobres, elles parecião
sprezar dos soldados a cobiça;

(*i*) Em huma planice entre o Iton, e o Euro
, que se deu a batalha de Ivry em 14 de Março
1590.

Debaixo das cabanas defendidos
Dos sustos, não ouvião dos tambores,
Nem das armas o ruido. A estes lugares
Chegão pois os dois Campos inimigos;
Marcha a desolação diante delles
Por toda a parte: as aguas do Iton, e do Eur
Se espantarão; nos bosques já se occulta
Cheia de horror a tropa dos Pastores
Juntamente co'as tristes companheiras,
Em seus braços os filhos soluçando.

Afflictos habitantes destas margens
Cheias de espanto, ao vosso Rei ao menos
Essas, que assim verteis lagrimas tristes
Não queirais imputar: elle se busca
Os combates, a paz busca sómente:
Póvos, a sũa mão mil beneficios
Ha de em vós derramar: os vossos males
Finalizar pertende; elle vos ama,

e vós se compadece, neste dia
spantoso peleja por vós mesmos.

Sabe Henrique prezar quaesquer iustantes;
toda a parte corre sobre hum bruto
ogoso, mais ligeiro do que os ventos,
ue soberbo do pezo, que em si leva,
erindo com as mãos a terra, e o campo,
esafia os perigos, chama a guerra.
ião-se junto delle os valerosos
ompanheiros, que são da sua gloria,
ingidos de seus loiros; d'Aumont (*l*) forte,
ue debaixo do mando militado
inha de cinco Reis; Biron (*m*) Grão Mestre,

(*l*) João d'Aumont, Marechal de França, que
orou maravilhas na batalha de Ivry, era filho de Pe-
ro d'Aumont, Gentil homem da Camara, e de
rancisca de Sully, herdeira desta antiga Casa. Elle
rvio os Reis Henrique II., Francisco II., Car-
s IX., Henrique III., e IV.

(*m*) Henrique de Gontaud de Biron, Marechal de
rança, Grão Mestre da Artilharia, era hum grande

Cujo nome bastava a dar espanto;
Carlos (*n*) seu filho, moço ardente ainda,
Impetuoso, que foi depois . . . . mas elle
Tinha então mais virtude. Alli se achaváo
Sully (*o*), Nangis (*p*), Grillon (*q*), todos do crim

---

homem de guerra. Commandava em Ivry o corpo d reserva, e concorreu para o vencimento da batalh accommettendo com resolução ao inimigo. Elle disse a Henrique o Grande, depois da victoria = Senhor vós fizestes, o que devia fazer Biron, e Biron o que devia fazer o Rei = Morreu de hum tiro de canhão no sitio de Epernay em 1592.

(*n*) Carlos Gontaud de Biron, Marechal, Duque, e Par, filho do precedente, conspirou depois contra Henrique IV., e foi degolado na Bastilha em 1602.

(*o*) Rony depois Duque de Sully, Superintendente das Finanças, Grão Mestre de Artilharia, feito Marechal de França, depois da morte de Henrique IV., recebeu sete feridas na batalha de Ivry.

(*p*) Nangis, homem de hum grande merecimento, e de huma verdadeira virtude, aconselhou a Henrique III., de não fazer assassinar o Duque de Guiza, mas de ter o valor de o julgar segundo as leis.

(*q*) Grillon, chamado o Bravo, offereceu-se a

imigos, a quem detesta a Liga,
uando mesmo os estima. O valeroso
urenna (r), que depois do Grão Ducado
e Bouillon mereceo ter o dominio
m Sédan; infeliz dominio, logo
ue creado, destruido por Armando.
ssex com esplendor no meio delles
e deixa ver, tal como nas florestas
undulante Palmeira aos nossos Olmos
Iais frondosos unindo a sua altura,
Iostra ensoberbecer-se, só pela ástea
stranha, com que se ergue: scintillava

Ienrique III., de combater contra o Duque de
Guiza.

(r) Henrique, Visconde de Turenna, casou com
Princeza de Sédan, mas seu filho Frederico, Du-
ue de Bouillon, havendo entrado na conjuração
ontra Luiz XIII., ou melhor contra o Cardeal
Richelieu, para haver de salvar a vida, largou a
Sédan.

O seu Casco c'os fogos mais luzentes,
Onde o oiro, e os diamantes á porfia
Se expunhão, cáros dons, prendas preciosas
Com que a sua Rainha havia honrado
Seu valor, ou talvez sua ternura..
Vós, ambicioso Essex, ao mesmo tempo
Sois da vossa Rainha o amor mais grato,
E a columna dos Reis. Mais longe distão
Clermont (*s*), Trimouille (*t*), e o infeliz de
(Nesse,)
Feuquieres, e o ditoso Lesdiguieres (*u*);
D'Ailly, aquelle, a quem foi este dia
Dia funesto. Todos estes fortes

(*s*) Balsac de Clermont morreu na batalha de Ivry.

(*t*) Claudio, Duque la Trimouille, achou-se na batalha de Ivry. Feuquieres, e de Nesse Capitães de 50 homens, ahi forão mortos tambem.

(*u*) Nunca homem algum mereceo melhor o titulo de feliz, que Lesdiguieres, pois começando por simples soldado chegou a Condestavel no reinado de Luiz XIII.

róes juntos aguardão tão sómente,
ie o signal se lhes dê ; do Rei ao lado,
m no seu rosto de hum triunfo certo
esperança, e o presagio venturoso.

Mayenne em tanto inquieto, consternado,
entro em seu coração, cheio de sustos,
isca em vão a virtude ; seja que elle
injustiça prevê do seu Partido,
não crê, que propicio o Céo se mostre
's suas armas ; seja com effeito,
ue em su' alma os presentimentos tope
recursores dos grandes infortunios :
omo Heróe quiz porém Senhor fazer-se
esta sua fraqueza ; disfarçava
sua turbação debaixo de huma
legria apparente : elle se excita,
lle se apressa, e inspira aos seus guerreiros
esperança, de que elle mesmo he falto.

Junto a elle d'Egmont cheio da altiva
Confiança, que em hum juvenil peito
Faz nascer a imprudencia, já impaciente
De exercitar o seu valor egregio,
A demora accusava de Mayenne
Irresoluto. Tal o bom Ginete,
Do centro de hum vergel delicioso,
Nos campos lá da Thracia apenas ouve
Soár o clarim forte, que lhe excita
O valor, quando logo inquieto, indocil,
De hum bellicoso fogo todo cheio,
Da soberba cabeça erguendo as clinas
Movediças, saltando sobre a herva,
Parte impaciente, e pelo freio vôa;
Tal parecia Egmont: hum furor nobre
Arde em seu peito, e brilha nos seus olhos;
Com a gloria, que já suppõe vir perto,
Se entretem; elle crê, que o seu destino
Lhe commanda a victoria. Ah! que elle ignora,

ue o seu fatal orgulho lhe prepara
as planices de Ivry a sepultura.

Para os da Liga em fim o grande Henrique
avança, aos seus dizendo (que inflamados
ão da sua presença) = Vós nascestes
rancezes, vosso Rei eu sou, são estes
)s vossos inimigos, marchai, vinde,
segui-me, sem que ainda no mais forte
)a tormenta percais já mais de vista
) brilhante penacho, que fluctua
obre a minha cabeça; vós, amigos,
'ela estrada da honra o vereis sempre =
sto o Rei pronunciando, qual se fosse
já vencedor, de hum novo ardor as tropas
Elle vê inflammadas; e invocando
O Senhor dos Exercitos, já marcha.

Sobre os passos ligeiros dos dois Chefes

Ao mesmo tempo então dos dois Partidos
Vôão os combatentes. Assim como
Quando dos montes, pelo grande Alcides
Separados, os Aquilões fogosos
Sahem de hum vôo rapido, e movidas
Subitamente as ondas dos dois mares
Profundos, até os ares se levantão
Com hum choque impetuoso. A terra ao longe
Entra em gemidos, foge a luz do dia,
O Céo troveja, e o Africano em sustos
Do mundo teme a proxima ruina.

Reunido ao mosquete o sanguinoso
Estoque, leva a morte já dobrada
De ambas as partes. Foi antigamente,
Que o demonio da guerra ha inventado
Em Bayonna, por despovoar a terra,
Est'arma cruel; ajunta ao mesmo tempo
Quanto o Inferno em si tem de mais terrivel,

fogo, e o ferro, delle digno fructo.

Baralhão-se, combatem; o artificio,
valor, os clamores, o tumulto,
pejo de ceder, a céga ira,
medo, a ardente sêde só de sangue,
desesperação, em fim a morte
fileira em fileira vão passando.
partido contrario hum o parente
rsegue: alli o irmão, fugindo, morre
mãos do irmão. Tremeu a natureza,
a espantosa ribeira se innundava
m á custa do sangue desgraçado.

Por multidões de lanças aguçadas,
batalhões de sangue todos tinctos;
tropas arruinadas rompe Henrique,
arremeça, se avança, e faz caminho.
gue-o o grande Mornay sempre pacato,

Sereno sempre; junto ao Rei vigia,
Qual poderoso Genio, assim nos campos
De Phryhia se fingiáo n'outro tempo,
Os motores perpetuos lá dos Astros,
E da terra, envolvidos nos combates
Debaixo dos vestidos dos guerreiros;
Os quaes esses Ministros espantosos
Do verdadeiro Deos, as Potestades
Dos Céos, os entes mesmos impassiveis,
Cercados dos relampagos, dos raios,
E dos ventos, com hum semblante sempre
Inalteravel, movem o Universo:
De Henrique elle recebe todas essas
Rapidas ordens, da alma movimentos
Intrepidos, que mudáo o combate,
E fixão o destino: de improviso,
Aos Chefes das legiões elle as transporta,
O Official as recebe. As impacientes
Tropas, ao som da sua voz regulão

›edientes as iras; se dividem,
reunem, e em diversos corpos marchão;
ım espirito só prezide a tantas
aquinas, e tão vastas. Mornay torna
› Principe, elle o escolta, elle o acompanha;
›m a voz lhe desvia muitos golpes,
ıe lhe erão dirigidos; mas ás suas
ãos estoicas já mais permittir póde,
ıe se manchem do sangue dos humanos
felices; sua alma he occupada
› seu Principe só, por defendello
nicamente a espada elle ha tirado,
aos combates o seu valor adverso,
be affrontar a morte, e não quer dalla.

De Turenna o valor insupportavel
ınha já de Nemours a tropa em fuga,
atterrada. D'Ailly por toda a parte
eva a morte, e o temor; d'Ailly, que conta

Trinta annos de combates, que de novo,
Nos horrores da sanguinosa guerra,
Torna, a pezar da idade, a ter esforços:
A seus golpes fataes hum só guerreiro
Se oppõe, hum juvenil Heróe valente,
Que na flor de seus annos nesta illustre
Mortifera jornada, deu principio
A' carreira fatal de seus combates.

De Himyneo inda terno elle provava
Apenas os encantos; e assistido
Dos amores, sahia dos seus braços:
Corrido de não ter tambem mais fama,
Que a de suas caricias, desejoso
De gloria, elle aos perigos já se entrega.
A sua cára esposa neste dia,
Accusa o Céo, a Liga detestando,
E o combate mortal; ella mesma arma
O delicado amante, e tristemente

om a tremula máo ella lhe prende
pezada coiraça; envolta em pranto,
om hum casco precioso em fim lhe cobre
lindo rosto, amavel a seus olhos.

No seu furor guerreiro a d'Ailly parte
r entre os turbilhões de pó, de fogo,
elo meio dos corpos já sem vida,
e outros feridos inda agonizando:
s fogosos ginetes de ambos ficão
ogo alli traspassados; ambos elles
bre a relva abatida, e ensanguentada,
onge dos esquadrões, já se accomettem
om impeto seguro; o sangue os tinge,
obre-os o ferro, e as lanças na mão tendo,
e hum formidavel choque de improviso
lles se abatem; ressoou a terra,
s lanças se quebrarão; assim como,
m hum Céo abrazado, duas nuvens

Funestas, que o trovão trazendo, e a morte
Em seus seios, se encontrão lá nos ares,
E vôão sobre os ventos; da união fea
Os relampagos saltão, alli formão
Os raios, que os mortaes tanto estremecem.

Por hum subito esforço intentão logo
Estes dois infelices outra morte;
Já brilha em suas mãos o duro alfange:
A Discordia alli corre em continente;
O demonio da guerra, a sanguinosa
Pallida morte estavão a seus lados:
Suspendei infelices esses vossos
Precipitados golpes! Hum destino
Porém fatal seus animos inflamma:
No coração hum do outro dar passagem
Aos estoques procurão, sim, n'aquelle
Coração inimigo, que lhes era
Desconhecido: o ferro, que os cobria,

ısilando se vai fazendo em lascas,
; coiraças, aos golpes espantosos,
intillão, salta o sangue, que lhes tinge
; mãos tyrannas: os escudos fortes,
os cascos, a violencia moderando,
guns golpes desvião, e repulsão
um pouco a morte; confundidos ambos
e tanta resistencia, respeitava
ada hum o seu rival, e a valentia
o seu contrario: em fim d'Ailly o velho,
e hum golpe desgraçado, a seus pés lança
excellente guerreiro; estes seus olhos
echa á luz para sempre; junto a elle
ai rolando o seu casco sobre a terra;
'Ailly vê o seu rosto; O' grito! O' pasmo!
' desesperação! Que terno o abraça!
h que elle era o seu filho! Elle o conhece.
desditoso Pai tendo banhados
m lagrimas os olhos, dirigia

Contra seu peito as parricidas armas;
Suspende-se porém, oppõe-se ao justo
Furor seu, e tremendo, parte, e deixa
Hum lugar, que de horrores só lhe serve;
Detesta para sempre a sua iniqua
Victoria, renuncia a Corte, os homens,
A sua mesma gloria; e então fugindo
Ao centro dos desertos, sua pena
Nos confins do Universo esconder busca.
Alli, seja que o Sol a luz ao mundo
Restitua, ou seu curso a acabar chegue
Lá no seio das ondas, elle aos écos
Enternecidos repetir fazia
O nome, o triste nome de seu filho
Desgraçado. Do Heróe, que já não vive,
A juvenil esposa, a fiel amante,
Pelo terror levada, incerta, e toda
Tremendo, vem com passos pouco firmes
Sobre as margens funestas; ella busca,

: , reflecte na multidão de mortos,
ıcontra o seu esposo, e de improviso
ısfalecida cahe; o véo da morte
n seu rosto se estende. E's tu, ó caro! ....
tas vozes assim interrompidas,
tes gritos então meios formados
ão são ouvidos; ella lhe abre os olhos,
om os ultimos osculos lhe aperta
boca desmaiada, aquella boca
ue inda adora; nos braços toma o corpo
llido, e ensanguentado, olha para elle,
ıspira em fim, e abraçando-o morre.

Pai, esposo infeliz, triste familia,
o furor destes tempos lamentavel
xemplo; possa pois deste successo
terrivel memoria excitar sempre
iedade em nossos ultimos sobrinhos,
rrancar de seus olhos proveitosas

Lagrimas, e que nunca elles imitem
De seus Pais os mortiferos delictos.

Porém quem faz fugir assim dispersos
Os da Liga? Que Heróe, ou que Deos forte
A todos ha destruido? He Biron, esse
Mancebo, cujo esforço havia feito
Por entre batalhões feliz passagem.
D'Aumale os vê fugir, e ardendo em ira,
= Detende-vos, voltai . . . onde assim fracos
Correis? E vós, fugís? Vós companheiros
De Mayenne, e de Guiza? Vós, que tendes
O dever de vingar Pariz, e Roma,
De defender a Igreja? Não, segui-me,
Vossa antiga virtude a vós se torne;
Se combateis á sombra de d'Aumale,
Vencereis certamente = Soccorrido
De Beauveau, de Fosseuse sem demora,
E do feroz S. Paulo, e inda de Joyeuse,

ıntão de novo as tropas divididas,
ue elle marchando anima, só com verem
o seu rosto o esplendor: eis a fortuna
orna a chegar com mais ligeiros passos.
om hum valor intrepido sustenta
m vão Biron o curso arrebatado
a fogosa torrente; elle espirando
ê junto a si Feuquieres; Parabére
a multidão dos mortos vê cahindo,
ésse, Clermont, d'Angenne, todos estes
em já mordido a terra; Biron mesmo,
erido a tantos golpes, está quasi
endendo a vida. Assim, Heróe valente,
evias acabar, porque huma morte
loriosa, huma desgraça, que he tão bella,
e da tua virtude o que fazia
memoria immortal, teu nome eterno!

O generoso Henrique soube logo

O risco, em que Biron, por muito ardente,
Empenhado se via; elle ama-o muito
Não como Rei, nem qual senhor sevéro
Que soffre, que se aspire á honra summa
De lhe agradar, de quem o orgulho forte
E o coração soberbo crê, que o sangue
De hum vassallo lhe fica mais que pago
Com huma vista de olhos bem ligeira.
Henrique da amisade sente os nobres
Ardores; amisade, dom sublime
Do Céo, doce prazer das almas grandes;
Amisade, que os Reis, esses illustres
Ingratos, porque nunca a conhecerão,
São assás desgraçados! Em fim parte
Bourbon a soccorrello; o nobre fogo,
Que o excita, lhe faz mais forte o braço
E mais rapido o vôo; o bom guerreiro, (x)

(x) O Duque de Biron ficou ferido em Ivry
mas foi no combate de Fontaine Française, qu

das sombras da morte então cercado,
s que vê o seu Rei, o ultimo esforço
npenha, á sua voz elle renova
a vida os restos. De Bourbon aos golpes
ecuão todos, todos se retirão.
ron guapo! O teu Rei desses soldados
e arranca, cujos golpes repetidos
morte te apressavão; pois tu vives,
m lhes seres fiel te empenha ao menos!

Hum ruido espantoso então se escuta.
Discordia cruel contra as virtudes
o Heróe reverberando os seus furores,
ova colera accende nos da Liga:
' frente delles vôa de improviso,
o seu sopro fatal faz com que ao longe

Ienrique o Grande lhe salvou a vida. Refere-se
ste acontecimento na batalha de Ivry, pois não
endo hum facto principal, admittia o ser trans-
osto.

Sôe a infernal trombeta; então d'Aumale,
Pelo som, que era delle conhecido,
Se excita, tão ligeiro como a frecha
Aos ares despedida: o Heróe sômente
Elle busca, sobre elle só se lança,
Logo em tumulto acode toda a turba:
Taes no centro dos bosques, na carreira
Precipitados, esses atrevidos
Animaes, aos combates só creados,
Féros escravos do homem, á carnagem
Nascidos, cheios de huma raiva intensa
Ao javali se lanção, ignorantes
Do perigo fatal, cégos, violentos,
Rouca bozina ao longe seus instinctos
Bellicosos excita, com que os montes,
E os concavos rochedos retumbarão:
Assim contra Bourbon mil inimigos
Se ajuntão, elle só se oppõe a todos
Sem amparo da sorte, consternado

elo numero, á vista já da morte:
uiz do alto dos Céos, neste perigo,
o Heróe, a quem ama, huma invencivel
orça lhe dá; Bourbon he como a rocha,
Que os ares ameaçando, rompe a furia
Dos ventos, quebra os impetos dos mares:
E quem póde explicar o sangue, a immensa
Carnagem, de que o Euro vio cubertas
Neste momento as suas grandes margens?
Vós, Manes sanguinosos do mais forte,
E animoso dos Reis, dai luz sublime
Ao espirito meu, e pela minha
Voz fallai. Bourbon vê, que já voando
A nobreza fiel vem defendello,
Ella pelo seu Rei vem dar a vida,
E peleja tambem seu Rei por ella;
Diante de si leva o susto; a morte
Os seus golpes seguia quando á sua
Colera Egmont fogoso se apresenta.

Muito tempo enganado este estrangeiro
Do seu valor, havia procurado
O Rei na maior força do conflicto;
Não fora conduzido á sepultura,
A não ser temerario; só a honra
Do combate excitava o seu orgulho;
= Vem pois Bourbon, (dizia) a tua gloria
Vem augmentar; he bem que pelejemos,
Que o fixar a victoria a nós pertence. =
Dizendo estas palavras, hum brilhante
Relampago, funesto mensageiro
Dos destinos, do ár abre as campanhas;
O Arbitro dos combates, de improviso,
Faz soar seu trovão, sente o soldado
Debaixo de seus pés tremer a terra:
D'Egmont suppõe, que os Céos lhe dáo amparo,
Que vão a defender a sua causa,
Que combatem por elle; crê, que toda
A natureza attenta á sua gloria

Pela voz do trovão lhe annunciava
O triunfo; ao Heróe em fim se chega,
Fére-o no peito, e já de haver vertido
O real sangue, se acclama victorioso.
O Rei, sem que se turbe, vê o successo;
Tanto como o perigo assim se dobra
Seu esforço; elle então se felicíta
De no campo da honra haver hum dia
Encontrado inimigos assás dignos
Do seu valor; em vez de retardallo,
O estimula a ferida; já sobre este
Féro inimigo o Heróe se precipita;
De hum golpe mais seguro he de repente
D'Egmont lançado em terra; o scintillante
Ferro lhe passa o peito: eis os cavallos
Debaixo de seus pés tinctos de sangue
O atropelão; da morte as tristes sombras
Envolverão seus olhos; a sua alma
Em colera passou a unir-se aos mortos,

Onde do Pai o aspecto justamente
Lhe excitou os remorsos. Vós, ufanos
Hespanhóes até qui tropa soberba,
Com a morte d'Egmont vossa virtude
Guerreira se anniquilla; ao menos hoje
Não negareis, que o medo conhecestes!

O espanto, o horror, o espirito terrivel
De turbação se ampara neste instante
Das tropas assustadas; passa logo
Aos mesmos esquadrões, e em fim se estende
Ao exercito: os Chefes assombrados,
Os soldados perdidos: hum não póde
Mandar, outro tambem não obedece;
As bandeiras por terra, huns se confundem,
Correm outros, dão gritos espantosos,
Atropellão-se, fogem: voluntarios
Se rendem huns, os joelhos outros dobrão
Ao vencedor, seus ferros já lhe pedem:

lguns com passos rapidos, querendo
vitar a ruina, as ribanceiras
Biscão do Euro, e na fuga arrebatados,
No profundo das aguas se depenhão;
Correm á morte em fim, que elles pertendem
Evitar; os cadaveres ás ondas
O curso impedem; volta, e retrocede
O rio ensanguentado á sua origem.

Não he capaz Mayenne em tal desordem
De haver temor; afflicto, mas tranquillo,
Senhor inda de si, vê resoluto
Sua cruel fortuna; de seus golpes
Elle sim vai debaixo, porém cuida
Em della triunfar: outro he d'Aumale,
Que junto a elle, o rosto enfurecido,
Accusava os Flamengos, a fortuna,
E os Céos: = Bravo Mayenne (assim dizia)
Morramos, já que tudo se ha perdido =

= Deixai hum furor vão (lhe torna o Chefe)
Vivei para hum partido, de quem a honra
Vós sois, vivei a restaurar a perda,
E a desgraça fatal; neste momento
Funesto, vós, e Bois-Delfin procurem
As reliquias juntai desses dispersos
Soldados; ambos vós então segui-me
Aos muros de Pariz, indo de marcha,
Da Liga recolhei isso, que resta;
De Coligny vencido, e subjugado,
O valor excedamos = Ah! d'Aumale,
Isto escutando, chora; elle estremece
De raiva, mas a ordem que detesta,
Parte a cumprir. He qual Leão soberbo,
Que o Moiro domar soube pois que docil
A seu Senhor, a tudo o mais terrivel,
Sua horrorosa frente só sujeita
A' mão, que elle conhece; de hum aspecto
Feroz elle o accompanha; elle rugindo

sabe acariciar; em fim parece,
ue ameaça, inda quando o lisonjea.

Aos muros de Pariz Mayenne em tanto
'om appressada fuga se retira,
'or occultar o seu abatimento.
Ienrique, victorioso, vê os da Liga,
)ue de todos os lados, sem defeza,
ua clemencia implorão. Neste instante
)esses Céos as abobedas se abrirão,
)s Manes dos Bourbons aos ares descem
)o alto do Firmamento: Luiz chega
Entre elles a observar, o como Henrique
Neste nobre momento uso fazia
)o triunfo, e por fim como acabava
De dar merecimento á sua gloria.

Junto delle os soldados tendo os olhos
Inda em furor accesos, reparavão

Para os tristes vencidos, que a seus golpes
Escaparão; os timidos captivos,
Conduzidos a Henrique, só esperão
Em profundo silencio, que a sentença
Se lhes fulmine; o espanto, a angustia, o pejo,
A desesperação pintado tinhão
Em seus rostos as suas desventuras:
Sobre elles volta então Bourbon os olhos
Cheios de graça; nelles a ternura,
E a intrepidez reinavão juntamente;
= Ficai livres (lhes diz) vós desde agora
Podeis permanecer meus inimigos,
Ou viver meus Vassallos; em Mayenne,
Ou em mim, hum Senhor será pois justo,
Que vós reconheçaes: de nós dois vede
Qual o merecer ser; da Liga escravos
Gemei debaixo della, ou companheiros
D'hum Rei, vinde por mim triunfar com elle.
Escolhei de huma vez = A estas palavras,

Que proferia hum Rei cheio de gloria,
Em campo de batalha victorioso,
Se observão n'hum momento os prisioneiros
Contentes por se verem derrotados,
Felices porque a sorte os fez vencidos;
Seus olhos se illuminão, sem mais odio
Se vem seus corações; Henrique os vence
Co' seu valor, depois com a virtude
Os sujeita tambem, e honrados todos
Com o nome, que tem de seus soldados,
Por expiar por fim o seu delicto,
Marchão sobre seus passos; da carnagem
O vencedor tranquillo ha já cessado;
Senhor dos seus guerreiros elle applaca
Delles a valentia; mais não era
O leão que de sangue só cuberto,
De lugar em lugar levava a morte,
E o terror; era hum Deos todo benigno,
Que deixando o trovão, a tempestade

Prende, e consola a terra; em seu semblante
Ameaçador, feróz, e ensanguentado,
Ha posto a paz o aspecto mais sereno:
Aquelles, em quem quasi a luz estava
A extinguir-se, por elle já revivem;
He sobre seus perigos, sobre as suas
Necessidades, que elle vigilante,
Qual Pai attento, estende os seus cuidados.

A prompta mensageira dos successos
Verdadeiros, ou falsos, augmentando
Vai já sua carreira; ella de hum vôo
Rapido, inda mais prompta do que o tempo,
Além dos mares passa, vai de hum pólo
A outro, até encher todo o Universo;
Este monstro composto de olhos, bocas,
E de orelhas, que canta as maravilhas
Dos grandes, e dos Reis canta a vergonha,
Que tem a si sujeitas a esperança,

A admiração, a duvida, o desejo
De saber, e a fatal credulidade,
Trombeta, que he da gloria, pela sua
Brilhante voz, do Heróe da França parte
A annunciar a victoria. Desde o Tejo
Ao Eridano foi participado
Por ella o estrondo; então eis o soberbo
Vaticano se admira; o Norte ouvindo
Sua voz, de alegria todo se enche;
Madrid bramou de susto, e de vergonha,
De horror, e de tristeza: ó desgraçado
Pariz! O' vós, infieis conspiradores,
Cidadãos enganados! Sediciosos
Sacerdotes em fim, e com que gritos
Dolorosos soárão vossos Templos!
No momento infeliz vossas cabeças
De cinza se cubrirão. Ah! Mayenne
Inda vem lisonjear vossos esforços;
Vencido, porém cheio de esperanças,

E Senhor de Pariz, com ardilosa
Politica, inda lá no seu retiro,
Quer aos da Liga incertos, que a derrota
Se esconda; contra hum golpe tão funesto
Elle os quer segurar, imaginando,
Que em occultar talvez sua desgraça,
Elle então a repara; por cem ruidos
Mentisosos quer ver, se assim reanima
D'elles o zelo; mas opposta a tantas
Cautelas a verdade, desmentindo
A' sua vista os seus projectos falsos,
Vôa de boca em boca, e ao mesmo tempo
Os corações de todos desalenta.

A Discordia bramou, e redobrando
As suas raivas =. Não verèi (diz ella)
Destruida por certo a minha obra;
Não tenho nestes muros infelices
Derramado os venenos, incendido

Tantos fogos, o meu poder firmado
Com tanto sangue, afim de ver agora
Levar Bourbon da França o vasto Imperio.
Por terrivel que seja, eu tenho inda arte
De enfraquecello; se vencer não pude,
Poderei abrandallo: mais esforço
Se não opponha ao seu valor supremo;
A si mesmo, e não mais, agora Henrique
Sim tenha que vencer, e temer deva
Só do seu coração; vou a atacallo,
E a vencello tambem por elle mesmo.
Fallou: e de improviso, lá das margens
Do Sena, sobre hum carro todo tincto
De sangue, que a destrar soubera o odio,
Em huma espessa nuvem, que terrivel
Torna pallido o dia, ella em fim parte,
E em demanda do Amor vôa appressada.



CANTO IX.

ARGUMENTO.

Descreve-se o Templo do Amor. A Discordia implora o seu poder para abrandar o valor de Henrique IV. Este Herôe he retido algum tempo com Madama de Estrée, tão celebre debaixo do nome da Bella Gabriella. *Mornay o arranca do seu amor, e o Rei volta ao seu exercito.*

NOs ditosos confins da antiga Idalia,
Onde a Europa termina, a Asia começa,
Hum Palacio (*a*) se eleva antigo, e sempre

(*a*) Esta descripção do Templo do Amor, e a pintura desta paixão são inteiramente allegoricas. Se ha posto em Chypre o lugar da Scena, como em Roma a morada da Politica, porque os Povos d'aquella Ilha passarão em todo o tempo pelos mais

Dos tempos respeitado. A natureza
Nelle poz os primeiros fundamentos;
Depois a arte polindo aquella simples
Architetura, vio-se, que excedia
Da natureza o empenho; seus visinhos
Campos, de verdes murtas abastados,
Nunca a injuria sentirão dos invernos.
Madurecer se vem, por toda a parte,
Vem-se brotar, em todo o tempo, tanto
Os fructos de Pomona, como os mimos
De Flora. A terra inculta não attende,
Para crear as suas sementeiras,
Aos desejos dos homens, nem á ordem
Das estações. Em huma paz profunda

---

dados ao amor, assim como a Corte de Roma ha sido reputada pela mais politica da Europa. Deve-se pois respeitar aqui o Amor, não como filho de Venus, e como hum Deos da fabula, mas como huma paixão, representada com todos os prazeres, e todas as desordens, que a accompanhão.

Parece alli gozar o homem tudo,
Quanto, do mundo nos primeiros dias,
Quiz com máo liberal a natureza
Conceder aos mortaes; repouso eterno,
Dias serenos, ares sempre puros,
Os gostos, e prazeres promettidos
Da abundancia, os bens todos finalmente
Dessa idade primeira, excepto a bella
Innocencia. Por toda a parte se ouve
O som desses concertos admiraveis,
Com que a mole harmonia assim inspira
Doces languores; ouvem-se os amantes,
E o canto singular das suas Damas,
Com que celebráo delles a vergonha,
E a fraqueza lhes louvão: cada dia
São vistas, com as testas adornadas
De flores, implorar de seus queridos
Amantes os favores; e á porfia
Appressadas marcharem ao seu Templo

òr instruidas serem na grande arte
)e agradar, e enganar. A lisongeira
:sperança, de hum rosto sempre affavel,
'ela mão os conduz ao Altar mesmo
)o Amor. Perto do Templo estão as Graças;
⁄Ieias nuas, ás suas vozes juntão
)as danças os primores: sobre hum leito
)e branda relva, placido, e contente,
)uve o molle Apetite as suas doces
Canções, tendo dos lados o Segredo
Sempre mudo, o Sorriso que enfeitiça,
)s Cuidados, a terna Complacencia,
As amaveis Delicias, os Desejos
Mais doces inda, mais enganadores,
Do que os mesmos Prazeres inconstantes.

Deste Templo famoso he esta a entrada
Deliciosa; porém se accaso hum passo
Mais audaz avançando-se penetra

Té a abobeda sagrada, e ao Sanctuario
Se leva, que espectaculo funesto
Os olhos horroriza! Dos prazeres
Não he mais essa copia amavel bella;
Concertos amorosos já mais se ouvem:
As Queixas, os Desgostos, a Imprudencia,
O Susto, alli transformão a morada
Deleitosa em habitação de horrores;
O taciturno Zelo com o rosto
Macilento, e sombrio, vai de hum passo
Vacillante seguindo huma Suspeita,
Que o guia. O Odio, a Raiva, derramando
O seu veneno, marchão diante delle,
Tendo o punhal na mão; eis a Malicia,
Que os vê passar, de hum perfido sorriso
Applaude a sua infame, e indigna tropa:
Segue-a o Arrependimento, detestando
Seus furores, e em pranto humedecidos
Seus olhos, os abaixa, e em fim suspira.

No meio desta Corte assim de horrores,
ıfeliz companhia dos prazeres
)os homens, he ahi, que Amor tem feito
ua eterna morada: este arriscado
ıfante já cruel, já carinhoso,
'raz da terra os destinos invizíveis
Ja sua fraca mão; com hum sorriso
lle dispensa a paz, ou manda a guerra,
; espalhando por toda a parte as suas
)oçuras enganosas, elle anima
) Universo, e continuamente assiste
Jo coração de todos; sobre hum Throno
uzente, contemplando elle as conquistas
)o seu braço, a seus pés via sujeitas
ls mais soberbas testas; então féro
Com suas crueldades mais, do que inda
Com os seus beneficios, dava mostras
De alegrar-se do mal, que havia feito.

Conduzida a Discordia de improviso
Pela Raiva, os Prazeres apartando,
Abre livre passagem, quando agita
O facho acceso, que na mão sustenta.
De sangue tincto o rosto, em ira os olhos
Inflammados, lhe diz = onde, irmão, se achão
Tuas settas mortaes? Para quem guardas
As frechas invenciveis? Ah! se accesa
A tocha da Discordia, a teus furores
Meu veneno fatal sempre juntaste;
Se tantas vezes pude a teu respeito
Turbar a natureza, corre, vôa
Sobre meus passos; vem, e a minha injuria
Sabe vingar; hum Rei já victorioso
Despedaçado tem minhas serpentes;
Elle por suas mãos a oliva ajunta
Aos loiros triunfantes; a clemencia,
Com hum passo tranquillo indo marchando
Com elle ao sedicioso infausto seio

De huma guerra civil, favorecida
Dos regios estendartes, que tremulão
Por toda a parte, intenta reunir todos
Os corações, sendo estes divididos
Sómente para mim; huma victoria
Ainda não alcancei, e já por terra
Vejo o meu Throno em pó; Henrique leva
Aos muros de Pariz o raio ardente,
A combater já parte o Heróe famoso,
A vencer, e perdoar; de cem cadeias
Fortes me vai prender seu braço altivo:
A ti toca impedir esta torrente
No seu curso; tu podes de tão nobres
Triunfos envenenar a fonte toda:
Vai pois, Amor, debaixo do teu jugo
Elle gema abatido; prostra, vence
O seu valor no seio da virtude:
Lembre-te, que és aquelle, cujo braço
Hercules fez cahir sem suas forças

Aos pés de Omphale. Não se vio Antonio,
Nos teus ferros de todo enfraquecido
Abandonar por ti graves cuidados
Do Universo? fugir estando á vista
De Augusto, e por seguir-te sobre as ondas,
Cleopatra preferir a todo o Imperio
Do mundo? Pois, Amor, para venceres
Te resta Henrique só depois de tantos
Guerreiros. Que nas suas mãos soberbas
Os loiros se lhe murchem, vai, procura;
Vai do myrto amoroso a frente altiva
Cingir-lhe; entre os teus braços adormece
Sua audacia guerreira; tu de arrimo
Ao meu Throno abalado serve agora;
Teu Reino he o meu, e a minha causa he tua.

Desta sorte fallava aquelle monstro,
E a retumbante abobeda os accentos
De sua voz tremenda repetia;

Amor, que recostado sobre as flores
O ouvia, de hum sorriso féro, e doce,
Responde ás suas furias; entretanto
Elle se arma das suas frechas de oiro;
Elle dos vastos Céos as azuladas
Esferas rompe já, e precedido
Das danças, dos prazeres, e das graças,
Dos Zefiros nas azas vôa aos campos
Francezes, em demanda só de Henrique.

Na carreira se alegra de ver logo
A Simois fraco, e o campo, onde foi Troia;
Elle se ri ao ver nesses lugares
Affamados as cinzas inda quentes
Dos Palacios, por suas mãos extinctos;
Elle divisa ao longe aquelles muros
Erguidos sobre as aguas, seus soberbos
Edificios, do mundo esse prodigio,
Veneza em fim, de quem Neptuno admira

O destino; que impéra sobre as ondas,
Represadas pela arte no seu seio.

Elle desce, e demora-se nos campos
Da Sicilia, onde a Theocrito, e Virgilio,
Elle mesmo inspirára; e onde se conta,
Que do amoroso Alfeo em outro tempo
Elle as aguas por novos subterraneos
Caminhos conduzira; sem demora
Da amavel Arethusa elle deixando
As praias, vôa aos campos de Provença,
Onde Vauclusa (*b*) está, mimoso asylo,
Lugares, em que o grão Petrárcha soube
Nos seus bons dias suspirar seus versos,
E seus amores; elle então divisa
As muralhas de Anet (*c*) edificadas

(*b*) Vauclusa junto a Gordes em Provença, celebre pela moràda, que fez Petrarcha nas suas visinhanças.

(*c*) Anet foi edificado por Henrique II. para Dia-

Nas margens do Euro, cuja altiva, e nobre
Estructura elle mesmo dispuzera;
Por suas destras mãos alli, com arte
Estampadas as cifras de Dianna,
Distinctas se conservão; de passagem
As graças, e os prazeres derramarão
Sobre o tumulo della as tenras flores,
Que dos vestigios seus hião nascendo.

Aos campos de Ivry chega finalmente
O Amor. Posto que o Rei se achava prompto
A partir, com designios superiores,
Da guerra a imagem fea confundindo
Com os prazeres, quiz por hum momento,
Que ao seu trovão se desse algum repouso;
Mil guerreiros mancebos, caminhando

na de Potiers, cujas cifras estão dispostas em todos os ornatos deste Castello, o qual não he longe das planicies de Ivry.

Por meio dos alqueives, perseguião
Juntamente com elle os habitantes
Dos bosques. Sente Amor, ao avistallo,
Inhumana alegria; logo as frechas
Elle aguça, as cadeias já prepara,
Agita os ares, que elle mesmo havia
Serenado; elle falla, de improviso
Se armão os Elementos, e de hum pólo
A outro vão chamando as tempestades;
A sua voz se vê, que manda aos ventos
Juntar as nuvens, derramar na terra
As torrentes nos ares suspendidas,
E que, com os relampagos, e raios,
A noite fação vir; ás suas ordens
Fieis os Aquilões tem já soltado
Suas azas, nos Céos escurecidos
A mais horrenda noite então succede
Ao dia mais brilhante, a natureza
Geme por fim, e o Amor já reconhece.

Nos sulcos enlodados da campanha
Alagada, sem guia, sem escolta,
Incerto marcha o Rei; neste momento
Amor accende a luz, faz com que brilhe
Esse prodigio novo diante delle;
Apartado dos seus, por esses bosques
Escuros, segue Henrique este inimigo
Astro, que inda nas sombras resplandece;
Bem como algumas vezes os viajantes
Turbados vão seguindo esses ardentes
Fogos, que a terra exhala; sim, os fogos,
Cujo vapor maligno, e passageiro
Nesse instante, em que a luz lhes communica,
Nesse mesmo os conduz ao precipicio.

Pouco antes a fortuna a estes climas
Miseraveis havia conduzido
De huma illustre mortal os tenros passos;
No fundo de hum Castello solitaria,

E tranquilla, apartada dos tumultos
Da guerra, alli seu Pai ella aguardava,
Que fiel a seus Reis, envelhecido
Nos perigos, do grande Henrique havia
Seguido os estendartes; o seu nome
Era d'Estrée; (*d*) a mão da natureza
A havia enriquecido dos sublimes
Dons sem medida. Tanto não brilhava,
Lá nas margens do Eurotas delicioso,
A que se vio culpada formusura
Traidora a Menelão. Menos tocante,

(*d*) Gabriella d'Estrée de huma antiga casa de Picardia, filha, e neta de hum Grão Mestre de Artilharia, casada com o Senhor de Liancourt, e depois Duqueza de Beaufort &c. Henrique IV. se namorou della durante as guerras civís: elle se desfarçava algumas vezes por ir fallar com ella. Hum dia se desfarçou em traje de paizano, e passou por entre as guardas inimigas, não sem risco de ficar prisioneiro.

E menos bella em Tharso (*e*) deixou verse
A que soube domar, e render soube
O Senhor dos Romanos, quando attentos
Das ribeiras do Cidno os habitantes,
Nas mãos tendo o thuribulo, a tiverão
Por Venus. Ella entrava em huma idade
Muito para temer-se; essa que rende
O jugo das paixões inevitavel;
Seu coração se achava sim nascido

(*e*) Cleopatra indo a Tharso, onde Marco Antonio a havia chamado, fez esta viagem em huma Náo brilhante, ornada de oiro, e das mais bellas pinturas: as vélas erão de purpura, as cordas de oiro, e seda. Cleopatra estava vestida, como então se representava a Deoza Venus; suas Damas figuravão as Ninfas, e as Graças; a pôpa, e prôa estavão cheias de bellos Infantes desfarçados em Amores. Ella marchava com toda esta equipagem sobre o rio Cidno ao som de mil instrumentos de musica. Todo o Povo de Tharso a reputou por Deoza, e Antonio desceu do seu Tribunal para lhe sahir ao encontro.

Para amar, mas altivo, e generoso,
Os votos até alli de algum amante
Não tinha recebido. Era não menos,
Que a fresca rosa em sua primavera,
Quando encerra ao nascer a formosura,
De que he dotada; aos ventos namorados
Os thesoiros encobre de seu seio,
E se abre tão sómente aos doces raios
De hum dia magestoso, e esclarecido.

Amor, que então se aprompta a sorprendella,
Com hum nome supposto vai render-se
Junto a ella; sem facho elle se mostra,
Sem frechas, sem aljava: elle de hum simples
Menino toma a voz, toma a figura:
= Se ha visto (então lhe diz) sobre a visinha
Ribanceira avançar-se a estes lugares,
Quem venceo a Mayenne = Assim fallando,
Elle no coração lhe insinuava

Hum desejo, ou paixão desconhecida
De agradar a este Heróe; de nova graça
Seu rosto se animou; e o Amor mesmo,
Já de vella tão bella se gloriava;
De tantos attractivos soccorrido,
Que se não promettia! elle a encontrar-se
Com o Monarcha os passos lhe dirige.
O simples artificio, com que o adorno
Ella em si ha formado, parecia
Aos olhos, que se enganão, hum effeito
Da natureza; o oiro de seus loiros
Cabellos, que se espalhão, ondeando
A' vontade dos ventos, humas vezes
A garganta lhe cobre, e os dois thesoiros
Nascentes; outras vezes patenteão
O indizivel encanto. Mais amavel
Sua grave modestia inda a fazia,
Não aquella sombria austeridade,
Que affugenta os Amores, e ainda a mesma

Formosura; hum pudôr sim doce, e brando,
Innocente, pueril, que torna o rosto
Colorido com hum rubor divino,
Que motiva o respeito, que os desejos
Inflamma, que ainda mais augmenta o gosto
Daquelle, que feliz póde vencella.

Inda faz mais o Amor, mas que milagre
Lhe será impossivel! Elle encanta
Com hum forte attractivo estes lugares:
As murtas enlaçadas, que obediente
A terra de improviso vai brotando
De seu prodigo seio, estendem logo
Em torno desta estancia as suas folhas:
Quem passa á sombra dellas, por occultos
Laços sente prender-se; entre o deleite,
E a turbação já mais póde apartar-se;
Debaixo desta sombra, fugitiva
Corre huma fonte, assás encantadora;

Os ditosos amantes docemente
Engolfados, alli a longos tragos
Bebem do seu dever o esquecimento;
Por toda a parte Amor faz, que se sinta
O seu poder; alli tudo apparece
Mudado, os corações não tem socego,
Todos envenenados são do encanto,
Que respirão; em fim tudo alli falla
De Amor. No prado os passaros redobrão
Os beijos, as caricias, e os seus cantos;
O ardente cegador, que antes da aurora
Se encaminha a cortar essas, que o Estio
Creou, loiras espigas, se perturba,
Suspira, e se detem; impaciente
Seu coração com seus novos desejos,
Fica encantado nestes deliciosos
Retiros, suspirando em fim não póde
Proseguir na colheita. Junto delle
A Pastora esquecida dos rebanhos,

Da tremula mão sente já cahir-lhe
O fuso: como a hum poder tão forte
Se póde oppor d'Estrée? Por hum encanto
Invencivel se vê toda attrahida;
Neste dia funesto, ah! que inimigos
Vai combater! a sua mocidadade,
O Heróe, o Amor, e o seu coração terno.

O valor immortal de Henrique he certo,
Que o chamava em segredo algumas vezes
Para suas bandeiras vencedoras;
Huma invizivel mão he, quem o obriga,
E faz, que se demore; na virtude
Em vão procura o apoio, ella o abandona,
Céga sua alma, em fim, não vê, não ouve,
Mais, que d'Estrées, não ama, não conhece.

Longe delle entre tanto os Chefes todos
Cheios de admiração já se perguntão,

Onde o Principe está; pelos seus dias
Elles tremem, e ficão consternados:
Quem o pudera crer! Neste momento
Muito houve que temer-se pela gloria
De Henrique, em vão se busca, seus soldados,
Postos sem elle em marcha, o valor perdem,
Sem o seu Rei parecem já vencidos.

Mas o Genio feliz, que assim preside
A' França, não soffreu por muito tempo
Tão arriscada ausencia; dos Céos desce
A' voz de Luiz, e a dar soccorro ao filho
Vem de hum rapido vôo; então chegado
A este triste hemispherio, olhou em roda
Por toda a terra, a ver, se nella hum sabio
Poderia encontrar; não o procura
Nesses lugares sempre respeitaveis,
Em que habita a abstinencia, que ao silencio;
E ao estudo se consagrão; a Ivry parte:

Alli, onde a licença, onde a arrogancia
Do vencedor guerreiro se enfurece;
Seu vôo terminou o sempre fausto
Anjo da França; sim, no centro mesmo
Das bandeiras dos filhos de Calvino
Dirigio-se a Mornay; (*f*) nisto quiz elle
Ensinar-nos, que muitas vezes basta,
Para nos conduzirmos, o discurso;

(*f*) He erróneo o pensamento do A., quando affirma, que a razão só, e o discurso bastão a dirigir as nossas acções. Póde sim o homem obrar sem influencia da graça, algumas acções na ordem natural, mas nunca ellas serão dignas de huma superior recompensa. A prova que elle produz he igualmente futil: nunca se virão no gentilismo virtudes solidas, e dignas do Christianismo. O mesmo Platão, e Marco Aurelio mancharão suas maximas Philosophicas com mil erros praticos. He por isso que destes sabios diz o Apostolo, que Deos os entregou a seus reprovados sentimentos por não terem reconhecido a liberal mão do Ceo, que sobre elles derramou as suas luzes. Além de que, he muito verosimil, que esses Philosofos tivessem conhecimento da revelação, donde podião tirar es-

Como no Gentilismo a razão fora,
A que a Platão guiára, e a Marco Aurelio,
Vergonha que serão dos Christãos sempre.

Mornay soube, não só prudente amigo,
Mas austero Philosopho, a grande arte
De arguir, e de agradar ao mesmo tempo;
Melhor que seus discursos, instruhia
Seu exemplo; as mais solidas virtudes
Forão os seus, e os unicos amores;
Ancioso de trabalhos, insensivel
A's delicias, com passo firme andava

---

sas bellas maximas, que nos deixarão, e de que não se souberão approveitar. Platão além de outros sabios Gregos, peregrinou por diversos paizes, o penetrou até o Egypto, como escreve Diogenes Laercio na sua vida: alli, elle podia ter perfeite conhecimeuto da Lei Moysaica: os Romanos, e como não Marco Aurelio este grande Imperador? forão mil vezes atterrados pela fatal voz dos pregoeiros Evangelicos, que combaterão na mesma Roma os seus erros. (*Nota do Editor.*)

Junto dos precipicios; o ár da Corte,
E o seu sopro empestado não puderão
Inficionar já mais a sempre austera
Innocencia do seu coração casto.
Assim, bella Arethuza, as tuas aguas
Afortunadas correm para o seio
Furioso de Amphitrite, hum crystal puro,
As ondas sempre claras, a quem nunca
Os amargosos mares corromperão.

O Excellente Mornay, sendo-lhe guia
A Prudencia, transporta-se aos lugares,
Onde em braços a tepida moleza
O vencedor retinha dos humanos,
E nelle subjugava juntamente
Os destinos da França; a cada instante
O Amor, suas victorias augmentando,
Mais feliz o fazia, porque a gloria
O inflamasse melhor: quando os prazeres

Tem quasi sempre termos tão succintos,
Seus momentos alli se repartião,
E preenchião seus dias deliciosos.

No meio delles, eis que ardendo em ira,
Amor descobre de Mornay ao lado
A sevéra prudencia; elle pertende
Lançar sobre hum guerreiro tão illustre
Hum tiro vingador; imaginava
Encantar seus sentidos, procurando
Ferir seu coração; mas seus encantos,
Suas iras Mornay sabio despreza;
He sobre suas armas, que se embotão
De Amor as setas fracas; elle aguarda,
Que o Rei, sem companhia, se offereça
A seus olhos; talvez quando contemple
Por desafogo aquelles bons lugares.

No fundo dos jardins, onde huma fonte

Mais crystalina corre, alli debaixo
De hum amoroso myrto, doce asylo
Do segredo, d'Estrée ao Regio amante
Prodiga dispensava os seus agrados;
Elle desfalecia junto della;
Elle ardia em seus braços; já mais nada
Alterava os encantos das suaves
Doces conversações; seus olhos cheios
De venturosas lagrimas estavão,
Dessas lagrimas sim, que dos amantes
Fazem toda a delicia. elles sentião
O lethargo, os desmaios, os transportes,
Os furores, que hum tenro amor inspira,
Que elle só faz gostar, que elle só póde
Descrever; os Prazeres brincadores,
Os Amores pueriz o Heróe desarmão;
Hum lhe toma a coiraça inda cuberta
De sangue, outro lhe tira fóra a espada
Formidavel; assim se divertiáo,

Tendo nas fracas mãos aquelle ferro
Do Throno apoio, assombro dos viventes.

A Discordia de longe então insulta
A fraqueza do Heróe; por hum susurro
Seu barbaro prazer ella declara;
A féra actividade se aproveita
Dos seus instantes; corre em fim da Liga
A irritar as serpentes; ah! que em quanto
Bourbon repousa, e dorme, se desperta
Dos inimigos seus a raiva toda.

Nesses jardins, em fim, onde desmaia
Sua virtude, vê, que lhe apparece
Mornay, e ao vello, cobre-se de pejo;
Hum do outro só por só, teme a presença;
Chega-se o sabio a elle, e hum pensativo
Silencio guarda; mas hum tal silencio,
E suas vistas baixas bem se fazem

Do Principe entender, e assás se explicão:
Sóbre o sombrio rosto, em que reinava
A austeridade, Henrique facilmente
Sua vergonha lê, sua fraqueza:
Raras vezes se estimão dos defeitos
As testemunhas, sim, e a qualquer outro,
Que não fosse Mornay, levára Henrique
Muito a mal o cuidado: = Cáro amigo
(O Rei diz) minha colera não temas;
Quem meu dever me ensina, está seguro
De me agradar; o coração se buscas
Do teu Principe, vem, porque elle he digno
Inda de ti; o ver-te só me basta,
Porque a mim mesmo tu me restituas;
Eu já torno a cobrar toda essa gloria,
Que me ha roubado o Amor; deste lethargo
Vergonhoso fujamos á ignominia,
Fujamos em fim d'hum lugar funesto,
Onde meu coração sobresaltado

Inda ama essas cadeias, que arrastara;
O meu maior triunfo, de hoje em diante,
Seja o vencer-me, vamos; sim, nos braços
Da gloria fique Amor escarnecido,
E o terror em Pariz logo espalhando,
Com o sangue Hespanhol o erro apaguemos.

Mornay, a estas palavras generosas,
Conheceu o seu Rei = Sois vós (diz elle)
Que appareceis de novo, como augusto
Apoio, e defensor da França inteira;
Vencedor de vós mesmo, vós Rei fostes
Do vosso coração; á vossa gloria
Hum novo resplendor o Amor augmenta;
Se quem o não conhece he venturoso,
Illustre, e esclarecido, he quem o vence. =

Assim fallou, e o Rei destes lugares
Já se apressa a partir; Oh Céos! Que pena,

Enternecem as suas despedidas!
Cheio do amado objecto, a quem adora,
E a quem foge, se vai a condemnar-lhe
As lagrimas, que verte; ah! que elle mesmo
As derrama tambem; vê-se obrigado
Por Mornay, por Amor vê-se attrahido;
Retira-se, mas torna, em fim já parte
Desesperado. Oh dor! neste momento
D'Estrée desfalecida, sem sentidos
Fica, sem côr, sem vida; de huma noite
Repentina seus olhos bellos se ornão;
Amor, que o percebeu lançou aos ares
Hum espantoso grito; o Heróe se assusta,
Elle recea, que huma noite eterna
Leve Ninfa tão bella ao seu dominio,
E que apague os encantos para sempre
Daquelles olhos, que excitar devião
Na França tanto ardor; elle em seus braços
A recebe, eis que logo aquella amante

A' doce voz do amado vai abrindo
As palpebras defuntas, e o nomeia
Por seu querido bem; torna a chamallo,
Mas em vão; com os olhos inda o busca,
E de repente os fecha: o Amor banhado
Das lagrimas, que o Heróe alli vertera,
A' luz, que lhe fugia, brandamente
A torna a revocar; de huma esperança
Enganadora mostra-lhe a doçura,
Do mal, de que era author, elle a consola.

Mornay sempre inflexivel, e sevéro,
Entre tanto ao seu Rei penalisado
Incitava; a virtude em fim, e a força
O caminho lhes mostrão; quem os guia,
Com os loiros nas mãos, he a bella gloria:
Raivoso o Amor de ver-se assim vencido
Do dever, a occultar logo se apressa,
Longe d'Anet, as iras, e a vergonha.



CANTO X.

ARGUMENTO.

Volta o Rei ao seu exercito. Elle torna a dar principio ao sitio. Combate singular do Visconde de Turenna, e do Cavalheiro d' Aumale. Fome horrivel, que assola a Cidade: O Rei alimenta os mesmos habitantes, a quem põe sitio. O Céo recompensa em fim as suas virtudes. A verdade vem illustrallo. Pariz lhe abre as suas portas, e se finaliza a guerra.

PErdidos na moleza os arriscados
Momentos, causa foi, de que os vencidos
Já da sua fraqueza se esquecessem;
Para novas acções se vai dispondo
Mayenne; huma esperança, que renasce,

O Povo alenta, e ao mesmo tempo o engana:
Impaciente Bourbon, pois nada o impede,
Parte logo a acabar sua conquista;
Admirado Pariz torna de novo
A ver seus estendartes vencedores,
O Heróe junto a seus muros torna a ver-se,
Naquelles mesmos muros, nos quaes inda
Fumando está seu raio, e que elle nunca
A reduzir as cinzas se ha disposto,
Por ter baixado a elle o Anjo da França
A socegar-lhe as iras, e a impedir-lhe
O braço vencedor propinquo ao estrago.

Já no campo do Rei se ouvem os gritos
De alegria; impacientes o despojo
Anhelão todos; justo assombro occupa
Os da Liga, entre tanto que turbados
Com Mayenne se juntão a Conselho:
Contrario alli d'Aumale a todo o voto,

Que fosse timorato, fortemente
Esta falla lhes fez bem resoluto:
= Nós inda não sabemos occultar-nos;
Vem a nós o inimigo, he pois preciso,
Que para elle marchemos, que para elle
Hum furor venturoso se dirija:
A ardencia impetuosa dos Francezes
Eu bem conheço; a sombra dos seus muros
Lhes sopita a virtude; se se ataca
O Francez, elle está meio vencido;
A desesperação, ah! quantas vezes
Tem ganhado as batalhas! Eu espero
Tudo de nós, dos nossos muros nada;
Heróes, que me escutais, voai aos campos
De Marte; os vossos Chefes são (O' Povos
Que nos quereis seguir) os vossos muros. =

Calou-se a estas palavras: os da Liga
Em silencio parece que lhe accusão

A audacia de imprudente; de vergonha
A d'Aumalle se assoma o sangue ao rosto,
E nos olhos de todos perturbados
Elle leu impaciente o temor delles,
E a repulsa; = Está bem, pois se a seguir-me
(Elle torna) valor em vós não acho,
A esta affronta, Francezes, eu não quero
Sobreviver; se accaso he que os perigos
Vós temeis, eu só vou, vai só d'Aumale
Offerecer-se a elles, e ensinar-vos
Ao menos a morrer, quando não vença. =

As portas de Pariz em hum instante
Elle abrir faz; do Povo, que o rodeia,
Elle despede a escolta, e se adianta:
Hum Rei de armas, Ministro dos combates,
Que até as tendas do Rei lhe ha precedido,
Então grita em voz alta = Qualquer, que ama
A bella gloria, venha; sim, dispute

Neste lugar a honra da victoria ;
Inimigos , d'Aumale vos espera. =

A' voz do desafio , os Chefes todos
De zelo arrebatados , já queriáo
Provar o seu valor contra d'Aumale ;
Perante o Rei alli se disputaváo
Sobre a illustre ventagem ; todos tinháo
O preço do valor bem merecido ,
Mas Turenna sómente foi , quem pôde
Obter honra táo grande ; o Rei ha posto
Nas suas mãos da França toda a glória ;
Vai (lhe diz) d'hum soberbo essa arrogancia
Reprime , pelo teu Paiz combate ,
Pelo Principe teu , e por ti mesmo ;
Ao partir do teu Rei recebe as armas :
Isto dizendo Henrique , lhe confere
A sua espada = O' grande Rei (Turenna
Lhe responde , abraçando-o pelos joelhos)

ossa esperança não será frustrada,
ıro-o por este ferro, e por vós juro =
allou: o Rei o abraça, e já se lança
urenna para a parte, onde d'Aumale
npaciente esperava, que a seus olhos
um guerreiro valente apparecesse;
e Pariz todo o Povo correu logo
'Às muralhas; os Chefes, e os soldados
De Henrique, junto delle se puzerão;
obre os dois combatentes se fitarão
s vistas todas; cada qual procura
Ver o seu defensor em hum daquelles;
então não só com gestos, mas com vozes,
magina excitar-lhe o valor forte.

Sobre Pariz no em tanto se elevava
Huma nuvem fatal, que parecia
O trovão conduzir, e a tempestade;
Seus lados denegridos, e abrazados,

Abertos de improviso já vomitão
Neste lugar os monstros dos Infernos;
O horrivel Fanatismo, a sempre infausta
Discordia, a melancolica, sevéra
Politica, de hum coração falsario,
De hum olhar ao revez; mesmo o Demonio
Dos combates, furores respirando;
Deoses embriagados só de sangue,
Deoses dignos da Liga. Elles aos muros
Da Cidade se lanção, alli chegão
Em favor de d'Aumale; depois logo
Ao combate se apressão. Eis que do alto
Dos Céos abertos, nesse mesmo instante,
Sobre o Throno dos ares, desce hum Anjo
De luz cercado, envolto em resplandores,
Que com azas de fogo vai abrindo
Sua carreira, atraz de si deixando
O Occidente illustrado com os sulcos
Luminosos, de que elle está cingido;

A oliveira sagrada elle sustinha
Em huma mão, annuncio prodigioso
De huma paz desejada; em outra o ferro
Do Senhor das vinganças reluzia,
A espada, que vibrara em outro tempo
O Anjo exterminador, quando se acharão
Condemnados á morte devorante
Pelo Eterno os primeiros, que nascião
De huma raça insolente. Logo á vista
Desta espada suspensos, desarmados
Os monstros infernaes, desfalecidos
Se mostrão, o terror logo os sorprende,
Hum poder invencivel lança em terra
As armas vís daquella infame tropa.
Assim do seu Altar, tincto de sangue
Dos humanos, cahio o Dagon féro,
O Deos dos Philisteos, apenas a Arca
Do Deos dos Deozes fora alli trazida,
E áquelle cégo Povo apresentada.

Pariz, o Rei, o exercito, os Infernos,
E os Céos fitado tinhão suas vistas
Sobre o illustre combate; os dois guerreiros
Na carreira entrão logo; soube Henrique
De huma acção de honra abrir-lhes o caminho:
C'o pezo de hum escudo elles seus braços
Não opprimem, tambem se não occultão
Debaixo desses bustos de aço, ou bronze,
Que forão n'outro tempo ornato honroso
De antigos Cavalleiros, para a vista
Brilhantes, para o ferro impenetraveis;
Quizerão rejeitar hum apparato,
Que demora o combate, e que o perigo
Faz que seja menor; as suas armas
São só a espada; abjecta outra defeza,
Expostos corpo a corpo já se avanção:
= O' Deos (Turenna exclama) que és agora
Arbitro do meu Rei, desses Céos desce,
E julga a sua causa; por mim hoje

Peleja, que o valor, sem ter a tua
Máo protectora, he em vão quanto trabalha;
Eu de mim nada espero, e se confio,
He na tua justiça. = Então d'Aumale
Respondeu = Do meu braço tudo espero;
De nós he, que depende esse destino
Dos combates; em vão hum timorato
Implora o Deos Supremo; bem tranquillo
Nos Céos elle a nós mesmos nos entrega;
O partido mais justo he do que vence,
E o valor he sómente o Deos da guerra. =
Fallou: e de hum aspecto todo cheio
De soberba, elle vê a segurança
Modesta, com que o seu rival se porta.

Mas a trombeta sôa; ambos avanção,
O combate fatal em fim começa;
Tudo, quanto já mais em si puderão
O valor, a destreza, a agilidade,

A constancia, a paixão, o ardor, a força,
Se vio de ambas as partes neste choque
Admiravel; cem golpes erão dados,
E reparados logo ao mesmo tempo;
Com furor humas vezes hum sobre outro
Se lança, mas com passo mui ligeiro
Se desvia o contrario; mais unidos
Outras vezes parece, que se apertão;
Espantoso prazer he vellos ambos
No perigo maior; dá gosto vellos
Como se observão, como então se medem,
Se temem, se demorão, se arremeção;
O ferro scintillante desviado
Com arte, nos fingidos movimentos
Engana a vista absorta, e confundida:
Tal se ha visto do Sol a luz brilhante
Quebrar seus raios na agua transparente,
E por outros caminhos já rompendo,
Do crystal puro repassar aos ares:

O expectador attento, sorprendido,
Não o podendo crêr, a todo o instante
Via dos combatentes logo a queda,
Para logo a victoria; mais ardente
He d'Aumale, mais forte, e mais furioso;
He mais destro Turenna, porém menos
Impetuoso; senhor dos seus sentidos
Sem colera animado, pouco a pouco
Faz cançar o seu rigido contrario:
D'Aumale em vãos esforços exhaurido
Tem logo o seu vigor, e assim seu braço,
Já fatigado ao seu valor não serve;
Turenna, percebendo-lhe a fraqueza
Reanima-se então, e vai sobre elle,
De tal sorte o carrega, que de hum golpe
Por fim mortal o peito lhe traspassa:
Envolvido nas ondas do seu sangue
D'Aumale cahe: do Inferno os monstros todos
Tremerão, e estes lugubres accentos

Lá nos ares se ouvirão = Já da Liga
Se ha destruido o Throno para sempre,
Tu o levas, Bourbon, o nosso Reino
Acabou = Todo o Povo corresponde
Com gritos lamentaveis. Já d'Aumale,
Sem vigor estendido sobre a areia,
Ameaçando a Turenna, em vão o ameaça;
Sua espada terrivel já se observa
Da mão cahir-lhe; sim, fallar pertende,
Mas na boca languente a voz lhe espira;
O horror de ser vencido he quem o aspecto
Lhe faz ser mais feroz; ergue-se, e torna
A cahir; abre hum olho agonizante,
Vê a Pariz, e morre suspirando:
Mayenne desgraçado assim o viste;
Tu tremes, tua proxima ruina
Ah! que neste tão horrido momento
Se está offerecendo a teus sentidos.

Os soldados no entanto conduzião
Aos muros de Pariz, a passos lentos,
O corpo miseravel de d'Aumale; (a)
Por entre hum Povo cheio de tristeza
(Que horror!) este espectaculo funesto,
Esta pompa fatal foi caminhando;
Vê cada qual tremendo aquelle corpo
Desfigurado, o rosto denegrido,
Tincto de sangue, a boca hum pouco aberta;
Inclinada a cabeça ensanguentada,
E cubertos de pó os olhos, onde
A morte em seus horrores mais se empenha:
Já se não ouvem gritos, não se observão
Lagrimas; a vergonha, o abatimento,
A piedade, o temor contém as queixas,

(a) O Cavalheiro d'Aumale foi morto neste tempo em S. Diniz, e a sua morte debilitou muito o partido da Liga. O seu duello com o Visconde de Turenna não he mais, que huma ficção, mas estes combates particulares usavão-se então.

Os suspiros suffocão ; tudo treme ,
Cala-se tudo ; hum ruido então terrivel
O horror deste silencio augmenta logo ;
Os gritos dos sitiantes se levantão
Até os Céos ; os soldados , e seus Chefes
Ao Rei supplicão , instão pelo assalto :
Bourbon neste momento lhe modéra
A colera , e valor ; sentio , que ainda
Dentro em si elle amava a ingrata Patria ,
Elle salvalla quiz da propria furia ;
Prompto em favorecer os seus Vassallos ,
Quando era delles mais aborrecido ;
A tempo que perderem-se procurão ,
Elle os quer só ganhar ; feliz se julga ,
Se com sua bondade sujeitando
A féra audacia destes infelices ,
Os pudesse forçar , a que rogassem
Delle o perdão ; podendo destruillos ,
Faz , com que lhe resistão ; aos furores

Lhe deixa em fim Bourbon entregue o tempo
De assim se arrepender: ha previsto,
Que sem assaltos póde, sem combates,
Opprimillos; que a fome, que a penuria,
Mais fortes do que as armas, sem trabalho
Lhe entregaráõ hum Povo sem alentos,
Nutrido na abundancia, costumado
Ao luxo, que vencido de seus males
Pela indigencia, humilde chegaria
A implorar a seus pés toda a clemencia:
Porém o falso zelo (ah! Quem tão duro
Deixara de ceder!) o soffrimento
Lhes ensina, e que a tudo elles se arrisquem.

Os sediciosos pois, a quem poupava
Huma mão vingadora, inda se atrevem
A tomar por fraqueza, o que he virtude
N'hum poderoso Rei; do valor delle
Esquecidos, soberbos abuzando

De tantas graças, já de novo insultão
O seu senhor, affrontão, a quem mesmo
Soube vencellos, chegão finalmente
A infamar-lhe a vingança por ociosa.

Mas quando, em fim, do Sena, posto em sitio,
As aguas conduzir já não puderão
Para a grande Cidade o costumado
Tributo das copiosas sementeiras
Dos seus contornos, quando a fome infausta,
E pallida, em Pariz apparecia,
Mostrando a triste morte, que a poz della
Marchava, então se ouvião espantosos
Alaridos; Pariz de desgraçados
(O soberbo Pariz) se vio encher-se,
Dos que com voz languente, a mão tremendo,
Para a vida o sustento em vão pedião:
O mesmo rico, vendo seus esforços
Baldados, para logo sente a fome

No meio dos thesoiros. Não havião
Nem mais divertimentos, nem mais jogos,
Ou festas, onde todos adornavão
De rosas, e de murtas as cabeças;
Onde em grandes prazeres (que são sempre
De pouca duração) os mais selectos
Vinhos, e os mais magnificos manjares,
Debaixo das abobedas doiradas,
Em que habita a moleza, desafiavão
Do inerte paladar o gosto enfermo.

Com horror, todos esses voluptuosos
Então se vio, que, pallidos, no aspecto
Desfigurados, tendo a morte á vista,
No centro da opulencia perecendo
De miseria, detestão por inutil
De seus bens a abundancia; aquelle velho,
Cuja fome termina já seus dias,
Vê que espira no berço sem soccorro

O cáro filho alli desfalecendo
Huma familia inteira perde a vida;
Mais adiante, lançados sobre a terra
Mil outros infelices, disputando
Estão inda nos ultimos instantes
Sobre sordidos restos, vãs reliquias
De huns alimentos vís. Estes espectros
Famintos, ultrajando a natureza,
Vão demandar ao seio dos sepulchros
O sustento; dos mortos, e já podres
Ossos, como se fosse hum puro trigo,
Dispõe (que horror!) o pão: que não obrigão
A tentar as mizerias mais extremas!
Das cinzas de seus Pais elles se nutrem,
Porém esta iguaria detestavel
Mais lhes apressa a morte, (*b*) este alimento
Em fim lhes serve de ultima comida.

(*b*) O Embaixador de Hespanha foi, o que aconselhou, a que dos ossos dos mortos fizessem pão, mas

Com tudo os Sacerdotes, (*c*) esses impios
Fanaticos Doutores, que bem longe
De terem tambem parte nas miserias
Publicas, dirigindo seus paternos
Cuidados tão sómente para ás proprias
Necessidades, todos na abundancia
Vivião sempre, á sombra dos Altares, (*d*)

---

isto servio de abreviar mais os dias a muitos milhares de homens.

(*c*) Se he certo o que se afirma destes Ecclesiasticos, he esse facto hum argumento forte da sua avareza, e inhumanidade; mas os costumes (como já n'outra parte se advertio) em nada pódem detrahir á doutrina sancta do Evangelho, que tão claramente recomenda a compaixão para com os nossos similhantes, a quem manda amar como a nós mesmos, e por consequencia soccorrellos na sua miseria, e indigencia. (*Nota do Editor*)

(*d*) Fez-se revista (diz Mezeray) nas casas dos Ecclesiasticos, e nos Conventos, e se acharão todos com provimento, inda os mesmos Capuchinos, para mais de hum anno.

Attestando a paciencia do Deos, que elles
Tanto ultrajavão, promptos acudião
Por toda a parte a dar esforço ao Povo
Para a constancia: a huns, a quem a morte
Hia a cercar os olhos, patenteavão
Suas mãos liberaes dos Céos as portas;
Ao mesmo tempo a outros, d'hum austéro
Golpe de olho profetico, mostravão
O raio abrazador todo eminente
Sobre hum Principe herege; os numerosos
Soccorros, sem demora alli chegados,
A pôr salvo a Pariz, em fim té prompto
Do Céo o Manná, cahindo já sobre elles;
Ah! Que estes contos vãos, estas promessas
Estereis, mais, e mais inda encantavão
A tantos desgraçados, muito faceis
De se enganarem; elles seduzidos
Pelos Padres, tambem amedrontados
Dos Dezeseis, submissos, e contentes,

Aos pés delles morrião: na verdade,
Porque a vida abandonão, são felices.

D'hum montão de Estrangeiros a Cidade
Repleta estava; tigres, que em seus seios
Nossos Avós nutrirão; mais terriveis,
Que a mesma morte, a guerra, e do que a fome:
Huns que vierão das Belgicas campanhas,
Outros lá dos penhascos, e dos montes
Da Helvecia, (*e*) todos barbaros, que ostentão
A guerra por officio, e as suas vidas
Não duvidão vender, a quem lhas pague:
Destes novos tyrannos as famintas
Tropas poem cerco ás casas, e furiosas
Rompem as portas; dentro aos assustados

(*e*) Os Suissos, que estavão em Pariz a soldo do Duque de Mayenne, ahi commetterão terriveis excessos; he sobre elles sómemte, que cahe o nome de barbaros, e não sobre a sua Nação, por ser esta huma das mais respeitaveis do mundo.

Hospedes vão ferir com mortaes golpes,
Não por lhes arrancar os seus inuteis
Thesoiros; não porque roubar pertendão
Com huma mão adultera huma filha
Chorosa á pobre Mãi, que treme em sustos;
Sim, a necessidade, de huma fome
Tão cruel, que os devóra, mostra nelles
Suffocar qualquer outro sentimento,
Só porque se alimentem por hum pouco
De tempo; este era o fim de huma espantosa
Diligencia; indo apoz desta fortuna,
Crueldade não houve, nem supplicio,
Que delles o furor não inventasse.

Huma mulher (*f*) (O' Deos!) he necessario
Conservar na lembrança a narrativa

(*f*) Esta historia he contada em todas as memorias do tempo. Similhantes horrores acontecerão tambem no sitio da Cidade de Sancerre.

Horrenda d'huma historia tão funesta!
Huma mulher se achou destituida
D'hum resto de alimento, por huns destes
Corações inhumanos; dos bens, que ella
Vio, que a cruel fortuna lhe roubara,
Hum filho lhe restava, já propinquo
A espirar, como a Mãi; ella furiosa
Com hum punhal na mão chega-se ao filho
Innocente, que os braços lhe estendia:
A infancia, sua voz, seus attractivos,
Sua miseria á Mãi enfurecida
Mil lagrimas lhe arrancão; ella volta
Sobre elle então seu rosto perturbado,
Cheio de amor, de raiva, de piedade,
E de pezar; o ferro por tres vezes
Se lhe escapa da mão desanimada;
Arrebatou-se em fim dos seus furores,
E com tremula voz amaldiçoando
O hymeneo, e o ter sido ella fecunda,

= Cáro filho (lhe diz) tu, que sahiste
Destas minhas entranhas desgraçado,
De balde recebeste a triste vida;
Os tyrannos, e a fome bem depressa
Ta roubaráõ; mas filho, porque he justo
Que vivas? Para errante, e sem ventura
Andares em Pariz chorando sempre
Sobre as suas ruinas? Não; morre, antes
De sentires meu mal, e as tuas penas;
Torna-me a vida, e o sangue, que te ha dado
Tua Mái; este meu infeliz peito
Te sirva de sepulchro; hum novo crime
Veja ao menos Pariz em seus trabalhos. =
Dizendo estas palavras delirante,
E furiosa, no peito de seu filho
A mão tyranna enterra, estremecendo
O ferro parricida; para junto
Do fogo ella o corpinho ensanguentado
Conduz, e com o braço, pela sua

Cruel fome impellido, então prepara
Sofregamente a barbara comida.

Attrahidos da fome os impetuosos
Soldados, a guiar tornão seus passos
Para esta habitação toda de horrores:
He delles o transporte similhante
A' alegria cruel, que occupa os Ursos,
E os Leões, quando cahem sobre a preza:
Huns, e outros á porfia vem furiosos,
E mettem dentro as portas; mas que espanto!
Que terror! Junto a hum corpo ensanguentado
Se mostra á vista delles perturbada
Huma mulher, de sangue toda immunda:
= Sim, he meu proprio filho, crueis monstros,
Sois vós, que no seu sangue haveis tingido
Minhas mãos; de sustento pois vos sirvão
A Mâi, e o filho, acaso estaes receando,
Mais do que eu, ultrajar a natureza?

Que horror eu vejo em vós, que assim parece
Vos gela a todos? Tigres, taes regalos
Para vós se dispoem = Este discurso
Insensato, que a colera lhe inspira,
D'hum punhal he seguido, que em seu peito
Ella crava: agitados, e confusos
Do horror deste espectaculo, já fogem
Estes monstros crueis espavoridos:
Não ouzão mais olhar para esta casa
Terrivel; pensão ver cahir sobre elles
Fogo celeste, e o Povo já cançado
De ver o horror fatal do seu destino,
Erguia as mãos ao Céo, pedia a morte.

Até as tendas do Rei forão as queixas;
Seu coração moveu-se, compungirão-se
Suas entranhas; sobre o infiel Povo
Elle se vê chorar: O' Deos (diz elle)
Deos, que nos corações sempre estás lendo,

Que vês tudo, o que eu posso, que conheces,
Quanto emprehendo; tu és o Juiz da causa
Entre Henrique, e os da Liga; a ti, bem sabes,
Que eu as mãos innocentes erguer posso;
Eu estendia os braços aos rebeldes;
Não cáião sobre mim suas desgraças,
E seus crimes. Mayenne por seu gosto
Estas victimas ha sacrificado,
Elle impute, se quer, tantos desastres
A' obrigação preciza; he esta a escusa
Dos tyrannos; as penas, as miserias,
Elle faça augmentar de meus Vassallos
Por elle seduzidos; inimigo
Elle he delles, ser Pai a mim me toca,
Alimentar meus filhos me pertence,
E arrancallos dos lobos devorantes:
O meu Povo deveo aos meus favores
O armar-se contra mim; eu por salvallo
Arriscarei perder o meu diadema;

Elle viva, eu o quero; não importa
A que perço; inda mesmo a pezar delle,
Salvemo-lo com tudo dos que forão,
E são seus verdadeiros inimigos:
E se muita piedade em fim me custa
O meu Imperio, ao menos me contento,
Que em meu tumulo possa ler-se hum dia
= Henrique hum inimigo generoso
De seus Vassallos, que antes ha querido
Vellos salvos, do que reinar sobre elles. =

Fallou: e ordena logo (*g*) se avisinhe
Sem estrondo o exercito ás muralhas
Da Cidade faminta; que se levem
Aos Cidadãos da paz bellos annuncios,

(g) Henrique IV. foi tão bom, que permittia aos seus Officiaes (como diz Mezeray) que mandassem refrescos ás Damas, e aos seus amigos antigos: a exemplo dos Officiaes os soldados o fizerão tambem.

E que, em vez de vingança, só se tracte
De beneficios. Promptas obedecem
Ao supremo preceito as suas tropas:
Os muros se guarnecem n'hum instante
De immenso Povo; então se vém sobre elles
Chegar a passos lentos esses corpos
Inanimados, pallidos, trementes;
Taes, como se fingia em outro tempo,
Que dos Reinos escuros esses Magos
Ao seu mando faziáo vir as sombras,
Quando com sua voz elles detinhão
Do Cocyto as correntes, e chamavão
Os infernos, e as almas vagabundas.

De que excessivo assombro não se occupão
Estes agonizantes, quando admirão,
Que se aprompta a nutrillos elle mesmo,
O inimigo cruel? Atormentados,
Destruidos pelos seus bons defensores,

Achão nos que os perseguem a piedade ;
Todos estes successos elles tinhão
Por incriveis ; os piques formidaveis
Vião diante de si ; vião os bronzes ,
Instrumentos que são das tyrannias
Da sorte ; as lanças , sempre conductoras
Do estrago , agora vião , que , auxiliando
De Bourbon a vontade generosa ,
Nas pontas de hum ensanguentado ferro
A vida lhes trazião ; = Pois são estes
(Elles dizem) aquelles crueis monstros ?
Este o Tyranno aos homens tão terrivel ?
O inimigo de Deos , que assim nos pintão
De colera tão cheio ? Ah ! que he esta
A mais brilhante imagem do Deos vivo ;
He hum Rei bemfeitor , sacro modelo
Dos mais Principes ; nós viver debaixo
Das suas leis já mais lhe merecemos ;
Elle triunfa , e perdoa ; a quem o offende

Elle ama; possa todo o nosso sangue
Firmar o seu poder. Nós muíto dignos
Da morte, de que Henrique nos izenta,
Consagremos-lhe o resto desses dias,
Que elle nos ha piedoso conservado.

Daquelles corações enternecidos
Esta foi a lingoagem: mas quem póde
D'hum inconstante Povo assegurar-se,
Cuja fraca amisade em vãos discursos
Se dissipa; que algumas vezes se ergue,
Mas que sempre a cahir torna de novo!
Os Sacerdotes, esses que mil vezes,
Por meio da eloquencia mais funesta,
Accenderão os fogos, que violentos
Consumirão a França, a este Povo
Humilhado se vão mostrar em pompa
= Combatentes sem animo (lhes dizem)
E Christãos sem virtude, de que indigno

Encanto vos deixaes enganar todos?
As palmas do martyrio já vós fracos
Desconhecis? Soldados do Deos vivo,
Quereis antes viver para ultrajallo,
Do que morrer por elle? Desde o Empyreo
Vos está Deos mostrando as suas c'roas;
Christãos, não esperemos, que hum Tyranno
Nos haja de perdoar; á sua Seita
Criminosa reunir-nos só pertende;
Com esses pois seus proprios beneficios
Tractemos de o punir; os Templos Sanctos
Desse seu culto heretico salvemos. =
Assim he que prégavão: suas vozes
Fanaticas, senhoras do vil Povo,
E terriveis aos Reis, calar fazião
A voz dos beneficios recebidos;
Tornando alguns então á antiga furia,
Promptamente em segredo se accusavão
De deverem a vida ao grande Henrique.

Por entre estes clamores, e por entre
Estes gritos odiosos, a virtude
Deste Rei até os Céos ha penettado;
Luiz, que velou sempre, nas alturas
Da abobeda divina, sobre a raça
Dos Bourbons, de quem elle era principio,
Conhece em fim, que os tempos caminhaváo
A serem já cumpridos, e que o excelso
Rei dos Reis o seu filho adoptaria:
Fóra do coraçáo lhe lançou logo
Os encantos; a fé enxugar veio
Os seus olhos de lagrimas banhados;
Veio adoce esperança juntamente
Com o amor paternal, que conduziráo
Seus passos junto aos pés do Deos Eterno.

He no meio das luzes d'hum perenne,
E puro fogo, que (antes lá dos tempos)
O seu Throno immutavel Deos ha posto:

Debaixo de seus pés o Céo se fórma;
De differentes astros sempre o curso
Regulado o annuncia ao Universo;
Hum Poder, hum Amor, á Intelligencia
Associados não só, mas divididos,
Compoem a sua essencia; na doçura
De huma paz immortal, de huma torrente
De gostos os seus Sanctos engolfados,
Penetrados não só da sua gloria,
Mas delle mesmo cheios, á porfia
Adorão sua immensa Magestade:
Em frente delle estão os abrazados
Seraphins, a quem elle ha commettido
Do Universo os destinos; elle falla,
E vão elles mudar da terra a face;
Das potencias do seculo são elles
Que a raça diminuem, entre tanto
Que os humanos, infame jogo do erro,
Dos eternos conselhos sempre accusão

O sublime; por elles se vio Roma
Castigada, e sujeita; aos bravos filhos
Do Norte foi entregue toda a Italia,
Hespanha aos Africanos, e a Cidade
Sancta, aos que de Mafoma o rito seguem;
Todo o Imperio ha cahido, todo o Povo
Ha tido seus Tyrannos; porém esta
Impenetravel, justa Providencia
Náo deixa prosperar sempre a arrogancia;
Sua bondade algumas vezes pende
A inclinar-se aos humanos, e entáo passa
Dos Reis o Septro ás mãos mais innocentes.

Eis o Pai dos Bourbons já se apresenta
Aos seus olhos, e em meio dos suspiros
Com voz enternecida assim lhe falla:
= Pai do Universo, eu sei, que algumas vezes
Honras de huma só vista os Reis, e os Póvos;
Olha o Povo Francez, como rebelde

Aõ seu Principe he; se elle quebranta
As tuas leis, por fiel he que assim obra;
Cégo pelo seu zelo não attende,
Que te desobedece; em só vingar-te
Pensa, quando traidor a ti se mostra:
Vê esse Rei triunfante, que he da guerra
Raio, exemplo, e terror, gloria do mundo;
Com tal virtude pois has tu formado
Seu coração, e agora assim o entregas
Aos laços do erro? He ponto muj preciso,
Que obra das tuas mãos a mais perfeita
Offereça ao seu Deos, ao Deos, que adora,
Huma impura, e culpavel homenagem?
Ah! se ignorar teu culto o grande Henrique,
Por quem o Rei dos Reis quer, ou pertende
Ser adorado? Ah! digna-te dar luzes
A hum nobre coração, que foi criado
Para te conhecer; hum filho á Igreja
Benemerito dá, e hum Rei á França;

Dos da Liga obstinados desordena
Os projectos; dá o Principe aos Vassallos,
E os Vassallos ao Principe; tu pódes
Fazer, que os corações todos unidos
Tua justiça adorem, e te offereção
Hum mesmo sacrificio em Pariz todos.

De seus rogos o Eterno já se deixa
Penetrar; por palavra, que se digna
Dar-lhe da sua boca, elle o assegura:
A' sua vóz Divina os mesmos astros
Se abalárão, tremeu com ella a terra,
Os Ligados tremerão; de improviso
Henrique, que nos Céos havia posto
Toda a sua firmeza, bem presume,
Que o Altissimo por elle se interessa.

De repente a verdade, essa que ha muito
Se espera, dos humanos sempre amada,

Muitas vezes porém desconhecida,
Para as tendas do Rei desce da altura
Lá dos Céos; logo hum véo espêsso a impede
De ser vista de algum; de instante a instante
As sombras, que a escurecem, vão cedendo
A' clara luz dos fogos, que as dissipa
Pouco a pouco; ella em fim se manifesta
A seus olhos, de a verem já contentes,
Não com falso brilhante, sim com hum claro
Esplendor, que já mais não alucina.

Henrique, cujo peito sempre illustre
Para ella era formado, vê, conhece,
Adora em fim a sua luz eterna;
Com fé confessa já, que he muito acima
Do homem a Religião, que ella confunde,
Ella assusta a razão; já reconhece
A Igreja, cá na terra combatida,
A Igreja huma só sempre, dilatada

Por toda a parte; livre, mas debaixo
D'hum Chefe; em fim a Igreja, que respeitá,
Que adora, nos milagres dos seus Sanctos,
Do seu immenso Deos toda a grandeza.

Christo por nossas culpas renascida
Victima, distribuido em hum vivente
Sustento aos seus amados, e escolhidos,
Desce sobre os Altares: consternados
De Henrique os olhos, elle então descobre
Debaixo alli do pão, que não existe,
Hum Deos Eterno; rende-se obediente
Seu coração, entrega-se aos mysterios
Sanctos, a seu juizo incomprehensiveis.

Luiz neste momento, em que completa
Seus desejos, Luiz, na mão trazendo
A oliveira da paz lá dos Céos desce
Em demanda do Heróe, que tanto estima;

Aos muros de Pariz vai elle mesmo
A conduzillo ; os muros abalados
A' sua voz se abrirão : elle em nome
Do Deos, que faz, que os Reis a reinar cheguem,
Entra então ; (*h*) òs da Liga confundidos,
As armas humilhando aos pés de Henrique,
Com lagrimas os banhão ; ficão mudos
Os Sacerdotes ; pallidos, e cheios
De susto os Dezeseis, em vão procurão
Para occultar-se as grutas mais distantes ;
Todo o Povo, mudado neste dia,
O seu Rei verdadeiro reconhece,
Seu vencedor, seu Pai o acclamão todos.

(*h*) Este bloqueio, e esta fome de Pariz tem por Epoca o anno de 1590, e Henrique IV. não entrou em Pariz senão no mez de Março de 1594. Elle se havia feito Catholico em Julho de 1593, mas foi preciso trazer para aqui estes tres grandes acontecimentos, porque se escrevia hum Poema, e não huma historia.

Desde então se admirou feliz, glorioso
um reinado, que tendo seu principio
ão tarde, tão depressa teve o termo:
Hespanhol assustou-se; justamente
oma já mitigada, não duvida
doptar a Bourbon; Roma se ha visto
elle amar-se. A Discordia tornou logo
entrar na noite eterna; em fim Mayenne
hum Rei reconhecer foi reduzido;
já mudado em tudo, submettendo
eu coração fiel, suas Provincias,
o mais justo dos Principes foi elle
Vassallo melhor, que a França vira.

Fim do II. Tomo. e ultimo

folha 336

HENRIADA.

